BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

REVISTA DA SEMANA

Nº 3 ★ 20-1-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **FALA GETULIO VARGAS**

O SIGNIFICADO DAS VITÓRIAS DE 1930 E 1950 - O PROBLEMA DO TRIGO E A PALAVRA DO SR. BATISTA LUZARDO



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL

APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

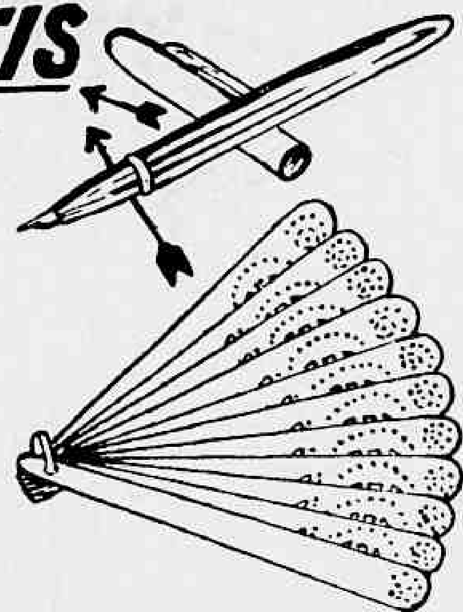
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata com gravação de um verso religioso

CASAS ROULIEN

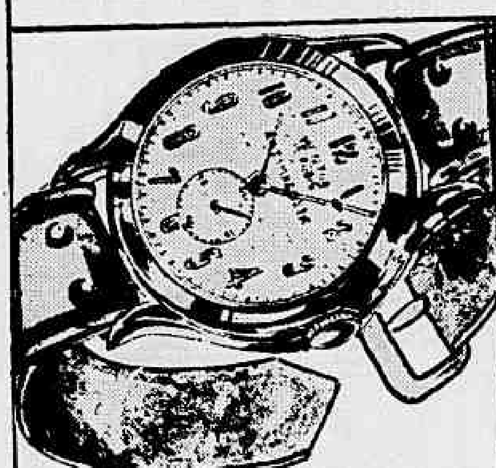
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por preçode reclame.

GRATIS



Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

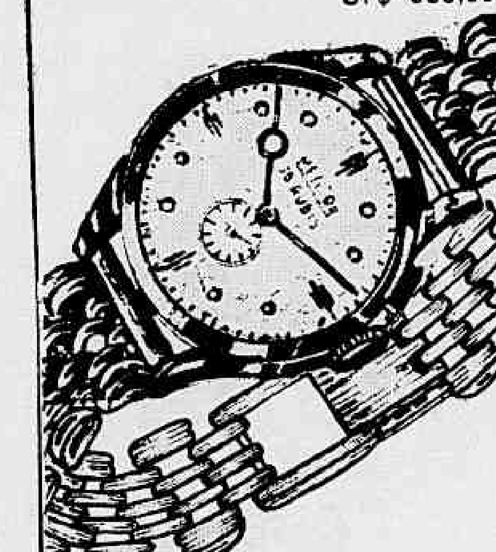
Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis. Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!..Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia —Cr$ 575,00



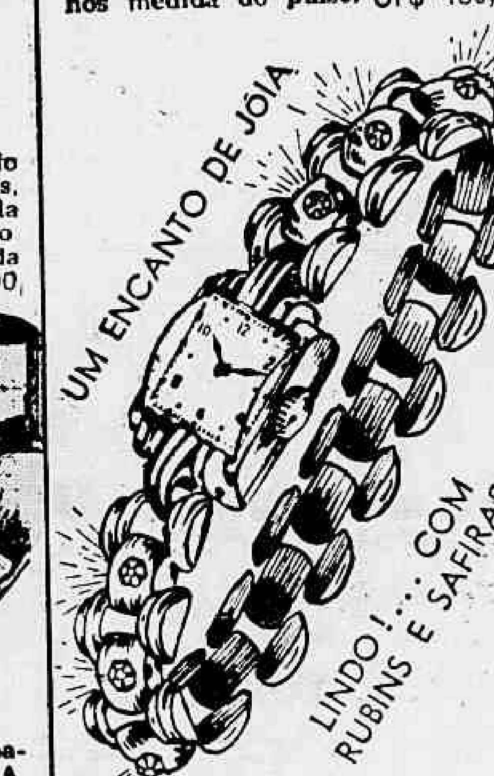
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



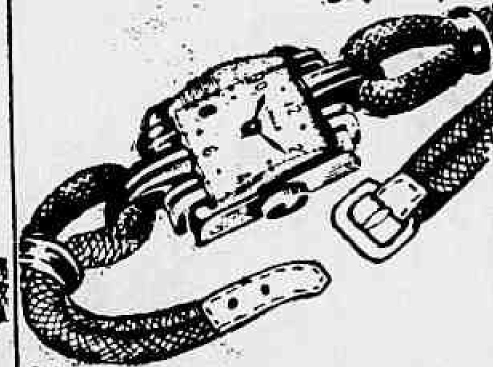
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envienos medida do pulso. Cr$ 489,00



24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



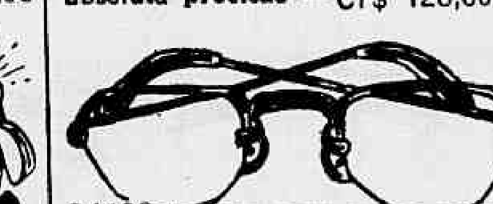
24133 — MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envienos a medida do pulso. Cr$ 133,00



24144 DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00

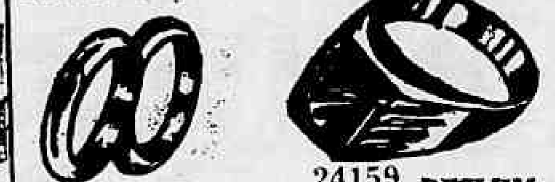


24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110 00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou aramo a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



24165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da Republica em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

24170 BRINCOS CORAÇAO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00





24140 COLARES DE PÉROLAS — Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
24141 Com duas voltas Cr$ 89,00
24142 Com três voltas Cr$ 136,00



24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDÔNEOS E COM ÓTIMAS REFERÊNCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



24203 — DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



24167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00



24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00



24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.



24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis. Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.





24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543, 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM À DOMICÍLIO — FONE 49-0419

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Os gregos cáem no samba (Sylvio Silveira) 4/5
48 horas na Estância S. Pedro (Celestino Silveira) 24/31



ATUALIDADES

Um americano à frente do exército europeu 13/15
Bilhete de Paris 33



LITERATURA

Reajustando contas com o século (Jaci Rêgo Barros) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 10/11
Olfato de Papagaio (Otto Prazeres) 22
Maria Bambá (Luiz Canabrava) 23
Um caso de amor (José Alpha) 32
A visita dos Imperadores (Mario Sette) 42



SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 7
Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
Palavras Cruzadas 18
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 40
Tudo isto aconteceu 47/49



HUMORISMO

Brotinhos (Nicodemus) 6
Alvo Errado (Théo) 9
Êste mundo e o outro (Darcy) 12



TEATRO

Procópio — João Gangorra 16/18



FEMININAS

Variados 34
Quadriculados 35
Algodão 36
Blusas modernas 37
Week-End na Cozinha 38/39
Em Branco 44



FOLHETIM

Sua primeira conquista 46



FOTOS:

Sylvio Vieira — Sabino Canalini — Celestino Silveira — Lauro Porto — Avulsas



ILUSTRAÇÁES:

M. Queiroz — Alberto Lima



BONECOS:

Rafael

NA CAPA:

Estelita Rodrigues

(Foto Republic)



REAJUSTANDO contas com o século

HÁ muitos séculos, milênios mesmo, inteligências de escol, videntes penetrantes, e eleitos de Deus, assim como Jesus, entenderam a necessidade inarredável de uma compreensão entre os homens para que o Mundo se fizesse em "habitat" de entendimento puro e de concórdia. Brilhantes conceitos foram emitidos em redor dêsse tema, e os Evangelhos são provas disto, como possivel norteamentos para êsse objetivo.

Mas, o Mundo era muito grande! As distâncias faziam-nos tontear com a simples idéia de as mensurar. E, por causa disto, o Mundo, que é a nossa mansão planetária, fêz-se em muitos mundos, dentro de cada um dos quais os homens falavam linguas diferentes, indo essa diferenciação a ponto de apreciar de modo também diferente a mesma beleza. Assim, por exemplo, o Sol, promissor para uns, quando amanhece, torna-se prometedor para outros quando se oculta entre os recortes da serrania afastada.

E, dentro dessa separação, foram realizadas evoluções parciais, às vêzes, desconhecidas umas das outras e, por vêzes, mal pressentidas. "Mas, o tempo, que anda e não repousa", foi tocando a todos para diante sem consultar-lhes os propósitos de paz ou de guerra, de progresso ou de estagnação.

Dentro de cada continente, processaram-se evoluções separadas e alevantaram-se barreiras estanques, forçando desconhecimento uns dos outros.

Na borealissima Ásia, assim aconteceu. Dizemos borealissima, porque aquêle continente se alarga e se distende no hemisfério norte, não mimoseando o equador com quaisquer contactos com as suas peninsulas mais meridionais.

As grandes cordilheiras asiáticas não criaram obstáculos apenas ao livre curso dos ventos, forçando climas de extremos no maciço continental; vemo-las agir de igual sorte no atinente aos entrelaces das civilizações continentais.

Se, no centro continental, uma civilização se cristaliza, fazendo alevantar-se o Império do Meio, pois é isto o que quer dizer China, no Sul, outra civilização se ergue, prestando relevantes serviços à causa mundial; assim, é da India de que falamos.

Asiatissimas, as duas civilizações tendo apóstolos e construtores próprios, vêmo-las tão distantes uma da outra, que Hovellac, especialista em assuntos extremo-orientais, chega a dizer que, "saindo da India e entrando na China, temos a impressão de ingressar noutro planêta."

Mas, de certo que sim! Não são estranhos à Ásia os da civilização árabe? E nos extremos nórdico-ocidentais do Continente?! Porções gregárias se partem e se repartem nos mais variados niveis culturais, assim como pelas ilhas que se espalham pelo Pacifico.

Além dos Urais, além do Cáucaso, a terra firme prossegue subordinando-se a outra denominação continental, por convenções dos eruditos, e isso porque, deveras, continentalmente não sabemos bem onde acaba a Ásia e onde começa a Europa.

Aos poucos, de manso e de vagar, e com o correr dos séculos foram sendo realizados os contactos intercontinentais pelas mais variadas formas, que vão do choque violento de armas de tropas invasoras, ao mansissimo flutuar de CÔCOS, vindos a boiar pelos mares em fora, firmando-se em praias americanas, depois de uma viagem enorme.

Se o papel, a quem a cultura muito deve em tôda a parte, veio da China para a Europa, as gentes desta banda do mundo retribuem o serviço enorme, mandando estações de rádio para a China.

Nos dominios econômicos, as evoluções foram diferentes, e, em primeiro, a máquina revolucionarissima, convulsionou a usança e economia européia, para depois ir até lá.

Duzentos anos de distensões maritimo-militares, tangeram influências politico-econômicas européias para as bandas da Ásia, fixando atuações por vêzes preponderantes demais.

O século XX, com as suas guerras, com as suas revoluções econômicas e com as suas descobertas, aprimorando as do século anterior, anula a distancia, fazendo o Mundo pequenos demais, antes de os espiritos haverem chegado a um nivel superior de compreensão.

A essa altura dos acontecimentos, verificamos que o encurtamento das distâncias nos leva ao famoso "UM MUNDO SÓ", descrito por Willky, havendo necessidade urgente de legislarmos para êle.

E, como legislar para UM MUNDO SÓ? Fazê-lo na base de movimentação de tropas, contadas aos grupos de milhões de homens, prussianizando-se de uma hora para outra o Império do Meio?

Talvez não. No principio do século, o Japão assim imaginara e não acertou o passo.

O reajuste feito pelo Império do Meio precisa ser feito, tanto por êle quanto por grupos quase que ainda tribais, que o Mundo ainda possui, mas acreditamos que, com o grande choque de armas, êsse reajuste possa esbarrar-se, porque as democracias neo-burguesas também possuem armas.

E, como os dias que correm deram-nos a felicidade de compreensão da existência de UM MUNDO SÓ, somos dos que crêem que, em uma encruzilhada qualquer dêsse MUNDO SÓ, ainda se torne possivel um acêrto de contas com o século, firmando-se, assim, um armisticio longo, durante o qual o espirito humano possa falar uma linguagem só, a que nos afirma a existência de recursos que façam os homens menos infelizes, num "habitat" planetário que tem possibilidades naturais para se tornar um simile de céu.

JACÍ DA COSTA BARROS



O Ministro Ildefonso Falcão (à esquerda), pede explicações a João Paraguaio(que é carioca da rua dos inválidos), sôbre como se faz uma cuíca. Bisoca, Paraguaio e França, os baluartes da festa do samba na Grécia, animam o ambiente. Era ordem não permitir silêncio. À direita, um Carnaval evocado para matar saudades. Houve «cordão», frevo, samba e uma boa feijoada

OS GREGOS CAEM NO SAMBA

Obstáculos criados à estréia da Orquestra Fon-Fon, em Atenas ★ "A música brasileira tem de ser apresentada ainda que chova de baixo para cima", declara o Ministro do Brasil ★ E o Ministro Venizelos resolve tôdas as dificuldades ★ O frêvo levou a melhor ★ Feijoada para comemorar o acontecimento, promovida pela Embaixatriz Berta Falcão

Reportagem de SYLVIO SILVEIRA

ATENAS, dezembro — (Especial para a REVISTA DA SEMANA) — A história começou assim: Em setembro, logo após a temporada na Sicília, onde o samba viu mais uma vez o seu prestígio confirmado, surgiram contratos que deveriam ser assinados para a Áustria, Alemanha, Egito, Holanda e Grécia. Depois de minucioso estudo, ficou decidido que o mais indicado seria o da velha Grécia, pela sua tradição e porque levaríamos a primeira orquestra estrangeira para atuar na terra de Sócrates. Não houve dúvidas, o contrato foi fechado, tudo foi resolvido e agora era aguardar instruções do empresário.

Mas foi aí que começaram as dificuldades. O fato de haver uma lei que não permite a entrada naquele país, de orquestras estrangeiras, complicava tudo. Para se ter uma idéia das proporções que o caso atingiu, é bastante dizer que uma parte da imprensa grega desencadeou contra nós forte campanha, taxando os elementos de orquestra como espiões que, por detrás dos tamborins, reco-recos e pandeiros, escondiam inimigos da tranqüilidade pública. Usando do cérebro, o empresário procurou o ministro do Brasil, a quem expôs a situação, enquanto os componentes da orquestra aguardavam em Roma — a segunda pátria dos brasileiros — a resolução dêsse problema.

— Pois a música brasileira será apresentada na Grécia, ainda que tenha de chover de baixo para cima... — foram as palavras do ministro Ildefonso Falcão ao saber do sucedido. S. Excia. procurou o caminho mais curto, dirigiu-se ao Primeiro Ministro Sofocles Venizelos, a quem expôs a situação. Essa conferência estendeu-se por duas horas e após tudo ficou solucionado: entraríamos no território grego quando julgássemos mais oportuno. Uma comunicação a Roma, a hora do embarque marcada, e dois dias depois um avião especial transportava Fon-Fon e seus rapazes, da Itália para a Grécia.



Madame Fon-Fon coroa Bisoca, assistido pela Embaixatriz e Maby Daniels.

Deveria a temporada ser iniciada em Salonique, pois a "Boite" Brasil — nome usado com a devida permissão do nosso ministro — só estaria pronta em novembro. Era enorme a expectativa em todo o país, em vista da publicidade gratuita que os jornais haviam feito. No mais famoso hotel negro, o Mediterrâneo de Salonique, debutou o conjunto brasileiro a 21 de outubro, numa noite extraordinária e memorável. O público, numeroso, com o que há de mais elegante e fino, se aglomerava nos salões. Quando a orquestra apareceu no "grill", o fêz debaixo de estrepitosos aplausos. Depois do prefixo musical (Aquarela do Brasil), o samba entrou rasgado — e os gregos o dançaram a valer. Dançaram depois a marcha, o samba-canção e, finalmente, o frevo, que foi de uma consagração absoluta. Três dias depois da estréia, os rapazes de Fon-Fon tornavam-se os quindins das garôtas gregas, que por sinal mantêm ainda a tradição de beleza e finura espiritual de suas ancestrais.

Em Salonique, o samba fêz praça

Espôsas dos rapazes da orquestra Fon-Fon fazem companhia à Embaixatriz Berta Falcão, enquanto Maria Teresa canta «Boneca de Pixe» (à esquerda). Baiano dá uma aula de frevo e mostra que sabe requebrar (ao centro). A direita, o Min. I. Falcão palestra com Fon-Fon, que tem a seu lado Galba Samuel dos Santos, e Sílvio Silveira troca impressões com P. C. Magno.





Num dueto, Bisoca improvisa o samba «Lisaura», de parceria com a menina Maria Teresa (à esquerda). O Min. Inldefonso Falcão dava o exemplo para animar as dansas. E não perdeu um samba (ao centro). Saxofone e cuíca travam dueto em perfeita linguagem carnavalesca. As marchas, sambas e canções dos últimos carnavais, deram a nota. E o frevo foi um dilírio.

até 16 de novembro, quando se encerrou a temporada. Na noite de despedida, o Hotel Mediterrâneo foi ocupado pelos elementos de melhor categoria social. "Copacabana", "Baixa do Sapateiro", "Bate-Palma", "General da Banda", "Coroa do Rei", "Nêga Maluca", tudo isso foi decorado e dançado pelos gregos, que são de uma espontâneidade admirável. No dia seguinte, às 7 da manhã, ainda se dançava com vontade. Saímos da "boite" diretamente para o aeroporto em automóveis, "jeeps", camionetes, repletos de gente amiga. Todos iam despedir-se da cuica e do pandeiro. Duas horas mais tarde, o avião especial rumava para Atenas e, ainda a três mil metros de altura, até a tripulação do aparelho se deliciava com a nossa música. A ponto de o comandante, em dado momento, deixar o contrôle do avião para mostrar seus dotes de bom dançarino...



Grupo batido antes do almôço: brasileiros e convidados gregos.

★

Mas, os inimigos da música brasileira não podiam encerrar a batalha sem novos golpes traiçoeiros. Às dez horas da manhã de 17 de novembro, tudo era curiosidade pela inauguração da "Boite" Brasil. Convites haviam sido expedidos em grego, francês e inglês, a todo o Corpo Diplomático, a altas autoridades, a famílias de eleição, tudo fazendo prever um sucesso completo.

As repartiçes públicas encerram, em Atenas, seu expediente às 13,30 horas. Pois, exatamente a essa hora, para impedir que houvesse tempo de tomar qualquer providência — a autoridade competente expediu uma ordem sumária: Todos os artistas e músicos teriam permissão de trabalhar na "boite", com exceção da orquestra brasileira Fon-Fon. Em face dessa decisão irrevogável, que fazer? Ordens haviam sido dadas, pelo telefone, ao Chefe de Polícia, para que se prendessem artistas brasileiros ou o proprietário da "boite", caso aquelas determinações fôssem desobedecidas. Diante dêsse conflito, o bom homem entendeu-se com Fon-Fon, explicando que seria mais conveniente transferir a estréia, até se normalizar a situação.

Fon-Fon apressou-se em comunicar o ocorrido ao Ministro do Brasil. Isso foi o mesmo que jogar uma pedra em casa de maribondos. Tudo ficou a postos em defesa da rapaziada. Um dos primeiros foi Paschoal Carlos Magno, agindo com muita diplomacia. Outro, Galba Samuel dos Santos, secretário da Legação. Todos se movimentaram com inteligência, sob a orientação do ministro Ildefonso Falcão, e, por fim, tudo voltou às boas. Nova conferência com o Primeiro Ministro Venizelos — um grande amigo do Brasil, é bom frisar — e aquelas ordens absurdas rema revogadas. Não foi o sr. Venizelos assistir à estréia em virtude de compromissos anteriormente assumidos, mas lá estêve espiritualmente e impedindo que novas perseguições nos fôssem movidas.

★

Quando os gregos ouviram os primeiros acordes da "Aquarelá", apesar das formalidades protocolares, deram para remexer-se nas poltronas. E a dança começou quando ainda estavam sentados damas e cavalheiros. Todo o repertório brasileiro foi desenvolvido e repetido um sem-número de vêzes. Foi no auge da alegria que a embaixatriz Berta Falcão, sem conter o seu entusiasmo, dirigiu-se a Fon-Fon e a seus rapazes, convidando-os para uma feijoada comemorativa dessa esplêndida vitória.

Porque, só com uma feijoada, acontecimento tão expressivo poderia ser festejado...

★

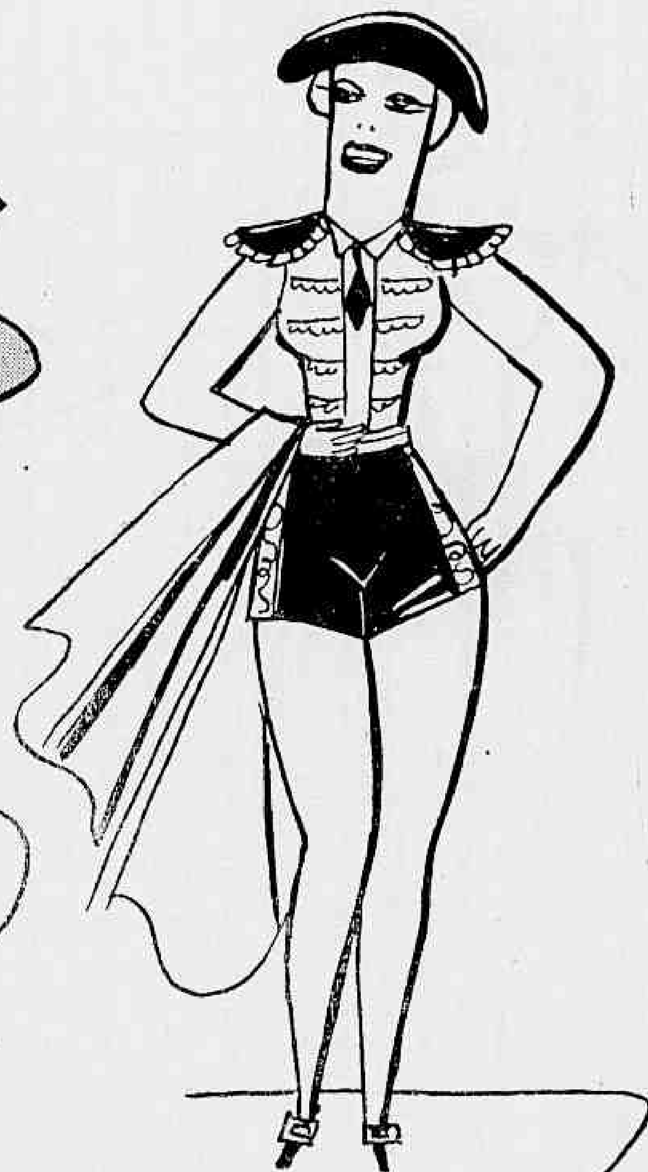
A data para esta comemoração não podia ser mais significativa. Festejava-se o terceiro aniversário do início desta vitoriosa temporada européia de Fon-Fon, e também a data natalícia de um dos baluartes do conjunto, o clarinetista Bisoca. Presidiu ao almôço a embaixatriz Berta Falcão, secundada pela sra. Fon-Fon e Maby Daniels, cantora da orquestra, tendo transcorrido em ambiente de grande cordialidade. O almôço terminou com um baile que se prolongou até o anoitecer. E aí está como tudo terminou da melhor maneira. Hoje, os gregos dançam o samba com vontade, adoram o frevo e decoram a letra do "General da Banda" como qualquer legítimo folião carioca.

Outro flagrante do baile animadíssimo, estendendo-se pela noite adiante (à esquerda). Pascoal Carlos Magno palestra com a Embaixatriz Berta Falcão e com a cantora Maby Daniel (ao centro). O Min. Falcão ensina a cantora Daniels a dansar o verdadeiro sambo (à direita). Onde estão os rapazes de Fon-Fon, ninguém mais samba à moda dos filmes americanos.



Nicodemus PELO TELEFONE PASSA EM REVISTA AS FANTASIAS DOS

BROTINHOS



ALÔ, BRANCA?
ADIVINHEI: TOUREIRO.
JEANETTE:
ORIENTAL.

NÃO ADIANTA,
NANÁ.
NÃO QUER
DIZER
QUAL
VAI SER
A
FANTASIA?
QUE
EU
A
DESCUBRA
NO SALÃO?
CERTO!



PODE SAIR
DE
MALANDRO
ARLEQUIM
POLI-
CHINELO.
BOTE
MASCARA
MENINA,
SE
DISFARCE,
SAIA
DE
GATA . . .



VOCÊ QUER
BRINCAR
COMIGO?
PENSA
QUE
JÁ
ESQUECI
SEU
SINALZINHO
ROSADO
BEM
JUNTINHO
DO
UMBIGO
?

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 18 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUE E' «INGLÚVIO»:

— O papo das aves?
— Sinônimo de enchente?
— O mesmo que tempestade?

2 QUE NOME SE DÁ AO LOCAL PARA ONDE VÃO AS CRIANÇAS NÃO BATIZADAS:

— Limbo?
— Purgatório?
— Olimpo?

3 QUAL A DESIGNAÇÃO DE UMA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA NA QUAL O AUTOR PROPOSITADAMENTE, NÃO EMPREGA UMA OU MAIS LETRAS DO ALFABETO:

— Letradura?
— Gongorismo?
— Lipograma?

4 QUE OUTRO NOME TÊM AS ONDAS DO MAR ENCAPELADO:

— Maretas?
— Maremoto?
— Marouço?

5 QUAL O FILÓLOGO BRASILEIRO QUE INVENTOU O TÊRMO «CARDÁPIO» PARA SUBSTITUIR O FRACESISMO «MENU»:

— Mário Barreto?
— Castro Lopes?
— Júlio Ribeiro?

6 QUE NOME TEM O ANIMAL QUE SE ALIMENTA DE FORMIGAS:

— Mirmecógrafo?
— Ictiófago?
— Ignívomo?

7 QUE OUTRO NOME TEM O «AJUDANTE DE COZIZNHA»:

— Marmiteiro?
— Mirmidão?
— Grumete?

8 QUE QUER DIZER «NOCTÂMBULO»:

— Pessoa que vende nozes?
— Indivíduo que costuma andar à noite?
— Bailarino?

9 QUE SIGNIFICAVA A PALAVRA «BILONTRA», ANTIGAMENTE:

— Elegante, conquistador?
— Vendedor de modinhas?
— Canoeiro?

10 QUE NOME TÊM AQUÊLES ANDAIMES SUSPENSOS NOS EDIFÍCIOS EM CONSTRUÇÃO, SÔBRE OS QUAIS OS OPERÁRIOS TRABALHAM:

— Arcádicos?
— Bailéus?
— Ciranda?

11 QUEIRA DAR UM SINÔNIMO DE «BÊSTA DE CARGA»:

— Hárpia?
— Unicórnio?
— Azêmola?

12 QUAL O PLURAL DE «AVE-MARIA»:

— Aves-Maria?
— Ave-Marias?
— Aves-Marias?

13 QUE QUER DIZER «MEDICAMENTO HEMOSTÁTICO»:

— O que detém as hemorragias?
— O que serve de contra-veneno?
— O que é de origem vegetal?

14 QUE NOME TEM A PESOA QUE SÓ SE ALIMENTA DE FRUTAS:

— Frutuoso?
— Frutescente?
— Frugívoro?

15 QUE NOME DAMOS À CADEIRA EPISCOPAL, SEM ENCÔSTO, E QUE FICA AO LADO DO ALTAR-MOR:

— Sédia gestatória?
— Faldistório?
— Púlpito?

16 QUAL A ORIGEM DA PALAVRA «FÃ»:

— Fanático?
— Fantasia?
— Fantoche?

17 QUE QUER DIZER «EUFORIA»:

— Arte de curar?
— Cansaço cerebral?
— Sensação de bem-estar?

18 QUAL O NOME DO LIVRO QUE RELATA A VIDA DOS SANTOS:

— Flos-Santorio?
— Palimpsesto?
— Iluminuras?

19 QUE E' «HALIÊNTICA»:

— Ciência hindu?
— Arte de pescar?
— Estudo dos ventos?

20 QUANTOS METROS TEM UMA LÉGUA:

— Seis mil?
— Oito mil e duzentos?
— Quatro mil e cem?

(Respostas na página 50)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicológicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45.00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A CASA CRISTALINO

APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finissimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

-- URUGUAIANA, 35 E 37 --

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 3 ★ 20-1-1951

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

CACHORRO FORA DA LEI



Apesar de os homens viverem a dizer que é o cão o seu fiel amigo, "o mais fiel dos seus amigos", superlativamente falando, todos os dias está o cão a ser motivo de desavenças e lutas entre a família humana, como se se tratasse de um animal repelente e inamistoso, como, por exemplo, a raposa. Agora mesmo nos vem de Fortaleza, capital do Ceará, a notícia de que um cachorro foi levado à barra do Tribunal de Justiça, por ter mordido um menino. Seu papai, como mandam os ensinamentos de Pasteur, levou-o a especialistas a fim de que fôsse devidamente medicado, como prevenção contra a raiva. Tudo feito, e legalmente arrolado, o pai do mordido apresentou a conta ao dono do cachorro. Mas o cidadão respondeu que isso era coisa mesmo entre criança e cão, e que êle não tinha nada que ver com tais despesas. O prejudicado na bôlsa replicou que êle, o dono do cãozinho, estava incurso no artigo 31, parágrafo 1.º da Lei de Contravenções Penais. O cidadão residente no pitoresco bairro de Porangabuçu, replicou que nada tinha com a tal Lei e que não pagaria nada e o seu cão não sofreria um vintém de pena. E o caso ainda inédito nos anais forenses de Fortaleza tomou proporções de sensacionalismo, interessando a todos da cidade e seus arredores. Sòmente aí foi que se chegou à conclusão de que havia uma Lei contra a liberdade dos "amigos do homem", e que um cachorro sôlto é tão inconveniente como dois a ladrar no quintal do vizinho. Não sabemos qual o desfecho da história; mas, já há uma igual na anedota, e é provável que o dono do cachorro consiga provar que foi o filho do Sr. Pedro Gonçalves quem mordeu o "totó"...

ESCÂNDALOS NA JUSTIÇA



O Desembargador José Duarte acaba de levar ao conhecimento do Tribunal de Justiça fatos gravíssimos na vida judiciária da Capital da República, e, em têrmos patéticos, apela para o Presidente do Tribunal, eis o que publica "A Tribuna" em fins de dezembro passado. Vivemos a dizer que a Justiça neste país é rápida e barata. Mas vem o Sr. Corregedor e declara: "A situação dos Juizados de 1.ª instância é calamitosa. Êste Tribunal, na ignorância de certos fatos, presume sempre estar cumprindo a mais exata justiça. Acabo de inspecionar dezoito Varas Criminais e, precisamente verifiquei que alguns juízes, constituindo exceção, não se recomendam pela exação no cumprimento do dever, enquanto escrivães e órgãos do Ministério Público mantêm os seus serviços em dia e na mais perfeita ordem. Assim, na Segunda Vara Criminal, — Juiz Dr. Mário de Paula Fonseca — acham-se na conclusão do Dr. Juiz, para sentença, o avultado número de 348 processos, alguns relativos aos anos de 1947 e 1948; na Quinta Vara Criminal, o Juiz Dr. Eugênio Martins Pinto, possui consigo, conclusos para sentença, 360 processos; na Sétima Vara Criminal, o Juiz Emílio Pimentel de Oliveira possui 156 processos em conclusão para sentença; com o Juiz Ernesto Stampa Berg, da Sexta Vara Criminal, nada menos de setenta e três. E assim por diante, todo um mundão de processos esperando as conclusões dos senhores Juízes. E raciocina o Sr. Corregedor: "Quantas prescrições já não ocorreram pelo decurso do tempo! Quantos réus já não desapareceram do distrito da culpa, tornando inexequível a aplicação da pena, se condenados?" E ainda há quem diga: nossa Justiça é rápida e barata... Sim: no papel!

POLÍCIA DE COSTUMES



Está seguindo seu curso normal no Congresso do país, instituindo normas de moralidade em casas de diversões públicas nesta cidade e por todo o território nacional. Ora muito bem. Entretanto, se não nos enganamos, já há leis em penca, sôbre o assunto. O de que precisamos é de quem as ponha em vigor. Entretanto, sempre é bom que o assunto seja ventilado, especialmente em nossa Câmara dos Deputados e no Senado Federal, com as correspondentes repercussões na imprensa diária. O que se está passando nos cinemas, especialmente nos centrais, os chamados lançadores ou de primeira linha, está a merecer as atenções da Delegacia de Costumes. Casaizinhos muito amorosos (ou amorudos?) se aconchegam, enlaçados, trocam beijos e abraços, com uma sem-cerimônia que faz corar de pejo as paredes da casa. O mau exemplo é flagrante. Podem estar famílias em derredor, crianças, mocinhas ainda na flor da ingenuidade, e os agoniados amorosos continuam como se estivessem em seus aposentos reservados, a tais carícias íntimas. E a Polícia de Costumes? Devem os senhores proprietários de cinemas solicitar da autoridade pública competente a prévia autorização para expulsar das salas de projeção todo aquêle que estiver faltando com o respeito ao ambiente, pois não são sòmente êstes apaixonados que ali vão para passar algumas horas de divertimento. E não há nada mais irritante do que estar uma pessoa com sua família e ter pela frente casaizinhos em atitudes licenciosas, escandalizando os que, de forma alguma, podem permanecer em tais ambientes. Contudo, não bastam decretos e leis. E' indispensável que sejam respeitadas. E todo aquêle que faltar com o respeito, ser expulso e prêso.

SE TODOS FIZESSEM ASSIM...



O Prefeito Mendes de Morais fêz, inesperadamente, sem qualquer aviso prévio, uma visita matinal à Escola Hospital Oscar Clark, ali na rua General Canabarro. O estabelecimento é de grandes proporções e reúne uma série de cursos. Dessa visita, porém, resultou o seguinte: a) Exoneração do Diretor efetivo do cargo em comissão. b) Dispensa do atual diretor que está respondendo pelo efetivo, repreendendo-o pelo descaso e negligência. c) Dispensa do zelador José Rangel Pinheiro, com ordem de passar o cargo ao seu substituto dentro de oito dias. d) Apurar outros responsáveis para aplicar-lhes penas de suspensão de 15 a 30 dias, por desídia no cumprimento do dever, aplicando ao zelador a suspensão de 60 dias, de acôrdo com o art. 215, item 3, do Estatuto dos Funcionários Públicos. e) Solicitar ao Secretário Geral de Educação e Cultura a indicação dos nomes dos substitutos dos servidores ora exonerados. Veja agora o leitor, o que foi que tanto indignou o Prefeito: chegando de surprêsa, encontrou o estabelecimento abandonado; não havia um diretor, um zelador, uma única pessoa que pudesse dar informações ao Prefeito. Apenas, firmes em seus trabalhos, as professôras. Uma dessas abnegadas mestras, dava aula de costura a um grupo de meninas. Mas como foi encontrar o General essas crianças? Descalças, sujas, mal amanhadas, como se se tratasse de pobres garôtas fugidas da Coréia... De etapa em etapa, o Prefeito percorreu as instalações, encontrando tudo imundo, no maior desleixo, os reservados em estado deplorável. Mas... e o Sr. Diretor? Está em Roma, peregrinando... Não era mais razoável que fizesse a penitência ali mesmo?

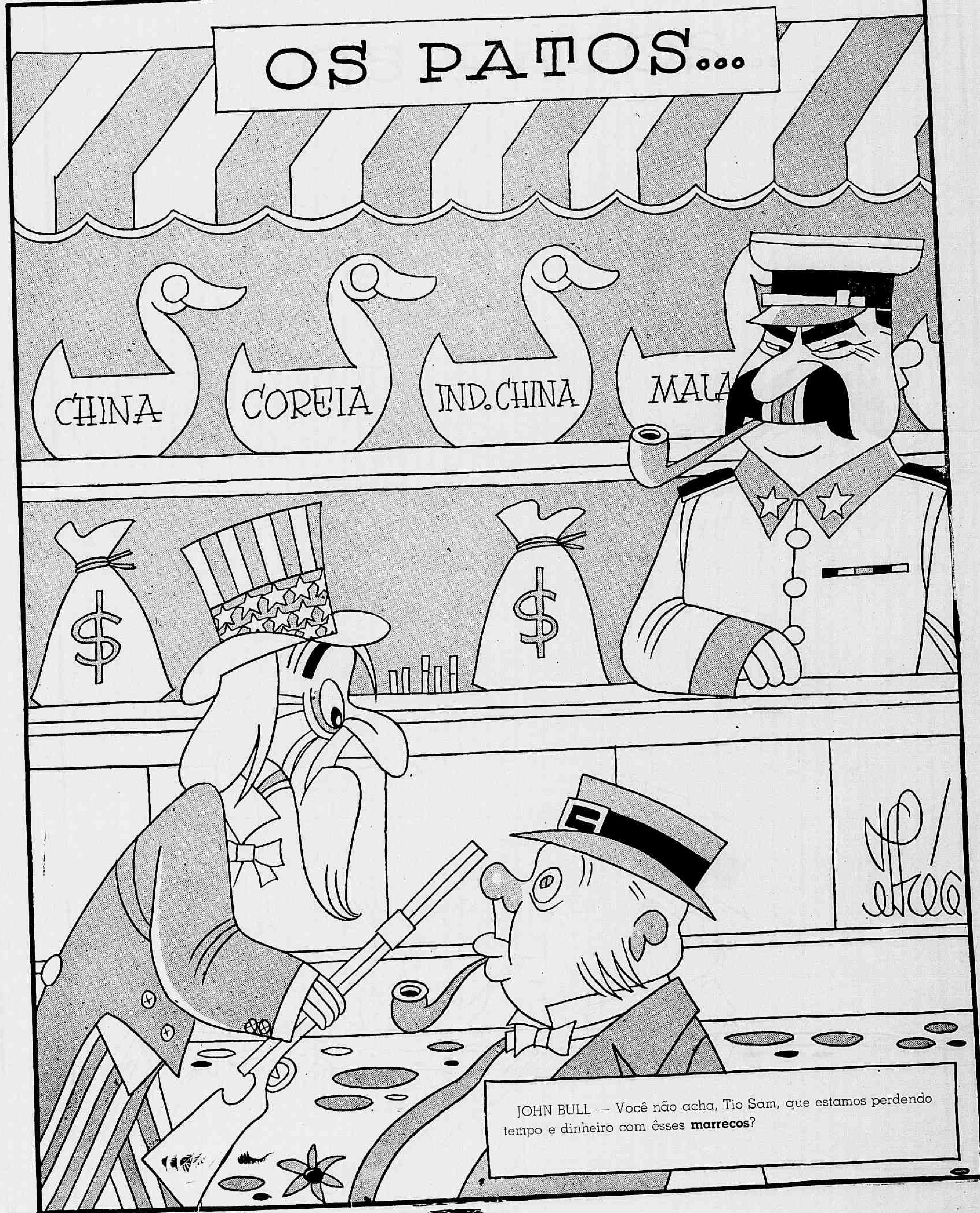
A PERSONAGEM DA SEMANA

A figura do General Dweight Eisenhower volta à tela dos acontecimentos mundiais nessa encruzilhada entre a Paz e a Guerra. Foi determinação das potências ocidentais que para evitar a invasão soviética na Europa ao oeste de Berlim, fôsse criado um grande Exército que pudesse sustentar o equilíbrio de fôrças entre o Oriente e o Ocidente. Para chefe supremo dessas fôrças, foi escolhido o conhecido e mundialmente famoso Eisenhower, o artífice da invasão da Europa pelas praias do mar da Mancha, com o mais retumbante e absoluto êxito. Depois de terminada a segunda grande guerra, o velho soldado se retirou das fileiras e foi dirigir uma Universidade. Eisenhower, porém, continua a ser considerado um dos mais altos soberanos da arte de dirigir operações militares, é o Rei da estratégia, o mago da tática, aliando a todo o seu saber militar, imensa capacidade diplomática, um jeito especial de atrair simpatias de povos e de tronos, de repúblicas e povos distantes. A missão de Eisenhower é das mais difíceis e delicadas. Depois de estudar todos os problemas da defesa em geral, da Europa ocidental, incluindo os países do Pacto do Atlântico, visitará nação por nação, a começar da França. Em seguida, irá a Londres, a Bruxelas, à capital da Holanda, a Copenhague, Oslo, Roma, Portugal, Islândia... E', como vemos, um trabalho exaustivo, exigindo imensa reserva de resistência orgânica e o mais perfeito equilíbrio espiritual para suportar os choques de interêsses locais, as campanhas da imprensa adversa, os movimentos de massas sob a orientação dos Partidos Comunistas de países como a Itália e a França, onde os adeptos de Moscou têm indiscutível influência política especialmente nas classes trabalhadoras. Os centros operários dêsses países já se movimentam e mobilizam em campanhas de hostilidade, mas o valoroso Eisenhower não se mostra intimidado e prossegue na realização de sua tarefa determinada pelas nações ocidentais sob a égide da ONU. Campeão da maior guerra de todos os tempos, Eisenhower luta para tornar-se merecedor do título de campeão da paz, dentro daquele axioma latino: "Si vis pacem para bellum", e, por isso o destacaram como o emissário dêsse exército que deterá o fantasma da terceira guerra mundial.

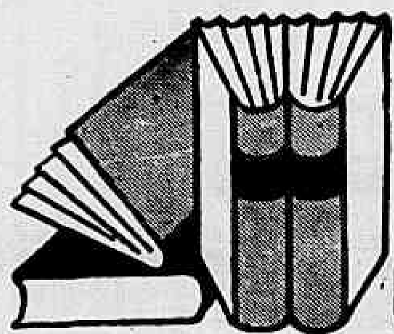


General Eisenhower

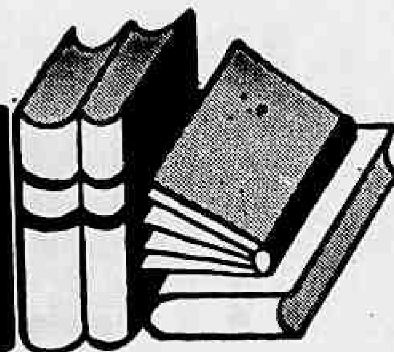
ALVO ERRADO



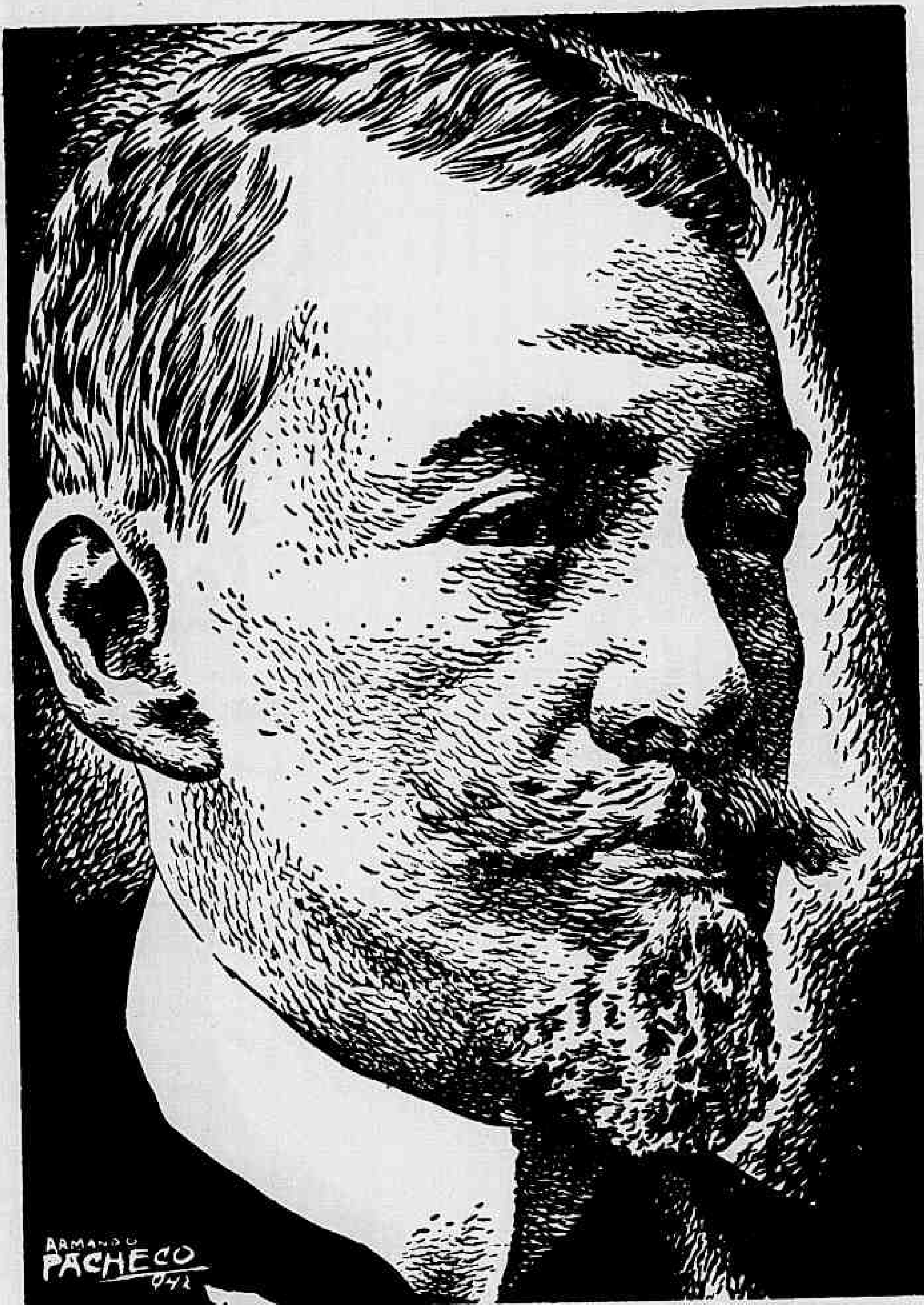
JOHN BULL — Você não acha, Tio Sam, que estamos perdendo tempo e dinheiro com êsses **marrecos**?



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



VICENTE DE CARVALHO

VICENTE AUGUSTO DE CARVALHO nasceu em Santos, São Paulo, a 5 de abril de 1866. Tendo iniciado muito criança os estudos de primeiras letras, abandonou-os aos onze anos para ir trabalhar no comércio. Um ano depois, deixava êsse primeiro emprêgo, e seguia para São Paulo, a fim de matricular-se no Colégio Mamede. Naquele educandário, bem como no Seminário Episcopal e no Colégio Norton, fêz os preparatórios. Em 1882, aos dezesseis anos, estava pronto para se matricular na Faculdade de Direito. A lei não o permitia, porém, por não ter atingido o candidato à idade conveniente. Vicente de Carvalho teve que obter uma dispensa especial, que lhe foi concedida pela Assembléia Geral do Império. Em 1886, com vinte anos e sete meses, era bacharel em Direito. Fizera o seu curso, conservando-se comerciante em Santos, onde trabalhava como guarda-livros de uma firma. Por êsse motivo, durante os anos de 1884, 1885 e 1886, só ia à capital do Estado para prestar os exames.

Republicano ardente, parece que êle trouxe convicções do próprio berço. Aos oito anos de idade, ao fazer os primeiros versos, já os fazia com um intuito político. Revoltava-se com o fato de ver Campos Sales, republicano convicto, manter numerosa escravatura. E então o criticava, em ferozes redondilhas. Mais tarde, quando estudante de preparatórios e da Faculdade, suas convicções políticas se tornaram cada vez mais acentuadas. Cursava ainda o quarto ano, quando foi eleito membro do Diretório Republicano de Santos. Dois anos depois, em 1887, Santos o mandava como seu deputado ao Congresso Republicano, reunido em São Paulo. A carreira política de Vincente de Carvalho prosseguia, e poderia ter sido das mais importantes. Em 1891 era êle deputado ao Congresso Constituinte do Estado, tendo feito ali parte da Comissão de Redação da Constituição. Em 1892, na organização do primeiro govêrno constitucional do Estado, foi escolhido para a Secretaria do Interior. Por ocasião, porém, do golpe de Estado de Deodoro, êle abandonou o cargo que vinha exer-

ALMA E CORPO DA BAHIA — Eduardo Tourinho — José Olímpio — Rio

Depois do Guia de Recife, de Gilberto Freyre, e do Guia de Ouro Prêto, de Manuel Bandeira, faltava um guia, no mesmo gênero, da Bahia. Eis que êste livro de Eduardo Tourinho, sem o título explícito, vem substituir o guia, que ainda não há, e substituir brilhantemente, pois o livro inclui muitos aspectos que ultrapassam o simples conceito do guia.

«Alma e corpo da Bahia» nos dá uma visão afetuosa do berço do Brasil. Sua história, figuras e legendas, a crônica heróica da terra do 2 de Julho, o colorido e o pitoresco que permanecem nessa paisagem de tradições que é, ao mesmo tempo que a lembrança dos «Periquitos» e de Maria Quitéria, a saudade de Castro Alves, o cenário da eloqüência de Rui, a cidade do Senhor do Bonfim e dos candomblés, a «roma negra» que lhe achou Paul Morand.

O livro que consagra à sua terra o escritor Eduardo Tourinho é um livro de afeto, já o dissemos, uma obra comovida e do melhor lavor artístico, em que se somam muitos elementos documentários, por isso juntando ao seu valor artístico o valor histórico, com um acêrvo de erratas e corrigendas que não pode ser desprezado pelo historiador, por todos quantos desejam conhecer uma Bahia autêntica, esta Bahia que cheira a acarajé e que ressuma das páginas dêste livro, dêste breviário da Bahia.

LEGENDA DA PEQUENA MARIA — Carlos Magalhães Azeredo — Jornal do Comércio — Rio

Carlos Magalhães Azeredo aproveitou os dias da ocupação germânica na Cidade Eterna e escreveu êste conto poético que tem o tom e o colorido da Legenda Dourada. A história de uma pobre criança, desamparada e só, que atravessou brevemente êste vale de lágrimas, acompanhada de um mísero cãozinho afetuoso e cuja glória, um dia, se realizou no céu. Nada mais simples e tocante do que esta fabulação, nada tão belamente escrito, como uma velha balada em prosa. Tudo tão singelo e comunicativo, nesta história humana, que tudo nos vem direto ao coração. As páginas em que êste artista da prosa descreve a dedicação do cãozinho «Urso», por sua dona, têm um sabor, uma vivacidade, uma verdade que só poderão compreender melhor os que amamos os cães e que, como a pequena Maria pôde verificar, sabemos que os vamos encontrar, a êsses diletos amigos, um dia, à nossa espera, na porta do Paraíso.

Mas, por todos os títulos o pequeno grande livro que nos dá, no fim dêste Ano Santo, o consagrado escritor, representa uma obra rara, em um gênero que entre nós talvez tenha terminado com «O Mistério do Natal», a página antológica de Coelho Neto. Bem haja, pois, o labor de Magalhães Azeredo, que nos traz, com «Legenda da Pequena Maria», por instantes, essa bela prosa, poética e lavorada, que revê uma idade de ouro de nossas letras mais ilustres.

GUIA PARA CRIAR O BEBÊ — José Martinho da Rocha — Editôra Minerva — Rio

Com aquela graça fascinante da ironia, Fialho de Almeida afirmava que, ao contrário das crianças-prodígio, sentia apenas inclinação para sezões, durante a infância... Todavia, criaturas há que, desde cedo, espontâneamente, demonstram irresistíveis tendências a esta ou àquela profissão, arte, ciência. E um caso que se prende à ciência médica é o do professor José Martinho da Rocha, pois, meninote ainda, já se lhe admiravam as qualidades argutas de observador, um senso impressionante de compreender as doenças e de combatê-las, senhor, enfim, daquele dom meio divinatório que caracteriza o verdadeiro médico. Em Juiz de Fora conhecemos José Martinho da Rocha, dêle fomos colegas de bancos escolares, no tradicional «O Granbery». E os dotes referidos, a par de uma inteligência luminosa e insaciável, constantes triunfos lhe conquistaram sempre, triunfos que culminaram na posição, hoje unânimemente reconhecida a José Martinho da Rocha, de pediatra consagrado em seu país e no estrangeiro.

Preocupado, constantemente, com o bem-estar das gerações brasileiras, o acatado mestre de quando em quando publica livros de sadios ensinamentos, de caráter prático, em linguagem de artista da palavra. Daí o «Guia para criar o bebê», em segunda tiragem, que a Editôra Minerva apresenta em belíssimo volume, opulentado de gravuras adequadas e com os seguintes capítulos: Planejando o bebê; Esperando o bebê; Recebendo o herdeiro; O recém-nascido e o lactente; Gêmeos e prematuros; Cuidados do bebê; Avaliando o bebê; Amamentação; Como amamentar; Regime misto e desmame; Regime antinatural do bebê; Preparação de alimentos do bebê; Acompanhando o bebê; O romance da dentição; Desenvolvimento mental do bebê; Educação; Fortalecendo o bebê; Protegendo; Bebê doente; Bebê único; Apontamentos maternos; Registro do bebê; 300 nomes do bebê; índice dos interêsses maternos.

Como se verifica pela síntese dos capítulos, «Guia para criar o bebê» é uma enciclopédia para que as mães, presentes e futuras, se orientem perfeitamente na tarefa maravilhosa de doar, à Pátria, cidadãos fortes, normais, satisfeitos e para que, realizem, assim, a magnífica frase de Alexandre Dumas: «A maternidade é o patriotismo da mulher».

De justiça é também um louvor à elegância e à correção com que escreve José Martinho da Rocha, aliás um brilhante «prosador bissexto», de jeito que, ao mesmo tempo, seu livro é obra de ciência e obra de literatura.

O HOMEM E AS ARMAS — Bernardo Shaw — Edições Melhoramentos — São Paulo

Os nomes freqüentemente citados são os dos autores menos conhecidos... A observação é antiga, sem dúvida, mas, como a verdade e a mulher bonita continuam não tendo idade, não vamos discutir o fato. Bernardo Shaw, que encontra admiradores entusiásticos e críticos acerbos, vem sendo pôsto ao alcance do público brasileiro e dos países que falam a nossa língua, através das Edições Melhoramentos, que já nos deram: «César e Cleopatra», versão de Miroel da Silveira; «Major Bárbara», traduzido por Moacir Werneck de Castro; e, agora, vernaculizado pela pena de Raimundo Magalhães Júnior, «O homem e as armas», devendo surgir, em breve, «Casa de Orates», vertido por Vivaldo Coaraci, e «Homem e super-homem», em tradução de Moacir W. de Castro.

Desta nova apresentação do irascível dramaturgo irlandês diremos, apenas, que segue o ritmo das suas produções: frases de espírito de mistura com vulgaridades acres. Todavia, como é uma das celebridades modernas, convém ler suas produções, colocadas à disposição dos leitores graças à iniciativa da Melhoramentos.

CAÇANDO E PESCANDO POR TODO O BRASIL — Francisco de Barros Júnior — Edições Melhoramentos — São Paulo

Já em quatro volumes, surge «Caçando e pescando por todo o Brasil», de Francisco de Barros Júnior, das Edições Melhoramentos; êste é o da 4.ª série, abrangendo norte, nordeste, Marajó, grandes lagos, o Madeira e o Mamoré. No gênero, é obra empolgante, ao mesmo tempo em que ensina muita coisa de nosso país. Aos apreciadores do assunto recomenda-se êste livro cheio de revelações palpitantes e curiosas, que interessam a caçadores e pescadores tanto quanto aos homens de gabinete. E' leitura atraentíssima.

A MAIS JOVEM POETISA DO BRASIL



Chama-se Aida Rodrigues, mas todos preferimos chamá-la apenas Aidinha. Conta nove anos de idade e está fazendo o curso primário. Seus brinquedos prediletos, além das bonecas, são as artes e as letras. Aidinha dança muito bem, ama a música e, quando não está lendo, estudando ou fazendo seus deveres do colégio, desenha, pinta ou faz versos. Tudo isso ela o faz com naturalidade e por puro prazer. E seus poemas, quase sempre ilustrados por ela, merecem realmente ser lidos pelo que revelam dessa alma lírica que vê e sente os mistérios da poesia. Filha de um pintor e de uma escritora, Aidinha é uma infância que surge com a vocação da beleza e que sabe juntar, aos jogos infantis, êsses instantes de emoção que valem pela espontaneidade e pelos traços marcantes de um real temperamento artístico.

Publicamos aqui um dos poemas de Aidinha, escolhido ao acaso, no seu caderno, e que dará aos leitores uma impressão da pequena artista, cujo último retrato estampamos com esta notícia.

A TEMPESTADE

Aida Rodrigues Gomes

As rosas estão murchando
As fôlhas estão amarelas
O tempo está chuvoso
Os galhos estão caindo
A laranja está verde
E a boneca está triste.

Há uma casinha lá longe
E o teto é vermelho
As janelas também são vermelhas
Há rosas em tôdas as janelas
Há cravos em todo jardim
Que linda figueira no quintal!

No teto há uma chaminé
E está saindo fumaça
A bonequinha se chama Maria
Está com o vestido novo
Que lindo sapatinho azul!
Bonequinha é muito boazinha.

As rosas estão vermelhas
E a tempestade passou.

★

O LIVRO ILUSTRADO



Uma admirável ilustração da autora, para o livro infantil — «Orlando (The Marmalade Cat) Keeps a Dog», livro que pertence a uma série de aventuras de Orlando, o gato.

CINEMA E LITERATURA

ANITA LOOS FARÁ UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



Anita Loos, a célebre romancista de "Os homens preferem as louras", resolveu escrever o texto de uma série de histórias em quadrinhos que se intitulará "Aventuras de Lorelei", cujo ilustrador será o não menos famoso Al Capp, o pai do nosso conhecido "Ferdinando", um dos mais conhecidos heróis de nosso tempo, famoso em todo o mundo.

Depois do êxito do filme "Quarteto", realizado com quatro contos de Somerset Maugham, o cinema volta agora a repetir a experiência. Agora, a obra se chama "Trio" e, mais uma vez, aproveita três das histórias curtas do famoso escritor. Os contos são os seguintes: " The Verger", "Mr. Knowall" e "Sanatorium". O próprio Maugham aparece no filme, como narrador das histórias, e neste clichê está uma de suas expressões na película.



ÁLBUM DE FAMÍLIA

(Continuação)

cendo. Não só a desilusão política a isso o forçou, mas, também, como
êle próprio o disse mais tarde, o fato de haver aderido ao Positivismo.
Vicente de Carvalho fêz-se então fazendeiro. Adquiriu em França, mu-
nicípio do interior paulista, uma fazenda de café. Ali se fixou em 1896.
Em 1901, regressou a Santos, reabrindo o escritório de advogado. Em 1907,
mudou-se para São Paulo. No ano seguinte era nomeado para juiz de Di-
reito daquela capital, passando em 1914 a ministro do Tribunal de Jus-
tiça do Estado.
Homem de firmes convicções filosóficas e literárias, Vicente de Car-
valho foi, durante tôda a sua vida, um elemento combativo. Como jorna-
lista, por exemplo, sua atúação foi até 1905, quase ininterrupta. Era ainda
estudante, e sua colaboração em verso e prosa se espalhara por nume-
rosos jornais de São Paulo e de Santos, sobretudo, pelos jornais dos aca-
dêmicos de Direito. Em 1889, redigiu o "Diário de Santos", fundando, no
mesmo ano, o "Diário da Manhã", de Santos. Durante longos anos cola-
borou no "Estado de São Paulo", tendo sido, em 1913, "expulso dali", como
êle dizia, com a sua mordaz acrimônia. Em Santos, manteve ainda cola-
boração em "A Tribuna", e fundou, em 1905, "O Jornal". No fim da vida
cansou-se do jornalismo, voltando, porém, de vez em quando, ao contacto
com os leitores, nos bonitos versos que êle dava nas páginas de "A Cigarra".
Na " Autobiografia", teve ocasião Vicente de Carvalho de fazer algumas
interessantíssimas revelações a seu respeito. Assim é que, sendo-lhe per-
guntado qual a sua produção preferida, êle confessou, em versos: "Fugindo
ao Cativeiro", "Rosa", "Rosa de amor", "O Pequenino Morto", "Palavras
ao Mar", "O Sonho Póstumo" e "Velho Tema"; em prosa: "O Selvagem",
"Uma Candidatura", "Jesus", "O Eterno Problema" e "Em Roda do Fogo".
Quanto à sua flor predileta, êle declarou ser a rosa. Interrogado sôbre
que ave preferia, confessou que amava sôbre tôdas elas o sabiá. No ca-
pítulo dos poetas e dos prosadores, tiveram sua predileção, entre os pri-
meiros, Camões, Homero, Byron, Musset, Gonçalves Dias, Goethe, Shakes-
peare e Campoamor; e, entre os segundos, Cervantes, Dostoiecwski, De
Foe, Renan, Taunay, José de Alencar, Eça de Queiroz, De Amicis, Alexan-
dre Dumas, padre Manoel Bernardes, Vieira, Fernão Lopes e Balzac.
Vicente de Carvalho entrou para a Academia Brasileira em 1909, na
vaga de Artur Azevedo. Tentara, antes, sua eleição, na vaga de Martins
Júnior: recuara, porém, diante da candidatura de Sousa Bandeira, que lhe
parecera mais forte do que a sua. Na vaga de Artur foram concorrentes
com êle Dantas Barreto, que teve três votos, e Carlos Pôrto Carreiro, que
obteve apenas um. O grande poeta nunca veio tomar posse de sua ca-
deira, deixando por isso de fazer o estudo da praxe acêrca do seu ante-
cessor. Artur Azevedo é, assim, um dos poucos mortos da Academia que
não tiveram o seu elogio feito numa sessão solene.
Morreu, Vicente de Carvalho, no dia 22 de abril de 1924, tendo sido
substituído na Academia, pelo sr. Cláudio de Sousa.

GERALDY ADERE AO CINEMA



Paul Géraldy, poeta e dramaturgo consagrado, cujo nome conhece permanente popularidade, graças às sucessivas edições, no original e em tradução, de seus versos de "Toi et Moi", acaba de aderir ao cinema, como autor de argumentos. Ainda agora, chegam-nos de Paris notícias de que foi estreado, em sessão privada, o filme adaptado de sua peça famosa, "L'Homme de Proie", cujo argumento é também de sua autoria e de que é principal estrêla a atriz Simone Renant. Géraldy supervisionou todo o trabalho de filmagem e confessa-se satisfeito com o que foi realizado, considerando o cinema um "medium" tão próximo do mistério da poesia como o teatro, pelo menos, oferecendo ao autor muitos outros elementos que a cena não proporciona. No clichê, um instantâneo de Géraldy, no seu apartamento de Paris, com os jornalistas Edmundo Lys e Novais Teixeira.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

Virtuosismos de um marido virtuoso...

"CHARGE" DE DARCY

















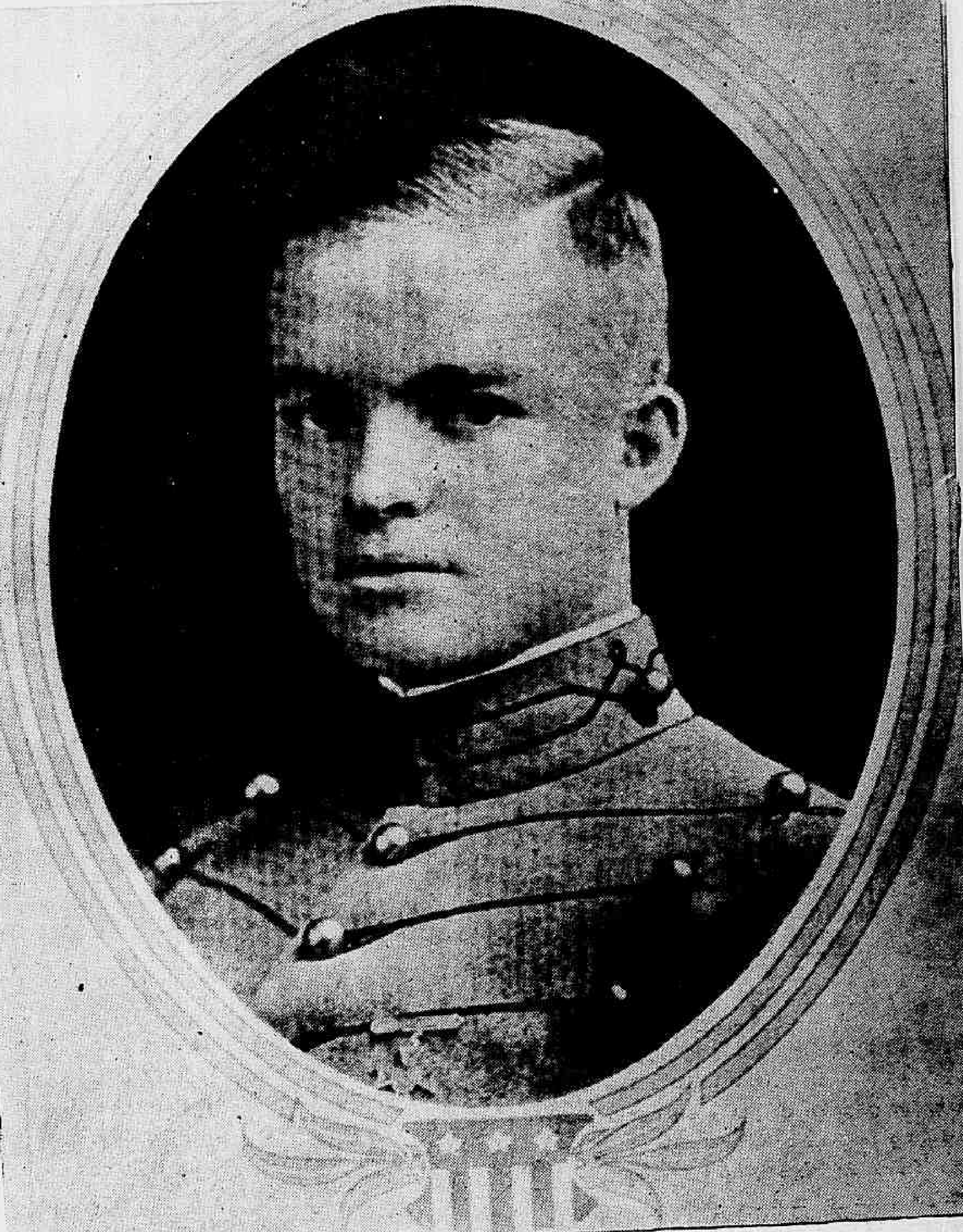






P.S. - MADAME: QUALQUER SEMELHANÇA COM O SEU MARIDO É MÉRA COINCIDÊNCIA .....

UM AMERICANO À FRENTE DO EXÉRCITO EUROPEU



Dwight David Eisenhower, em 1915, ao graduar-se no posto de 2º tenente pela Academia Militar de West Point. Estava então com 25 anos, pois nasceu a 14 de outubro de 1890.

ATENDENDO à solicitação que lhe foi feita pelas doze nações européias que formam o Conselho do Atlântico Norte, o Presidente Truman, dos Estados Unidos, nomeou, para Comandante Supremo do futuro Exército Europeu, o General Dwight David Eisenhower.

"Ike" — nome pelo qual é afetivamente conhecido por milhões de pessoas em todo o mundo — logo após a comunicação oficial, declarou que o exército a ser construído sob sua direção não seria uma fôrça com intuitos belicosos, e sim um meio de preservar a paz na Europa. Tal declaração define bem o caráter dessa grande soldado, para quem a liberdade e o saber são fatôres de verdadeiro culto — como o prova o fato de, ao ser nomeado, ocupar êle o pôsto de Presidente da Universidade de Columbia, uma das mais importantes do mundo.

Dwight David Eisenhower nasceu em Denison, Texas, a 14 de outubro de 1890. Os seus antepassados, entre os quais não se conhece nenhum militar, chegaram aos Estados Unidos em 1732, antes da Revolução Americana. Eram êles emigrantes da Suiça e da Holanda, para onde haviam fugido procedentes da Alemanha, por questões de perseguição religiosa.

Depois de graduado pela escola secundária, com a idade de 18 anos, Ike passou um ano auxiliando a seu pai em trabalhos nos ranchos, próximo de Abilene, Texas, onde residiam há muitos anos, e que êle considera como sua cidade natal. Foi depois disso que êle decidiu seguir a carreira militar. Para tanto, inscreveu-se nos exames de admissão à Academia Naval. Sua matricula foi rejeitada por já haver êle ultrapassado o limite máximo de idade permitida. Em 1911, com 21 anos de idade, Eisenhower foi admitido na Academia Militar de West Point, onde se graduou em 1915. Em 1916, no dia em que foi promovido a primeiro tenente, casou-se com Mamie Doud, de 19 anos, a quem êle havia conhecido quando estacionado em Fort Sam Houston, perto de San Antonio, no Texas.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Eisenhower estêve comandando um centro de treinamento de tanques de guerra. Repetidamente, pediu permissão para combater nas linhas de frente, mas suas petições eram sempre rejeitadas, por acharem os seus superiores que êle era mais útil onde se achava. Finalmente, entretanto, foi-lhe concedida permissão para embarcar para a França. Já se encontrava no navio, pronto para a partida, em 11 de novembro de 1918, quando chegaram as notícias do término da guerra.

Durante 16 anos, depois da Primeira Guerra, Eisenhower ocupou o pôsto de Major, continuando no comando de corpos de tanques em vários pontos dos Estados Unidos, não parando, entretanto, seus cursos especializados. Freqüentou, praticamente, tôdas as Academias Superiores do País. No escritório do Chefe do Estado-Maior, Eisenhower serviu sob as ordens do General Douglas MacArthur. Posteriormente, assistiu MacArthur, quando êste ocupou o pôsto de conselheiro militar do govêrno das Filipinas. Embora considerado por todos como um técnico em tanques, Ensenhower foi também um entusiasta do poderio aéreo, tendo, para isso, estudado aeronáutica, tornando-se pilôto na idade de 47 anos.

Em dezembro de 1941, o Departamento de Guerra chamou-o a Washington. Ali, tomou êle a seu cargo a Divisão de Planos Táticos, que formulou tôda a grande estratégia para os teatros de operações da Segunda Guerra Mundial. Em 1942, o General George C. Marshall, então Chefe do Estado-Maior do Exército, enviou-o à Europa. Nos meses que se seguiram, Ike comandou as Fôrças Aliadas na invasão do Norte da África, da Sicília, da Itália e, finalmente, no pôsto de Comandante-Geral das Fôrças Aliadas na Europa, Eisenhower dirigiu a invasão da Normandia.

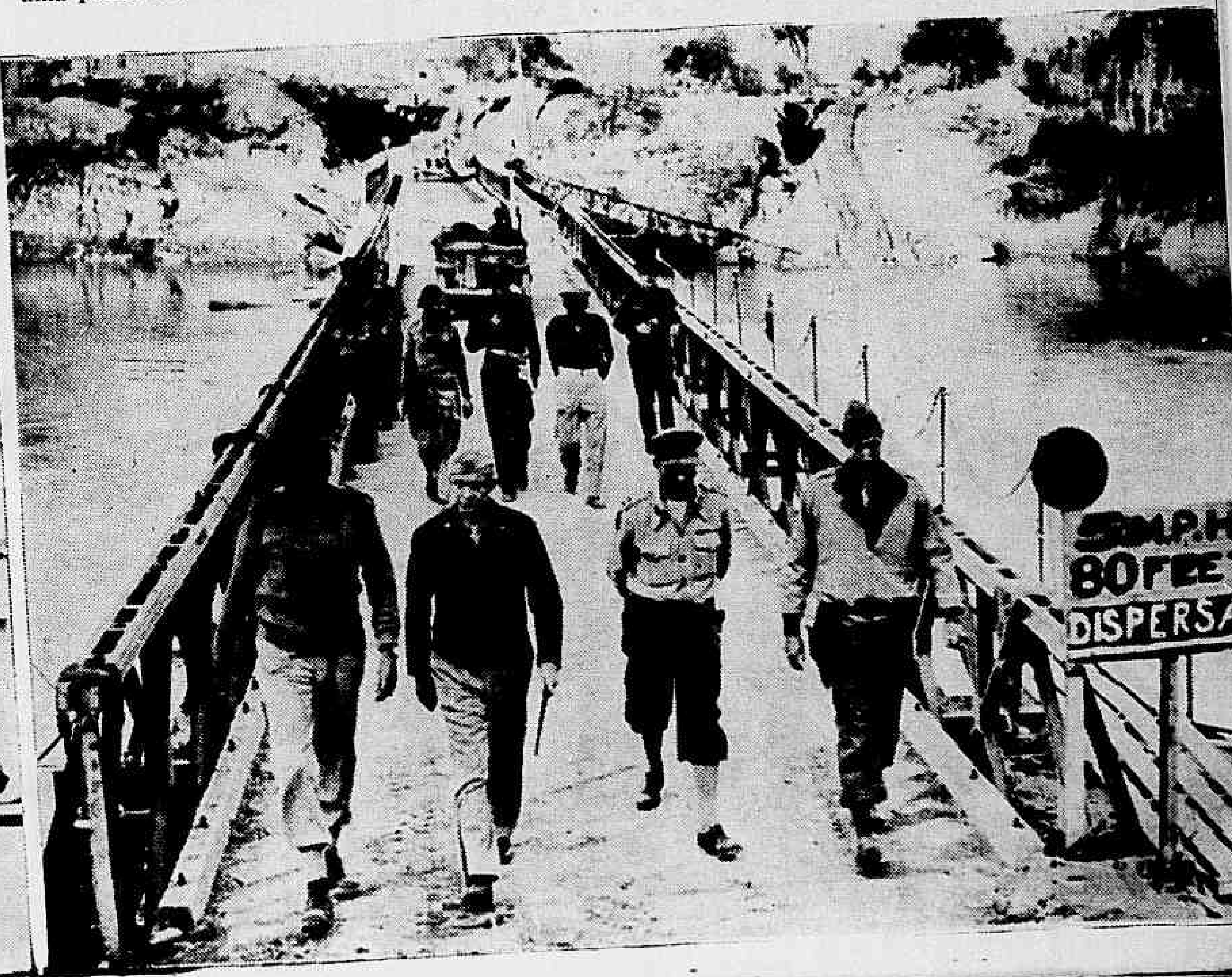
De volta aos Estados Unidos, foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército. Em 1948, Eisenhower resignou a êsse alto pôsto para tornar-se o 13º Presidente da Universidade de Columbia de Nova York, uma das mais importantes instituições de ensino superior dos Estados Unidos.

O casal Eisenhower tem um filho e um neto. Recentemente, o General adquiriu uma antiga fazenda na Pennsylvania, onde residirá com sua espôsa quando, graças à sua prodigiosa direção, o Exército da Europa estiver em condições de manter a

Em 1915, quando assistente do Gal. Douglas MacArthur, era Eisenhower tenente-coronel. No Conselho Militar das Filipinas organizou a Fôrça Aérea, campos de operações, etc.



No posto de Comandante em Chefe das operações no Mediterrâneo Ocidental, atravessando uma ponte improvisada, numa inspeção aos aliados na Itália, com oficiais de vários países.





Uma cena famosa: Eisenhower dá instruções a um grupo de paraquedistas sôbre o primeiro assalto ao continente europeu no «Dia-D». A ordem era: «Nada menos que a vitória total».

paz na Europa — o que equivale quase a dizer, a paz no mundo.

O PACTO

A idéia que tiveram as nações democráticas de se unirem em grupos protegidos por tratados de defesa coletiva tem sido a maior garantia de paz e segurança para o futuro de tôda a humanidade. Uma nação fraca representa, quase sempre, um perigo para o mundo, pela cobiça que desperta nos aventureiros levados aos altos postos de comando. A última guerra, de resultados tão lamentáveis, foi um exemplo disso. Muitas nações pequenas foram, num momento, invadidas e escravizadas, antes que houvesse tempo de lhes ser prestado qualquer socorro. Depois, as grandes democracias conseguiram restabelecer a ordem mundial, mas já imensos prejuizos haviam sido causados e, até hoje, o mundo sofre as conseqüências da catastrofe.

Terminada a guerra, naturalmente, a impressão dominante foi que os povos se tinham livrado para sempre do perigo de novas agressões, uma vez que os principais acusados de violência contra os vizinhos mais fracos estavam vencidos e eliminados. Mas, a verdade é que o perigo continuou. Outros aventureiros mais audaciosos em suas táticas e mais terriveis como dominadores, começaram a espreitar as nações debilitadas pela luta recente. E, em breve, passaram a constituir novo e maior perigo para os povos.

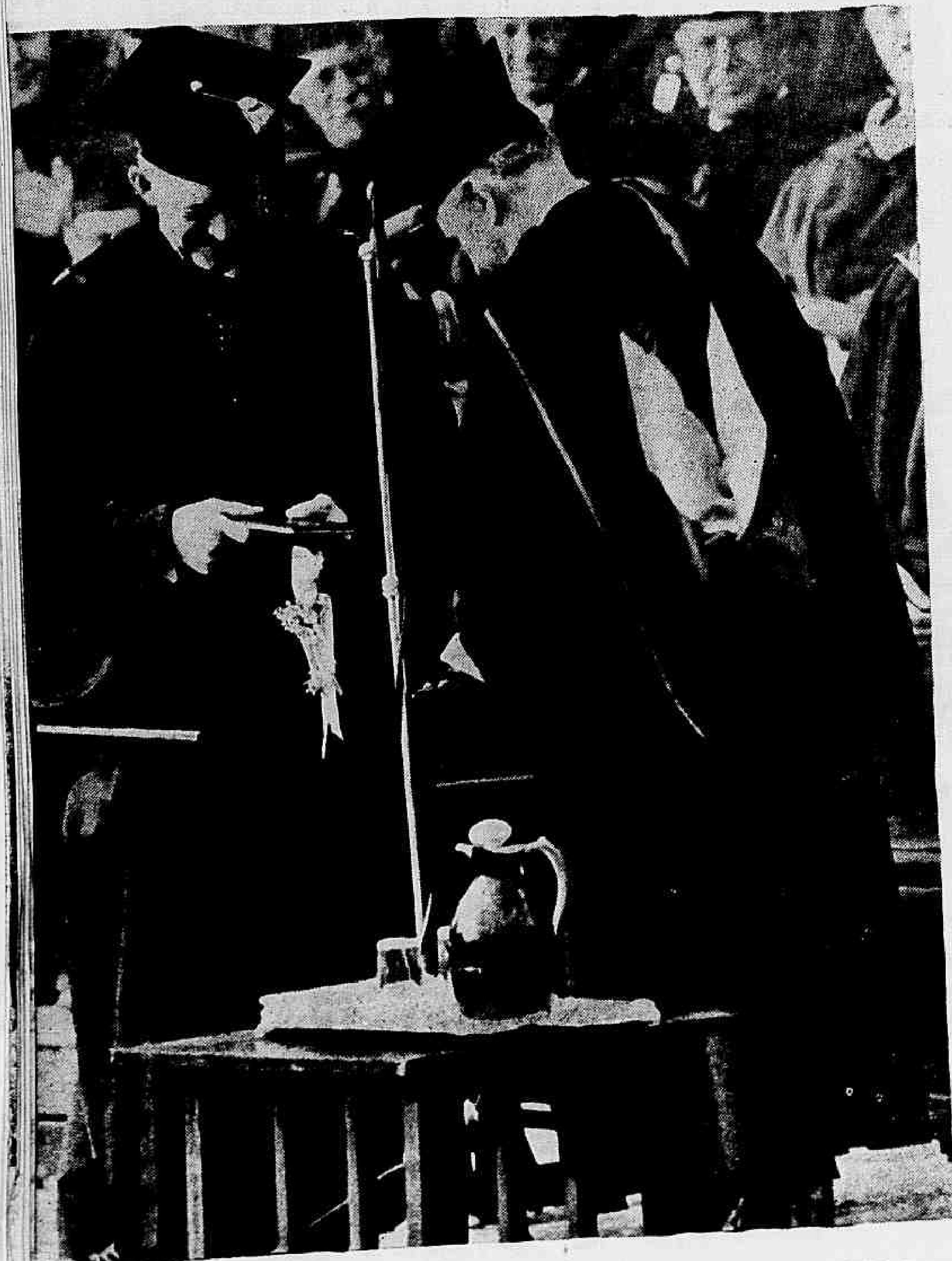
A agressão comunista à República da Coréia deixou clara a intensão dos novos governos totalitários com relação ao mundo livre.

A experiência, abriu os olhos daqueles que desejam viver em paz e em liberdade. As nações democráticas compreenderam que só unidas em grupos fortes poderiam estar a salvo de qualquer nova agressão, pela fôrça que passariam a representar. E daí surgiram os primeiros passos para os chamados acordos de defesa coletiva.

Depois do Tratado do Rio de Janeiro, outro grupo de nações se uniu por outro pacto de natureza semelhante, para defesa de outra área do mundo — a área do Atlântico Norte.

O Pacto do Atlântico Norte, é um acôrdo

Em 1948, quando resignou ao posto de Chefe do Estado Maior do Exército dos EE.UU., para tornar-se presidente da Universidade da Columbia, recebendo a carta e as chaves da mesma.





Na Itália, antes de deixar aquêle país para assumir o comando das Fôrças Expedicionárias na Grã Bretanha, em conferência com o gal. Mark Clark, comadante. do 5º Ex. Aliado.

Juntamente com o gal. russo Sokolowsky, passa em revista tropas do Exército russo, no aeroporto de Berlim, em junho de 45, pouco antes da conferência para total rendição alemã.





O general Dwight Eisenhower, ao lado de sua mãe, a sra. Ida Eisenhower, por ocasião de sua volta à pátria, em 945. Mãe e filho, sempre unidos, bons amigos e muitos compreensivos.

de finalidade essencialmente pacífica, que em nada pode assustar qualquer nação ou grupo de nações. Seus têrmos jamais se afastam um milímetro sequer dos princípios estabelecidos na Carta das Nações Unidas. Suas cláusulas são claras e não admitem duplas interpretações.

De uma rápida análise de seus artigos pode-se ver, com nitidez, sua perfeita intenção pacifista. Assim, seu artigo 1 firma o compromisso dos signatários de procurar soluções inteiramente pacíficas para as divergências internacionais, sempre de acôrdo com a Carta das Nações Unidas. O artigo 2 obriga-os a apoiar as instituições livres, procurando eliminar os conflitos de suas políticas econômicas. O artigo 3 simplesmente determina a assistência mútua para resistência coletiva a ataques armados (não havendo ataques armados, êsse artigo é como se não existisse). O artigo 4 manda que os signatários se consultem, no caso de ameaças a seus territórios ou à sua independência política. O art. 5 autoriza a reação armada, *no caso de ataques armados*, reação que será suspensa logo que o Conselho de Segurança das Nações Unidas tome as necessárias providências para a manutenção da paz e da segurança na área do Atlântico Norte. O art. 6 apenas define a área coberta pelo Pacto e nela inclui os navios sob a bandeira dos países signatários. Os arts. 7, 8 e 9 tratam em detalhe das obrigações dos signatários do Tratado, numa demonstração de absoluto cuidado para que não haja direitos feridos, quando o pacto entrar em vigor. O art. 10 estipula que os signatários podem, por acôrdo unânime, convidar qualquer outra nação da área do Atlântico Norte a aderir ao pacto. Os artigos restantes, de números 11 a 14, tratam, respectivamente, da data de entrada em vigor, do tempo de duração do tratado e do encerramento.

Tôda a ação militar determinada pelo tratado está, por conseguinte, dependendo de ataque armado por parte de alguma nação e algum de seus signatários, o que vale dizer que nunca o tratado terá efeitos belicosos se as democracias da área do Atlântico Norte forem sempre respeitadas em suas vidas de nações que só querem o respeito à paz, ao direito e à liberdade.

Em março de 1950, 5 anos após a 2ª Guerra, quando chamado a Washington para uma consulta com a Sub-Comissão das Fôrças Armadas do Senado. Eisenhower e o sen. Thomas.





O gal. e a sra. Eisenhower com a Espada de Honra que lhe foi presenteada pela Rainha Guilhermina da Holanda, pela libertação de seu povo em 1945. Foi essa a 45ª condecoração.

Os 5 irmãos Eisenhower. Sentados: Arthur B., banqueiro; Dwight, general; Edgard W., advogado. Em pé: Milton S., pres. do Colégio E. da Pensylvânia; Earl D., engenheiro.





PROCÓPIO FERREIRA contracena com Walter Couto na peça «Esta mulher é minha». Vivendo a principal personagem dessa produção de R. Magalhães Jr. alcançou o artista um dos pontos altos de sua carreira.

PROCÓPIO - JOÃO GANGORRA

O ATUAL TEATRO BRASILEIRO NA OPINIÃO DO VETERANO ARTISTA - DESANIMO - FALTA DE INSTRUÇÃO E DE BOA VONTADE

Texto e fotos de SABINO CANALINI

JÁ no fim da temporada de 1950, e de volta de uma longa excursão, Procópio fêz sua "rentrée" no teatro Serrador. A ausência havia sido demorada, de modo que a expectativa era de bastante curiosidade para saber qual seria a nova produção de Procópio. Curiosidade que se estendia aos artistas que integrariam o elenco, pois sabido é que ùltimamente Procópio não formava com elementos fixos. Pode-se dizer que em cada temporada mudava o elenco. Alma Flora, por exemplo, que com êle encerrara a temporada de inverno de 50, integrou o grupo brasileiro que ainda se encontra em Portugal, afastada temporàriamente, portanto, do cenário brasileiro. Confirmando o que era esperado, o elenco apresentado na estréia, encabeçado pelo veterano artista, era de novatos, e a peça, de autoria de R. Magalhães Jr. A ação desenvolve-se no interior brasileiro, na atualidade, dando margem à criação de mais um tipo, mais uma das tantas caracterizações forjadas por quem já teve a responsabilidade de se integrar nos papéis do "Avarento", de Molière, e no mendigo do "Deus lhe pague", de Joracy Camargo. De acôrdo com o "habitat", o novo personagem tem uma apelido que o define melhor que qualquer nome: João Gangorra. Gerente do açougue de uma cidadezinha do interior, não conhecendo bem a origem de seus natais, considerando-se mesmo um "acidente" numa das famílias mais importantes do lugar, João Gangorra faz refletir, com tôda sinceridade, a vida, os caracteres, a tradição, a mentalidade acanhada, os preconceitos, em suma, os costumes do interior. Pela sua pouca instrução, êle é o tipo do homem simples, mas uma qualidade não pode esconder: a perspicácia. Observador, astucioso, em sua ingenuidade encerra algo de malicia, de verdade nua, qualidades que se encontram fàcilmente nos matutos. E o artista viveu a personagem com todos os seus recursos de movimentação cênica, de trejeitos, de mímica, de dicção, de expressão de "suspense", de emotividade. Não querendo desmerecer os outros atores, cujo desempenho é bom, deve-se reconhecer que tôda a peça está centralizada pelo João Gangorra. Seus artifícios de cômico, são postos à prova e conseguem arrancar do público boas gargalhadas. Se os papéis trágicos representam uma das grandes dificuldades no teatro, muito maior é a dos cômicos. A arte de fazer rir pertence a uns poucos eleitos. Entre êles, aqui no Brasil,



está Procópio. Foi ao grande cômico que dirigimos algumas perguntas sôbre a situação atual do teatro em nosso país, seus erros, suas esperanças. E foi com tristeza que o artista nos falou, deixando transparecer tôda a desilusão que sente pelo destino da arte cênica em nossos palcos.

— O teatro brasileiro está acabando!

Assim confessou com melancolia.

— Mas, quais as razões? — perguntamos.

— São várias e de ordem diferente. Falta de instrução em primeiro lugar. O povo continua sem a instrução necessária para compreender um bom teatro. Falta de casas de espetáculos, em segundo. Vem ainda a falta de preparo, tanto nos originais apresentados como nas representações. Finalmente, vem o preço excessivamente alto das entradas, responsável pela deserção cada vez maior do público dos nossos teatros.

— Em que a instrução poderia auxiliar o desenvolvimento do teatro?

— Já não existe a tradição teatral como antes — respondeu Procópio. — Pelo ensino, pelas leituras, pelas conferências e pela orientação, deveria incurtir-se nos moços de hoje maior amor ao teatro. Conhecendo o que foi no passado e a evolução que sofreu até hoje, melhor o compreenderiam, e haveria mais assimilação de uma arte que, na minha opinião, está desaparecendo em nosso país.

— E sôbre o número restrito de teatros? — perguntamos.

— Essa é a causa pela qual a maioria dos elencos é obrigada a deixar periòdicamente as casas em que se exibe para excursionar no interior ou, então, no caso de companhias que não gozam de contratos certos com boas casas, se sujeitarem a ocupá-las em períodos impróprios, como durante o carnaval, ou em todo o verão.



JJOAO GANGORRA, na personalíssima interpretação de Procópio é o verdadeiro tipo do matuto, ingênuo, simples, mas sagaz



«NUVEAU RICHE», João Gangorra mostra que apesar de iletrado, sabe assumir pôses, vestir «chambre», tirar a sua fumacinha e, acima de tudo, defender as mulheres da sanha dos exploradores.

— Que nos diz a respeito da questão financeira? — indagamos.

— Os teatros existentes são pequenos, acarretando isso uma sobrecarga nos preços das entradas, para haver compensação. Mas, a medida é prejudicial, pois afugenta grande parte de espectadores. Pergunte à rapaziada de hoje o que prefere, se o cinema ou o teatro. Terá assim resposta à maioria dos problemas que assaltam hoje o teatro nacional: nível literário baixo, divertimento só para ricos, passadista, insuficiente para satisfazer a grande massa.

— Quais seriam as medidas capazes de melhorar a situação?

— Elevar a cultura, construir bons e grandes teatros de dois mil lugares, amparar os direitos dos profissionais.

— Como realizar isso?

— Com o incentivo e o apoio financeiro constante do govêrno, assim como é feito nos países mais adiantados

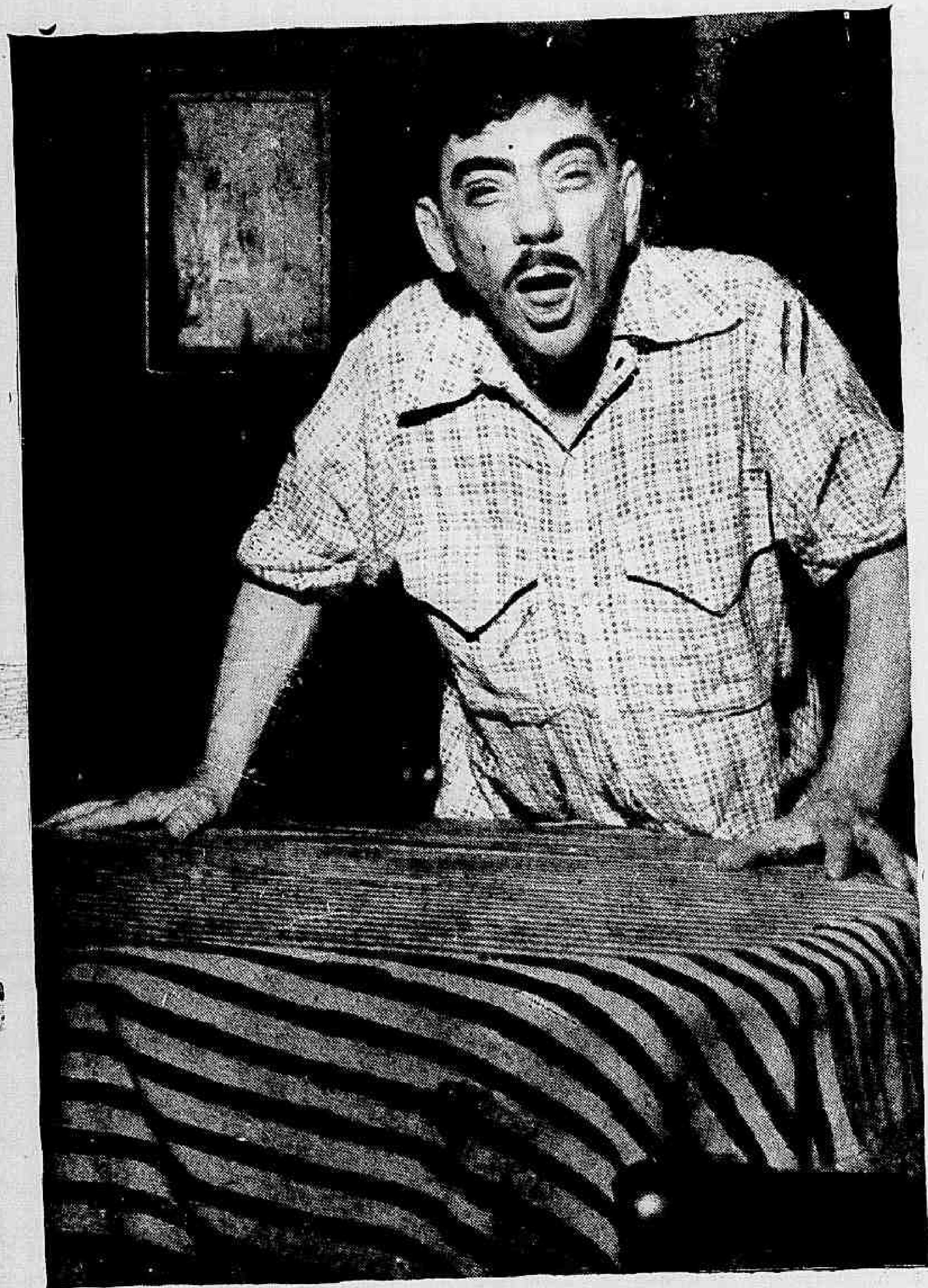
— Há esperanças de que com o novo govêrno se modifique o "status" do teatro brasileiro?

— Infelizmente, não! — respondeu Procópio tristemente, meneando a cabeça. — Seria preciso uma verba astronômica e uma mentalidade diferente.

— Qual, então, o futuro do teatro brasileiro?

— Não tem futuro. Está acabando e terminará completamente, apesar dos esforços sinceros de meia-dúzia de abnegados. A não ser que aconteça alguma coisa de inesperado.

Vimos assim concisa, em rápidas palavras, a precária situação por que passa o teatro no Brasil. Haverá algo de profético, ou os homens tomarão vergonha?



TIPO DO BOCÓ, do empresário, disse-nos êle, espanta-se com a proposta que lhe fêz Lionel, o patrão. Espanta-se, mas aceita. Pensa que fará uma boa ação, em sua alma sentimental.

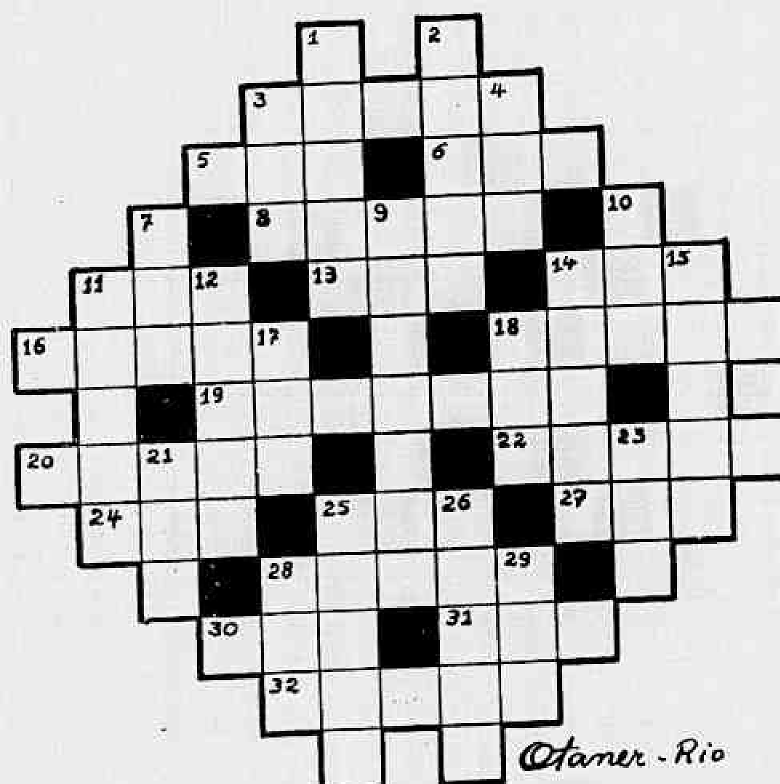


ROMANTICO, leva flôres para Maria Teles, pivot da história, prometendo: «Amanhã trarei cravos», para desespêro do ex-patrão e atual sócio. A vida é assim, um dia da caça e outro...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 35 - PARA VETERANOS

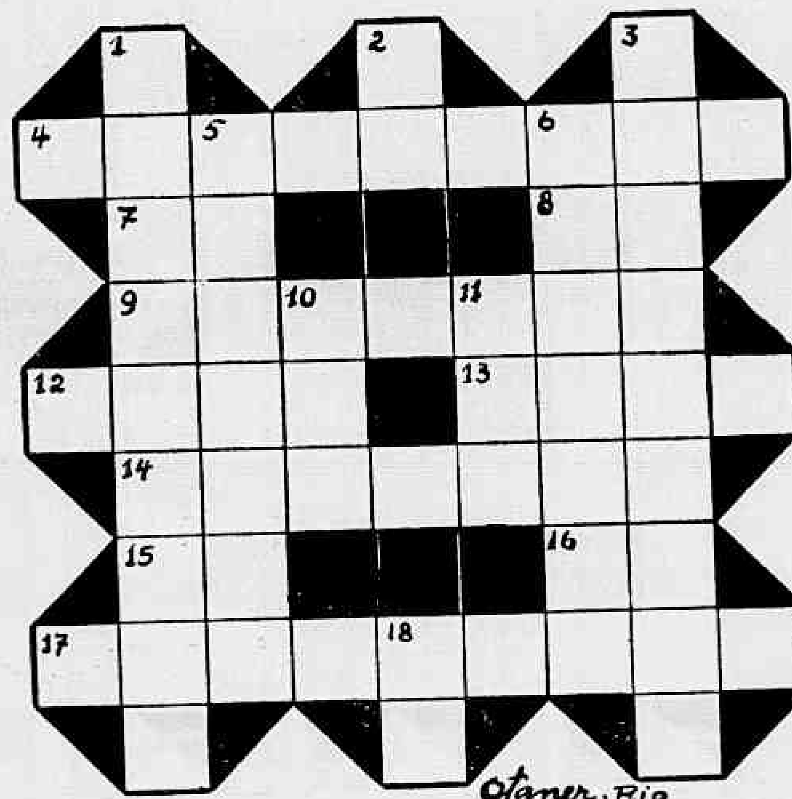
HORIZONTAIS: — 3. Agudeza — 5. Espécie de conchas bivalves que se encontram nas areias dos rios — 6. Cachaça de máu gôsto — 8. Mangericão 11. Descalça — 13. Medida de cem metros quadrados — 14. Idade — 16. Ferro com argolas no rodizio dos moinhos — 18. Pai de Saturno — 19. Trabalho complicado — 20. Irrequieto 22. Inerente — 24. Espécie de peneira — 25. Divisão administrativa da Dinamarca — 27. Cidade e pôrto da Finlândia — 28. Indigena da tribo caraiba do alto Caiarí-Uaupés — 30. Guri — 31. Outra vez! — 32. Planta da familia das Cruciferas.



VERTICAIS: — 1. Coisa que embriaga — 2. Cavalo que tem duas côres, preto e branco — 3. Declaração — 4. Impressão — 7. Choradeira — 9. Pessoal docil — 10. Malha de côr diferente, redonda, no pelo da rês — 11. Bicho de pé — 12. Abano — 14. Instrumento cirúrgico que serve para prender, levantar e afastar tecidos — 15. Substância de um amarelo avermelhado com que se dá côr ao queijo flamengo — 17. Ribanceira — 18. Planta da família das Rosáceas — 21. Abelha meliponidea que nidifica no chão — 23. Sopé — 25. Propicio — 26. Abelha silvestre (pl.) — 28. Origem do mundo material na religião persa — 29. Bolsa de caça feita de fibras de caroá.

★

PROBLEMA N.º 35 - PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 4. Labor — 7. Simbolo do glucinio — 8. Rio da Sibéria — 9. Multiplicado por oito — 12. Homem de estatura muito mais baixa que a normal — 13. Mulher fantástica; sereia de rios e lagos — 14. Importuna — 15. — Pátria de Abraão — 16. Prefixo que traz a idéia de repetição — 17. Têrmo indigena que significa pedra reluzente.

VERTICAIS: — 1. Tripulante lendário da nau Argo — 2. Neste lugar — 3. Espécie de óleo — 5. Anca de boi ou vaca — 6. Os Países-Baixos — 10. Reboque — 11. Bacia para lavagem de utensilios de cozinha — 18. Pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 34

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Mandigaria — Ui — Ure — Tat — Mi — CCI — Ébrio — Loas — Moi — Ló — Lat — Mádido — Tse — Ea — Nem — Iana — Naire — Cit — Ta — Zan — Aui — Mo — Saltadouro.

VERTICAIS: — Matemáticos — Nutrimental — Di — Gui — Ar — Recolonizou — Alistamento — Abo — Molde — Caa — Oiana — Saí — Era — Tiã — Ut — Mó.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Mora — Apor — Cá — Em — MC — Ataraxia — Tararaca — Ar — Ri — Os — Aias — Rosa.

VERTICAIS: — Má — Operário — Romarias — Ar — Cata — Atar — Mico — Caãs — Ar — Sá.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

novo **TRANSMISSOR** para a

RADIO BANDEIRANTES



A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA

INICIARÁ O ANO NOVO

com um transmissor

WESTINGHOUSE



de 10.000 watts.

SOM • POTENCIA • POPULARIDADE



Já se tornaram tradicionais as festas com que o Jockey Club recepciona os seus associados na passagem do ano. A de agora confirmou o êxito das anteriores, com maior brilho e esplendor











Êstes flagrantes mostram aspectos diversos do grande "reveillon" de Ano Novo realizado nos salões do Jockey Club Brasileiro. Muita alegria, muita animação, beleza e elegância

"REVEILLON" DE ANO NOVO NO JOCKEY CLUB



REPETINDO o esplêndido êxito social dos anos anteriores, realizou-se, na noite de São Silvestre, o grande "reveillon" de Ano Novo com que o Jockey Club Brasileiro costuma recepcionar os seus numerosos associados e famílias. A sede social da aristocrática agremiação turfista viveu uma noite de raro brilhantismo, reunindo o que de mais fino e seleto possui a sociedade carioca, numa festa das mais belas e animadas que marcaram, na Cidade Maravilhosa, a passagem do Ano Velho para o Ano Noao. São dessa encantadora reunião as fotografias que ilustram êste registro, feitas especialmente para a REVISTA DA SEMANA, e que atestam o esplendor e a animação reinantes no "reveillon" de Ano Novo do Jockey Club Brasileiro.





ENLACE DALVA LOUREIRA — RAULINO GOULART



Constituiu um acontecimento de destaque social a cerimônia religiosa do casamento da srta. Dalva Loureiro, filha do sr. e senhora Agostinho Loureiro, com o jornalista Raulino Goulart, redator d'O GLOBO. A nave da Catedral Metropolitana estêve repleta de amigos dos nubentes que ali compareceram para lhes tributar e testemunhar o seu regozijo pelo feliz enlace. Foi oficiante da solenidade, monsenhor Marinho e serviram de testemunhas, respectivamente, o sr. e senhora Yedo Campos e o sr. e senhora Ivo Rodrigues que também foram padrinhos no ato civil, realizado na residência dos pais da noiva e presidido pelo Juiz Paulo Faria Cunha. Na gravura, os noivos numa pôse especial para o fotógrafo HALFELD.



Enlace matrimonial da senhorita Cinira de Freitas, filha do sr. Antônio Luís de Freitas Pereira, amigo chefe do Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra, com o sr. Moisés Cisne, realizado em 8 de dezembro p.p.

OLFATO DE PAPAGAIO

OTO PRAZERES

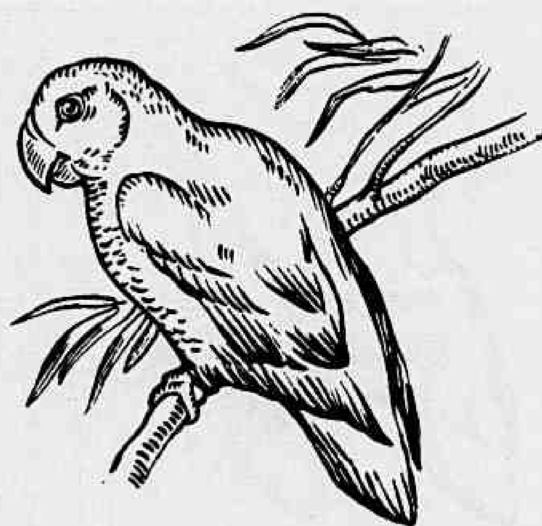
As histórias, mais ou menos engraçadas e mais ou menos apimentadas dos papagaios, constituem assuntos já por demais explorado, levando, freqüentemente, o leitor a considerar como perdido o tempo da leitura...

O caso que as presentes linhas vão apresentar não tem sòmente o lado que se pode, sem exagêro, classificar de cômico: desenha um problema ou dá lugar a uma investigação científica, conforme apurarão os que chegarem ao fim do episódio aqui narrado.

O papagaio em questão floresceu, como se diz nos compêndios de história, no último quartel do século que passou e, como os zoólogos afirmam que os papagaios não respeitam os limites de séculos, é possível que ainda exista em algum lugar ignorado de Pernambuco.

Foi nesse Estado que o caso se deu, em pleno Recife, que não ostentava ainda o meio milhão de habitantes. Cenário: um casarão na antiga rua Formosa, onde nasci e os que conhecem a minha fisionomia e o nome dêsse local não deixarão de sentir, imediatamente, o contraste. A minha avó tinha ganho um papagaio vindo de Alagoas e que, diziam, falava mais do que «o prêto do leite», afirmativa que era comum na época e no local.

Realmente, o papagaio falava a todos os instantes e teria sido chamado de «Barreto Pinto» se, então, houvesse na Assembléia Legislativa da Província de Pernambuco êsse irrequieto representante das massas populares. Era um papagaio que contava as horas, pois que, pela manhã, o relógio soando sete horas, jamais se enganava e gritava para a empregada, naquele tempo escrava: — «Josefa, bote a chaleira no fogo pra o café».



Aprendera a frase com minha avó que ao bater das sete horas dava essa ordem, com voz forte, da sua cadeira de balanço, colocada na sala de jantar. O papagaio decorava tudo que ouvia, criando, por vêzes, situações delicadas, como esta, por exemplo: freqüentemente, recebíamos a visita de uma senhora que morava em outro bairro e que, apesar de ter meios de fortuna, apresentava-se sempre com o mesmo chapéu. Quando ela chegava, as moças e empregadas comentavam rindo: "o chapéu é o mesmo».

Ouviu isto repetidamente e um belo dia, mal ia chegando a visita em aprêço, o papagaio começou logo a gritar: «O chapéu é o mesmo! O chapéu é o mesmo».

Pois êste papagaio tão falador, ficou mudo no fim de um mês de maio para o comêço do mês de junho. Murmurava qualquer coisa, porém em linguagem que ninguém entendia.

O prêto João deu o início para a solução do problema, dizendo: «Êste papagaio parece que está rezando...»

Um tio meu, paciente, postou-se junto à gaiola e esforçou-se para verificar o que a curiosa ave murmurava e viu que o prêto João descobrira a verdade. O papagaio dizia qualquer coisa inintiligível ou inaudível e acrescentava em tom muito baixo, porém nítido para quem estivesse bem perto:

— Ora pro nobis, ora pro nobis!

O papagaio estava rezando! E, daí, talvez, a sua atitude grave de quem se entregava a um retiro espiritual ou a um... repouso espiritual.

Quem tinha ensinado o papagaio a rezar? A explicação não foi difícil: na casa vizinha, habitada por uma família muito religiosa, tinham rezado, com freqüência de não pouca gente, o mês de Maria. A capelinha da casa, muito pequenina, não comportava tantos piedosos, que ficavam espalhados pela varanda. Rezavam ladaínhas todos os dias. Evidentemente, o papagaio não decoraria tôdas as palavras de quem tirava a ladaínha, mesmo porque, se capaz de tal coisa, não ouvia bem tudo, mas ouvia o côro: «Ora pro nobis, ora pro nobis!»

Cochichava, portanto, as palavras que não ouvia, mas dizia distintamente o que o côro ia repetindo tantas vêzes.

Passemos agora ao aspecto mais curioso, cientìficamente falando.

Depois de alguns dias, o papagaio deixou de rezar e começou a falar, com variedade e alegria, participando do movimento falatório tão comum nas proximidades dos barulhentos folguedos de S. João. Imitava êle com perfeição o assobio do foguete do ar e seu estouro final. O papagaio passara a ser todo profano outra vez.

Mas, sempre que na capelinha da casa ao lado ou na nossa própria residência era queimado incesso, o papagaio recolhia-se guardando uma posição grave e dizia em murmúrio:

— Ora pro nobis! Ora pro nobis!

Êsse papagaio, portanto, demonstrava uma extraordinária memória olfativa e — o que é o principal — associava idéias em virtude dessa memória, pois rezava em sentindo o cheiro de incenso... Terão os papagaios memória olfativa ou sòmente o papagaio em questão?



Conto de
LUIZ CANABRAVA

Muita gente, em Mata da Corda, acreditou na existência de Maria Bambá; principalmente depois do caso de Anselmo, o sacristão, numa época em que lá não havia iluminação elétrica e era maior o mistério das noites.

Maria Bambá tinha hábitos estravagantes. Um dêles era chegar, levantando a poeira das ruas, num carro-de-boi de eixos ringidores. Os que chegaram a vê-la afirmavam ser muito alta, duas vêzes maior do que a tôrre da igreja, lugar incômodo onde se sentava. A luz da lua combinava bem com a lividez do seu rosto, e quase tornava transparente o seu vestido branco. Por isto, aparecia em noites claras e, como assombração que se preza, só era vista a altas horas.

Foi sentada na tôrre, ereta e diluida, com os olhos brilhantes, que a viram d. Emilia e Anselmo do padre. Contaram que era terrivel e levava consigo, para as profundas, aquêles que não suportassem o fascinio do seu olhar.

Dizem que só vê almas do outro mundo gente que carrega grandes pecados no coração. D. Emilia, entretanto, era uma das mulheres mais piedosas de Mata da Corda, se bem que, às vêzes, perdesse a compostura diante das farras do marido. Uma noite, saiu a procurá-lo. Era tamanha a sua revolta que, vencendo os seus escrúpulos de dona direita, resolveu ir à casa de Berta, lugar proibido, onde, certamente, encontraria o descarado. Ia com o coração apertado, e sacudia as banhas num passo agitado. De repente, parou boquiaberta. Só não desmaiou, porque estava sòzinha e o silêncio pesava na vila enluarada. Lá em cima, muito pálida, Maria Bambá a olhava.

D. Emilia conseguiu, com um "pelo sinal", vencer o desfalecimento que se apoderava do seu corpo. Correu, cambaleando.

Anselmo do padre desempenhava pacatamente a tarefa de sacristão da Matriz. Sua única fraqueza conhecida era um sacrilego amor à cachaça. Contava-se que, num domingo, na missa das dez, o vigário, na hora da consagração, pousara os olhos num escorpião, que passeava na toalha de crivos do altar-mor. O bom padre dissera, baixinho, a Anselmo: — "Mata o bicho, Anselmo!" — O sacristão não se fêz de rogado. Como para êle "matar o bicho" significava virar um bom gole, pegou a garrafinha de vinho santo e virou-a, de uma vez só.

Talvez Anselmo se houvesse acostumado com o vinho da igreja. O fato é que, rondando a Matriz numa noite de lua, viu-se frente a frente com Maria Bambá. Se pensava em bebida, esqueceu-a num segundo e abalou, desnorteado. Foi ter a um botequim suspeito, único lugar movimentado àquela hora. Meio sem fôlego, contou o ocorrido a uma turma, que jogava baralho. Os homens estavam bêbedos e riram.

— Homem que é homem não acredita nessas bobagens — disse Juca Pedreira, tirando uma tragada no cigarro de fumo goiano. — Eu só queria topar com o bicho!

Juca era homem de verdade, fazendeiro corajoso, dêsses que dão ordens aos berros e não levam desaforo para casa.

O desejo, expresso nas suas palavras, revelam que êle não tinha convicções muito seguras. Mas, depois do caso do sacristão, Maria Bambá ausentou-se de Mata da Corda, durante mesês. Juca Pedreira pensava em assuntos mais sérios, pois tinha quarenta trabalhadores nos roçados e arrumara um namôro na cidade.

Tôda noite ia conversar com Pequenina. Ficavam, horas a fio, na obscuridade do alpendre, suspirando tolices, bem juntinhos, para que a tia Isabel não os escutasse. Depois entravam, tomavam café com quitandas e, às vêzes, jogavam vispora.

Um dêsses jogos prolongou-se muito. Já eram onze e tanto, quando Juca se despediu e montou, sonolento, na mula que o levaria à fazenda.

A vila estava mais quieta do que um cemitério. Os cascos do animal faziam um barulho fôfo na poeira. Juca pensava no trabalho da madrugada, na marcação do gado, que deveria ser efetuado com urgência. (Cont. na pág. 41)

Ilustração de
M. QUEIROZ



Noite fechada, depois do jantar, o sr. Getúlio Vargas acende o seu charuto cubano e prepara-se para ouvir os versos que em sua homenagem a menina Maria Luiza decorou e vai declamar. Ao lado, a professora estadual senhora Dilza Rodriguez Bellomo, que foi a São Pedro só para apertar a mão do futuro Presidente, de quem é incondicional admiradora, sente-se feliz por ter realizado o seu intento.

48 HORAS NA ESTÂNCIA SÃO PEDRO - (II)

QUAL FOI MAIS EXPRESSIVA: A VITÓRIA DE 1930 - OU A DE 1950?

Uma pergunta indiscreta e uma resposta imediata ★ Sem telefone, jornais atrasados e com a emissora "enguiçada" ★ Acompanhando pelos telegramas as notícias da Coréia ★ Evocação aos 427 "pracinhas" do Pistóia ★ Virá o Brasil a defrontar-se com outra guerra? ★ Com o voto secreto, o resultado das urnas não foi surprêsa ★ Fala o sr. Batista Luzardo sôbre o problema do trigo: Enquanto na Argentina o consumo "per capita" é de 227 quilos anuais, no Brasil não vai além de 23 quilos ★ Econômicamente, trigo só compensa no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ★ A anedota de Jefferson ★ Comentário do "chauffeur" de Uruguaiana: "O Getúlio está inteiro, moço!" ★ Outros apontamentos e o regresso com as corujas ao meio-dia

Reportagem exclusiva de
CELESTINO SILVEIRA

OS dois dias da nossa permanência em São Pedro foram vividos pràticamente fora do mundo. Dêle tínhamos, quando muito, o simples contacto daquela ponta extrema de Brasil, a três quilometros do rio Uruguai, que estabelece a divisa com a Argentina. Três quilômetros — distância da casa residencial do sr. Batista Luzardo às margens do rio fronteiriço, tôda abrangida pela propriedade agricola.

Mas, o resto do mundo pouco interessava ao repórter, cuja missão tinha de exercer-se ali dentro. Era aquêle o seu mundo e até lá não chegavam rumores de fora, salvo os de que eram portadores pilotos e visitantes assíduos, êsses, porém, mais preocupados em conversar com o ilustre hóspede do sr. Luzardo que em falar de assuntos triviais. Jornais chegavam com grande atraso; telefone não há. E a pequena emissora da estância andava defeituosa, em silêncio. Só o aparelho portátil de rádio, instalado na administração, em casa separada, era, vez por outra, consultado. Mas, foi por êle que o sr. Getúlio Vargas soube o desenrolar da apuração eleitoral. Dias e horas de angustiosa expectativa viveram-se em tôrno ao minúsculo receptor, e ocasiões houve em que o ambiente se preocupou: quando os algarismos acusavam resultados mais favoráveis para os outros candidatos. Soubemos que mesmo nos dias de maior expectativa, a presença do sr. Getúlio Vargas junto ao rádio pouco se fêz sentir. Quase sempre, terceiros anotavam os resultados, apressando-se em transmiti-los ao mais interessado na causa.

Mas, enfim, tudo havia passado e tudo ficou azul, como o céu místico, de lua cheia, daquelas noites claras de verão.

★

Pela manhã do segundo dia, recebemos um convite do sr. Getúlio. Dêle era portador seu secretário, sr. Roberto Alves:

— Você não disse que pretende bater um flagrante do Presidente tomando o chimarrão da manhã?

Sim, disséramos. E, sem demora, munidos da objetiva, palmilhamos — pela primeira vez — a fita de cimento que une a casa-grande ao "castelinho", onde só se pode ir à convite. No "hall", já o sr. Getúlio Vargas se encontrava saboreando o seu "amargo", de jornal em punho, interessado na leitura dos telegramas internacionais. A seus pés, Sultão estendia-se a fio comprido, pachorrento e feliz, junto ao seu inseparável amigo.

— Você tem acompanhado as notícias da Coréia? — indagou s. excia.

Respondemos que sim. Mas, desde a antevéspera, nada sabíamos de novo, pelas razões já expostas — falta de qualquer elemento informativo. Também, o jornal que o sr. Getúlio tinha em mãos era atrasado, embora trazido pouco antes por Nelson Vieira, pilôto do avião pôsto a seu serviço.

Debruçado nas grades da varanda mais fotografada do Brasil, o candidato eleito interroga seus visitantes, dêles escuta preciosas revelações e fica em dia com os acontecimentos do país. Poucos dias depois de realizada esta reportagem, s. excia. voltava à fazenda de sua propriedade em Itu, cuidando dos preparativos para regressar ao Rio a fim de tomar pôsse. E já estava saudoso daquela vida livre...

— Parece que as coisas não estão indo muito bem — continuou.

E, sem desviar os olhos da primeira página, depois de sorver alguns goles do chimarrão, o próprio sr. Getúlio Vargas passou a ler em voz alta as mensagens de Tóquio e de Washington. Pouca importância dava à presença da máquina fotográfica, de tal modo o teor dos telegramas lhe dominava a atenção.

E, enquanto carregávamos o "flash", alguém disse:

— Tudo isso é muito grave — e muito triste. Justamente quando o Brasil vai iniciar uma nova fase governamental, problemas delicados dessa natureza se estão apresentando.

A resposta do presidente eleito consistiu na leitura de outro telegrama pouco favorável para as fôrças das Nações Unidas. Depois disse:

— Sim, tudo isso é muito grave e muito lamentável.

— Mas, será possivel que venha mesmo outra guerra?

A fisionomia do sr. Getúlio permaneceu inalterável, de cenho cerrado. Por detrás dos óculos, seus olhos não se desviavam do jornal. Mas respondeu:

— Quem sabe! Oxalá que não. A Coréia está longe, muito longe, mas as circunstâncias só com o correr do tempo hão de dizer o que sucederá.

Depois, o "flash" iluminou aquêle recanto do "hall", fixando os flagrantes já publicados. E a conversa ainda se estendeu por alguns minutos dentro do mesmo tema — a posibilidade de uma nova guerra com a qual o Brasil tivesse de avir-se. Pouco mais disse o futuro Presidente — mas o que dêles ouvimos traduzia com sinceridade suas apreensões. O que poderia meditar um homem a poucas semanas da posse do govêrno, sôbre tão magno problema? Que participação irá ter o nosso país nos acontecimentos vindouros? Que papel irá exercer nessas ocorrências aquêle cidadão que tinhamos ao lado?

— Bom seria que tudo se resolvesse em paz — arriscamos. — E ninguém melhor do que o senhor poderá sentir o que representa uma guerra, quando no seu govêrno já teve de participar de outra.

Num tanque estreito de três metros de profundidade, onde a água foi misturada com diversos ingredientes químicos, o gado vai merguihando e é obrigado a nadar até atingir a extremidade oposta, enquanto dois trabalhadores, de forcado em punho, fazem-no submergir de corpo inteiro. Êsse banho é renovado semanalmente.





O sr. Gualter de Sá Moreira veio de Portugal para lançar a produção de oliveiras na estância. Os primeiros pés com 2 ½ anos de vida, são promissores. Em 53, S. Pedro dará azeite.



Ao cair da tarde, quando o calor aperta, os peões reunem-se sob uma árvore copad
campo é árduo e nesse rápido intervalo a turma troca impressões sôbre as ocorr
so. Há sempre um viajante que desmontou do animal para faze companhia a

Figura clássica do campeiro gaúcho — a bombacha arregaçada, o cinturão onde há sempre uma faca pronta para churrasquear, o chapéu de abas largas para protegê-lo do sol.



— As circunstâncias a tanto nos obrigaram — respondeu. — Sempre as circunstâncias, Fomos provocados, ofendidos, não havia outro caminho a seguir.

Sem dúvida, que não havia, como pode não haver outra vez. Mas — sublinhamos — a impressão mais forte que uma recente viagem à Europa nos dera, fôra a visita ao cemitério brasileiro de Pistóia. Lá se encontravam os restos dos bravos sacrificados na ilusão de não haver mais guerras. E, no entanto...

— Quantos lá estão? — indagou s. excia.

— Quatrocentos e vinte e sete. Um grande tapête de cruzes brancas, marcando o sono eterno dos "pracinhas".

— Quatrocentos e vinte e sete!

Fêz-se silêncio. As chapas estavam batidas. Achamos melhor voltar para a casa-grande deixando o sr. Getúlio Vargas entregue às suas reflexões — de jornal entre as mãos, mas agora esquecido. Seu olhar perdia-se no espaço.

★

Foi sempre de inesperado que conseguimos reunir alguns conceitos do sr. Getúlio. Nesse mesmo dia, depois do almôço, como se oferecesse ensejo, de surprêsa jogamos uma pergunta ensaiada desde o Rio:

— Qual das duas vitórias — a de 1930 ou a de 1950 — considera mais expressivas?

Sentimos que os presentes ficaram em suspenso. Talvez fôsse por demais indiscreta a pergunta. Certamente não foi, porque a resposta veio pronta, embora meditada:

— Elas são diferentes, é bom frisar. Uma foi alcançada pelas armas — a outra pelas urnas.

E depois:

— Cada qual teve a sua razão de ser dentro de uma época distinta. A primeira constituiu um movimento revolucionário pelo qual aspirava o povo, rompendo-se velhas praxes políticas e estabelecendo-se o advento de novos moldes sem os quais o país não poderia passar, mais cedo ou mais tarde. A segunda veio confirmar a vontade soberana do povo. Foi o amadurecimento da opinião pública e serviu para ratificar a vitória de 30.



s reunem-se sob uma árvore copada e descansam para renovar as fôrças. O trabalho do
a troca impressões sôbre as ocorrências locais, toma um chimarrão e fuma o seu cigar-
animal para faze companhia aos demais. A cena da gravura é tipicamente gaúcha.



Antiquada caixa de música é conservada a um canto da varanda. Sua maquinaria é complicada, a música está impressa em rôlos primitivos e embora barulhenta, ainda funciona.

O «bicho» é rebelde, ainda não se acostumou à montaria, mas o «cabra», de cigarro na bôca e pulso forte nas rédeas sabe que poderá domá-lo, mesmo a poder de alguns tombos.

— respon-
ocados, ofen-

haver outra
mais forte
fôra a visita
contravam os
e não haver

de tapête de
"pracinhas".

las. Achamos
o sr. Getúlio
rnal entre as
rdia-se no es-

s reunir alguns
depois do al-
jogamos uma

ou a de 1950

uspenso. Talvez
Certamente não
a meditada:
Uma foi alcan-
.

dentro de uma
movimento re-
rompendo-se ve-
advento de novos
ia passar, mais
firmar a vontade
da opinião pú-
e 30.

— Mas, — insistimos — por isso mesmo, qual delas a mais valiosa e expressiva?

— Certamente, a segunda, a das urnas. Seu significado é maior.

Desde que o ensejo se propiciava, não quisemos furtar-nos a outra indiscreta pergunta:

— E essa segunda vitória chegou-lhe de surprêsa ou já a esperava?

Nova pausa, muito rápida, e sempre de olhos perdidos no além, o candidato eleito respondeu sem evasivas:

— Bem, eu sabia que se o voto secreto fôsse exercido, a rigor, o resultado seria uma realidade imediata. Quanto a isso não alimentava a menor dúvida. Contudo...

— Contudo...

— ...era preciso que o voto secreto fôsse realmente exercido. Que nada o prejudicasse. Realmente, isso aconteceu e, portanto, a vitória não se fêz tardar.

★

Alguém comentou, depois, um artigo de oposição ao futuro govêrno, publicado nas vésperas. Isso deu margem a que fizéssemos sentir ao sr. Getúlio Vargas:

— Seu govêrno terá pela frente uma das mais fortes oposições que já se fizeram a um presidente no Brasil...

O semblante do candidato eleito abriu-se num sorriso de satisfação. Era como se esperasse essas palavras — e disse:

— Pois tanto melhor. Quando construtiva e bem intencionada, a oposição pode prestar inestimáveis serviços a quem governa, orientando, chamando a atenção para determinados problemas que poderiam passar em branco, ajudando mesmo a resolvê-los.

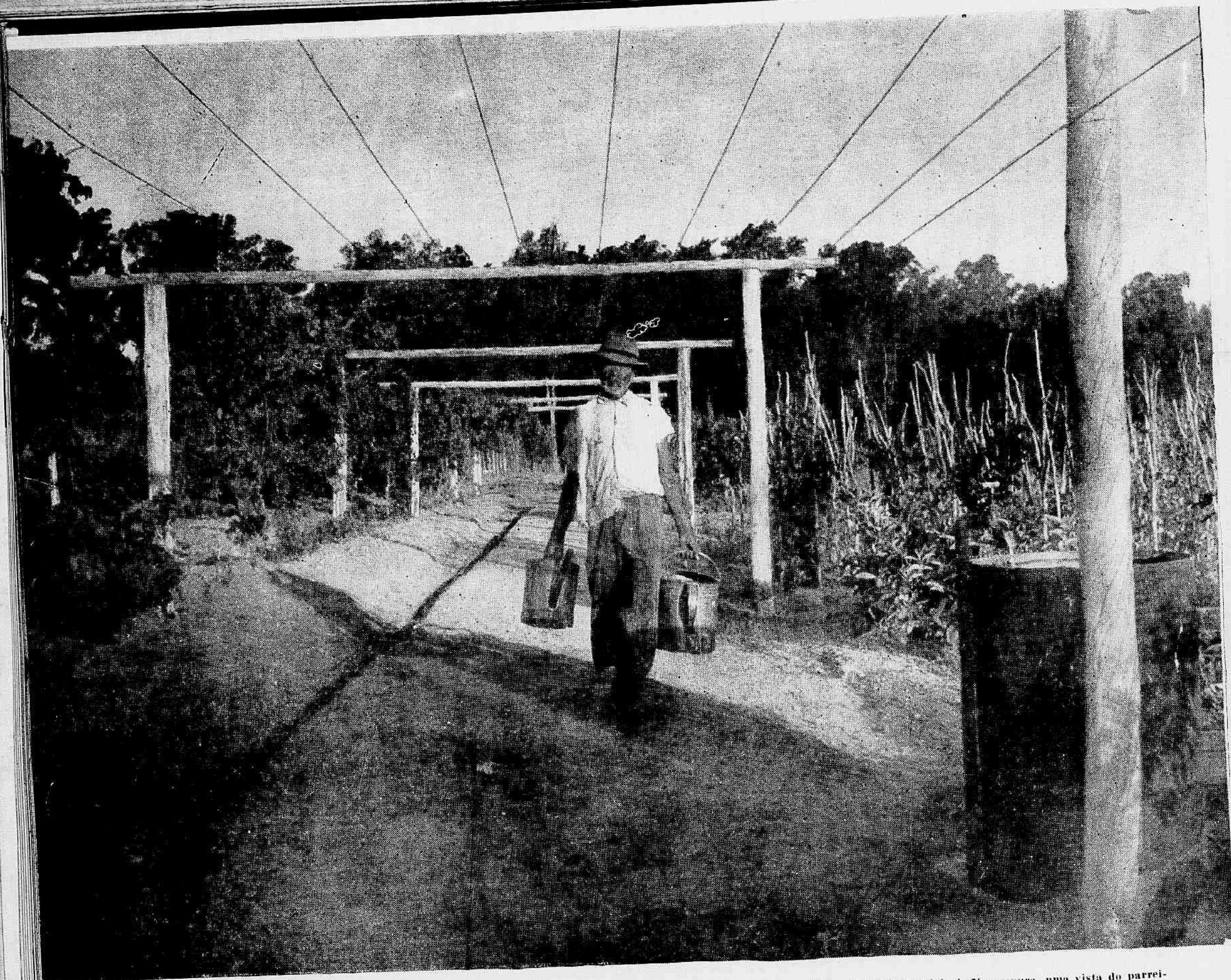
E, depois, com firmeza:

— E' o que pretendo fazer — e o que farei efetivamente.

★

Sempre que havia ocasião, o sr. Getúlio Vargas referia-se aos seus competidores de 3 de outubro em têrmos lisongeiros, sem a mais leve aparência de animosidade. Nessa noite, comentou-se o resultado das apurações em Minas Gerais, conhecido pouco antes:





Nos 9.100 hectares de terra da estância, existem mil laranjeiras, muitos marmeleiros, pessegueiros, macieiras, pereiras — e a cultura da uva é respeitável. Na gravura, uma vista do parreiral, quando um trabalhador se desincumbe de regar as árvores frutíferas. Há também mil pés de oliveira, estando encomendados mais 40 mil para intensificar a produção local do azeite.



Uma preciosidade: — o sr. Getúlio Vargas, quando colegial.

— Já sei — retrucou s. excia. O Brigadeiro venceu-me em Minas.

E como se fôsse a coisa mais natural do mundo, continuou saboreando o seu prato de trigo integral.

Ainda sôbre o panorama das apurações:

— Se alguma coisa me surpreendeu foi o segundo colocado. Tudo fazia crer que êle viesse a ser o sr. Cristiano Machado — que, na realidade, ficou em terceiro lugar.

★

Depois, a palestra rumou para a momentosa questão da cultura do trigo em nosso país. Presente o sr. Batista Luzardo, êle nos prometeu para mais tarde alguns esclarecimentos. De fato, numa tertúlia à varanda, ouviamos do antigo embaixador brasileiro na Argentina:

— O consumo "per capita" de pão no Brasil é desolador em confronto com o de outros paises do continente. Na Argentina, por exemplo, êsse consumo é de 227 quilos anuais; no Uruguai, ainda atinge a 163 quilos; já no Paraguai não vai além de 42 quilos — e no Brasil, a média é apenas de 23 quilos anualmente. Note-se que estamos importando um milhão e duzentas mil toneladas de trigo por ano.

— Mas, o Rio Grande não está produzindo bastante?

— O máximo, de verdade, que o nosso Estado produz são 250 mil toneladas.

— E, não pode o Brasil incrementar, em outros Estados, essa cultura, até se abastecer por completo?

O sr. Batista Luzardo sacudiu negativamente a cabeça:

— Eu lhe responderei com a indicação do famoso genetista Invar Beckman: O Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná são os três únicos Estados que podem plantar trigo no Brasil econômicamente. Fora disso, trigo será sempre uma produção antieconômica. Trata-se, como vê, de uma informação autorizada, feita por quem estudou o problema a fundo, com absoluto conhecimento de causa.

★

Outros pormenores sôbre a estância adquirida pelo sr. Batista Luzardo do sr. Miguel Belesa, anos atrás: Nela procura o seu atual proprietário introduzir a cultura da oliveira. Para começar, doze mil pés foram plantados, faz dois anos e meio, entregando-se essa delicada tarefa a um agricultor português, o sr. Guálter de Sá Morais, que veio da sua terra especialmente para administrar essa propriedade. Mais três anos, e pela primeira vez, estará sendo produzido azeite em solo brasileiro, azeite da melhor qualidade. Desde agora foram encomendadas mais 40.000 mudas de oliveiras. Bem sucedida a experiência, outros produtos europeus serão cultivados em São Pedro, inclusive a cereja. Mas, ali já se produzem marmelos, pêssegos, maçãs, pêras, além de laranjas em alta quantidade. A estância abrange 9.100 hectares de terra, nela trabalhando aproximadamente 45 homens. Mas, a criação de gado continua sendo o rendimento mais forte: 11.600 carneiros e ovelhas, e 6.000 bovinos ali se encontram. Devido à sêca, mais de três mil cabeças morreram. As dependências interiores da casa-grande não acusam pròpriamente o luxo, a opulência de que nos falavam — mas tem o confôrto natural de uma propriedade dessa natureza, embora bem cuidadas tôdas as peças e enriquecidas com móveis e objetos de arte e decoração nelas introduzidos pelo sr. Batista Luzardo.

Naquela ocasião, com a presença do sr. Getúlio em seus domínios, São Pedro teve reforçado seu pessoal de serviço interno. Dois garçãos, Tolentino e Isbarrola, serviam à mesa e atendiam ao candidato eleito no "castelinho". Uma camareira, Paulina, era incumbida de zelar pelos

arranjos das dependências do sr. Getúlio Vargas, sendo a única mulher que nelas penetrava. Paulina é a espôsa de um camponês ucraniano, também aproveitado nas lides do campo — e vieram ambos da Europa, faz dois anos. Foram prisioneiros de Hitler durante a guerra, conhece-ram as provações de um campo de concentração, mas, na primeira oportunidade, rumaram para o Brasil. Aqui chegando, o casal ficou detido numa colônia de imigrantes, de onde foi retirado pelo sr. Luzardo e aproveitado, com eficiência, na sua estância. Paulina fala razoàvelmente o português. Estão satisfeitos, ela e o marido, lônge das terras onde tanto sofreram — e aqui pretendem ficar pelo resto de seus dias. São ambos ainda muito moços.

☆

Foi em nossa presença que ocorreu o episódio, depois transmitido pelos confrades gaúchos que se encontravam em São Pedro, sôbre a questão da posse presidencial sem trajo de rigor. Essa notícia provocou uma série de comentários e até alguns editoriais em grandes jornais cariocas. Mas, como se teria passado realmente o episódio? Teria o sr. Getúlio decidido peremptòriamente, como foi publicado, assumir o govêrno em roupas simples, com abolição do trajo de etiquêta?

Não foi bem assim.

O calor era forte naqueles dias, e todos, na estância, realmente aboliam as formalidades de roupa. Íamos para a mesa como se andava no campo, os srs. Getúlio e Luzardo em trajos típicos do gaúcho, e com êles alguns elementos da casa. Outros, sem gravata, em mangas de camisa. No fim de contas, estava-se "em campanha", longe das obrigações protocolares. E, a tal ponto se fazia sentir essa simplicidade, que ninguém chegava a tratar de "s. excia." o homem que será Presidente da República dentro de uma semana, nem mesmo ao anfitrião da propriedade. Era tudo simples, a bem dizer extremamente democrático. Trocavam-se impressões com o candidato eleito como se êle não fôsse um candidato eleito, mas um cidadão igual aos outros, despido de qualquer função pública. E, não raro, a palestra rumava para o pitoresco, com todos os imprevistos da boa camaradagem. Se permitir que os rapazes de jornal, e os secretários, e os visitantes da casa usassem da mais completa liberdade na presença de um chefe da Nação é agir mal — então vamos convir que muito mal agiu o sr. Getúlio Vargas em São Pedro.

Foi numa dessas ocasiões que veio à baila o problema protocolar do Catete. E, alguém disse:

— Vá aproveitando êsses últimos dias de campo, de liberdade, êsse muito "à vontade", Presidente — porque não tarda muito, terá de abolir tudo isso e suportar os rigores do protocolo...

Deu o sr. Getúlio Vargas um suspiro largo, sorriu e com displicência respondeu, calmo:

— Sim, é verdade. Se fôsse possível, que bem seria ficar assim à vontade, no Rio!

— "Se fôsse possível" — sublinhou.

Mas não seria possível. Êle mesmo compreendeu, evocando um episódio ocorrido quando ocupara o govêrno anteriormente. De uma feita, anunciou-se a visita do chefe de uma nação sul-americana e o representante diplomático dêsse país consultou o sr. Getúlio sôbre a possibilidade de ser abolido o rigor de indumentária.

— Não haverá o menor impedimento de minha parte — respondeu s. excia. Mas, pelas dúvidas, convém que o Itamarati faça uma consulta ao corpo diplomático.

A consulta foi feita — e o resultado negativo. Houve elementos que estranharam a abolição do protocolo, da etiquêta, reconhecendo como imprópria a roupas simples. E, por isso, só por isso, o chefe da nação amiga foi recebido no Brasil, contra sua vontade — e a do governante brasileiro — dentro dos mais rigorosos preceitos de etiquêta e formalismo.

— Já vê que não é tão fácil, mesmo quando se quer, abolir êsses rigores por completo — rematou o sr. Getúlio Vargas. O Itamarati não deixa. E' o Itamarati quem manda...

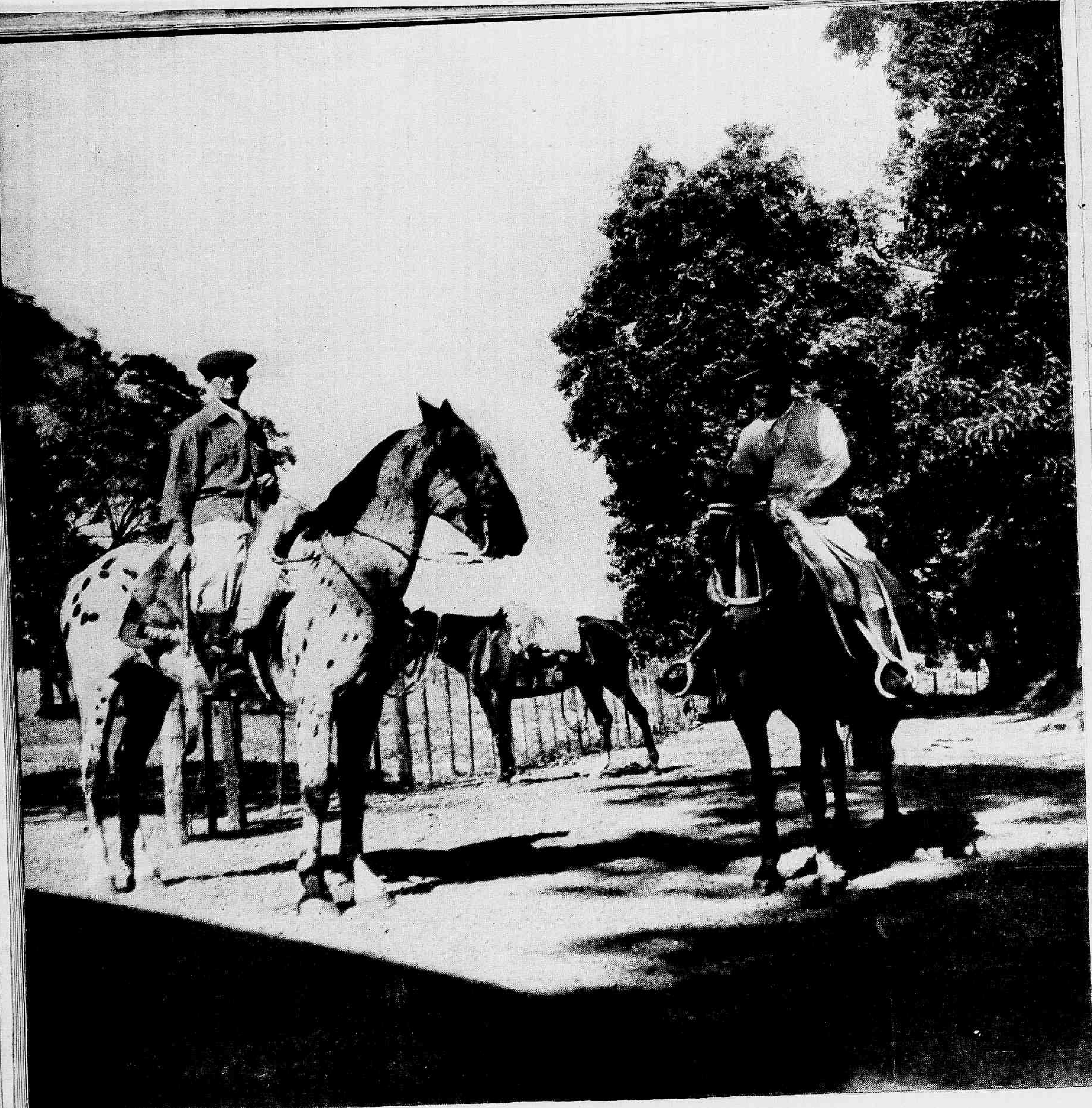


A sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto foi sempre a secretária e confidente de seu pai. Êste flagrante data de 1941 e foi batido em Petrópolis numa festa íntima no Rio Negro.

Sôbre a organização ministerial, ninguém conseguiu tirar uma palavra do candidato eleito, naqueles últimos

Estes são Tolentino e Isbarrola, os garções que serviam o sr. Getúlio Vargas em S. Pedro. Na hora de servir estavam convenientemente uniformizados, mas aqui os vemos na intimidade, depois do trabalho, improvisando um «show». O repertório é constituido na maioria de melodias portenhas, e ambos ficaram popularíssimos e estimados por habitantes da estância.





Quase diàriamente o sr. Batista Luzardo percorre a sua propriedade montado no seu animal predileto, em companhia de alguns de seus hóspedes. Não raro o sr. Getúlio Vargas o acompanhava nessa excursão matinal; nesse dia, porém, a presença de muitos visitantes à estância, e as entrevistas marcadas com alguns elementos políticos, o impediram de dar o giro

dias de dezembro. O diretor de importante jornal fêz uma tentativa: mandou consultá-lo sôbre a conveniência de uma visita para divulgar coisas importantes e decisivas.

— Ainda não é oportuno — respondeu s. excia. Diga-lhe que não venha, por enquanto. Teria que falar ou não falar de assuntos que estão, por enquanto, em estudo. E lá viriam as consultas de praxe sôbre problemas cambiais e outros congêneres... Depois teriamos as incompreensões, a interpretação errada das minhas palavras... E' melhor: diga que ainda é cedo.

E o diretor do grande jornal não foi a São Pedro dessa vez.

★

Os silêncios do sr. Getúlio Vargas são um de seus traços caracteristicos. Homem que pergunta muito e responde pouco, sabe desviar a conversa nos momentos oportunos — ou inoportunos — com a "retirada estratégica" de uma pergunta inesperada ao seu interlocutor. De outras vêzes, fala sem rebuços, na intimidade expondo sôbre coisas aparentemente insignificantes. E sublinha, com a sua sadia gargalhada, as intenções mais eloquentes.

Mas, quem o observar melhor, há de apanhá-lo com freqüência em mutações súbitas de fisionomia. Amável, risonho, perguntador, palrador, eloquente, por minutos e minutos — fecha a carranca e fixa as pupilas num alvo abstrato. Como se uma idéia absorvente fizesse ato de presença quando menos esperada.

Adora as anedotas e não só as escuta com prazer, como também sabe contá-las. Recordamos esta que lhe ouvimos, a propósito de homens ilustres e seus pequenos vicios:

— Certa vez, Jefferson, ainda no inicio de sua carreira, desconhecido, portanto, teve de fazer uma viagem e utilizou-se de uma diligência. Não havendo lugar no interior do carro, sentou-se à boléia, junto do cocheiro, homem rústico e conversador. Em meio do trajeto, êste preparou-se para fumar o seu cachimbo. Depois de o encher, ofereceu fumo ao seu companheiro — Jefferson. "Não fumo" — respondeu êste. Mais adiante, tirou do bôlso um frasco de bebida e antes de o levar à bôca, novamente ofereceu: — "Não bebo" — respondeu Jefferson. Por fim, numa pousada da estafante viagem, o homem tirou de outro bôlso um baralho de cartas e convidou Jefferson para uma partida. — "Não jogo" — respondeu Jefferson. Já aborrecido, o cocheiro voltou-se para êle e resmungou então: — "Pois fique sabendo que não vou com a sua cara. Não gosto de homens que não tem pequenos vicios. . E' porque os tem grandes..."

Até agora procuramos decifrar se houve segunda intenção na evocação do episódio. Mas, entre os presentes, tinhamos todos qualquer pequeno vicio...

★

Presentes senhoras a uma das refeições, houve quem

comentasse os tipos de beleza da mulher brasileira. Vieram referências amáveis às bonitas mulheres gaúchas, às cariocas, às baianas e pernambucanas. O sr. Getúlio Vargas concordava — e em dado momento, quando lhe perguntaram a sua predileção, respondeu:

— Mulheres bonitas existem em tôda a parte do Brasil, é certo. Mas, sem com isto diminuir os encantos de qualquer patrícia, quero reconhecer que as mais belas, ao menos em minha opinião, são...

— Quais, Presidente?

— As paulistas.

E não havia nenhuma paulista ali presente.

★

Em palestra com um grupo de agrônomos da Secretaria da Agricultura, que com êle discutia assuntos relacionados com a produção agrícola, houve quem estranhasse a ausência da política nos temas de todo-o-dia. Disse o sr. Getúlio Vargas:

— Muita gente pensa que eu gosto de política. No entanto, devo dizer que a política sòmente me interessa como instrumento de realizações. Fora daí, tudo o mais se estiola em atividades estéreis."

De fato, do que menos se falou nas quarenta e oito horas de nossa permanência em São Pedro, foi de política.

★

O bom-humor do futuro Presidente não perdia vaza para se externar. Ali estava, em caráter permanente, o repórter fotográfico Lauro Pôrto, do "Diário de Notícias" de Pôrto Alegre, e sempre que chegavam novos visitantes, sua presença era reclamada para bater a chapa clássica do encontro. Mais uma pose na varanda — o sr. Getúlio de bombachas, de charuto entre os dedos, de olhar calmo, e o visitante satisfeitíssimo, feliz, ao lado do homem mais procurado no momento. Invariàvelmente, o visitante, mais tarde, procurava obter de Lauro Pôrto um negativo para levar como lembrança. E o repórter gaúcho, prestimoso, não tinha dúvidas em atender, fazendo-o sem qualquer remuneração.

Naquela tarde, cumprido mais uma vez o ritual da "pose para a posteridade", s. excia. aproximou-se de Lauro:

— Você não cobra nada pelo trabalho?

— Não, Presidente.

— Pois faz mal. Devia cobrar que os moços pagariam de boa-vontade...

E, levando o charuto aos lábios:

— Pagariam, sim! Muitos gostam dêsse "farol"...

★

Regressamos a Uruguaiana, dando por encerrada a segunda etapa do nosso serviço. Quando nos despedimos do sr. Getúlio, êle pergunta:

— Então, vai satisfeito? Conseguiu tudo o que pretendia?

— Tudo, Presidente. Melhor do que podíamos esperar.

— Pois então, boa-viagem, e mande a REVISTA DA SEMANA quando publicar êsse material. Capriche nas fotografias do Sultão...

E, ligando o gesto à palavra, fêz pousar uma das mãos, acariciante, no pêlo macio do cão vagabundo, que um dia apareceu por encanto naquele reduto e logo se afeiçoou ao seu novo dono.

(Cont. na pág. 45)



Uma sósia de Bibi Ferreira — e ela sabe disso: Chama-se Gladys, tem 19 anos, nasceu em Salto (Uruguai) e é afilhada do sr. Batista Luzardo e de d. Adelaide, sua espôsa.

Outra evocação fotográfica: o sr. Luthero Vargas, filho do candidato eleito e, por sua vez, recém-eleito deputado federal, quando numa de suas periódicas visitas a seu pai. Dentro de alguns dias estarão novamente juntos, no Rio, e os encontros serão mais freqüentes. Quando a REVISTA visitou a estância S. Pedro, ninguém da família acompanhava o sr Getúlio Vargas





UM CASO DE AMOR

Novela de JOSÉ ALPHA

EU me tenho por um homem delicado. Não sei como pude cometer tamanho deslize. E' verdade que aquela meia-hora de conversa e o jeito franco e cordial com que êle me havia tratado até ali davam-me, por assim dizer, os direitos de uma velha amizade. Não sei mesmo como aquela indiscreta pergunta me saiu da bôca. Não pude, porém, resistir, e quando o vi afastar-se para ver qualquer coisa na porta perguntei-lhe com uma indelicadeza incrível:

— O senhor "puxa" de uma perna, não?

Não havia ainda terminado a frase infeliz e já me havia mil vêzes arrependido.

Fiquei, pois, admirado quando o homem, longe de se desgostar com aquela pergunta grosseira, mostrou-se até muito alegre. O seu rosto se iluminou por um largo sorriso e os seus pequeninos olhos escondidos atrás de espêssas sobrancelhas brancas adquiriram extraordinário fulgor e foi logo me respondendo:

— Está aí uma pergunta que sempre me agradou. Eu sei que isso lhe causa estranheza. Fico, porém, satisfeito quando posso repetir a história desta perna, que não é nada mais, nada menos que um caso de amor. Sim senhor, um caso de amor!

Lá pelo meado de 19... eu teria mais ou menos uns 17 anos e lutava desesperadamente para vencer a aversão que tinha pelos estudos e a espantosa incapacidade para aprender qualquer coisa, fôsse o que fôsse. Já havia entrado em várias escolas e saído das mesmas sem o menor resultado, pois eu atribuía a minha inépcia à escola... "que não sabia ensinar".

Nessa época da vida é que nós começamos a sentir dentro do peito êsse estranho sentimento que chamamos amor, e eu, a despeito de minha invencível timidez, não deixei de ser também influenciado por êle.

E' preciso um grande esfôrço para se avaliar com exatidão as horas, os dias, os meses, os anos de ansiedade e os tormentos que passei por causa dêsse mal: a timidez.

A minha escolha caíra sôbre uma pequena dotada de rara beleza. Nos seus olhos estavam refletidas tôdas as doçuras do céu. Os seus lábios bem feitos e carnudos prometiam tôda a felicidade da terra. Parecia mesmo que a natureza ali se havia esmerado e reunido numa só criatura tôda a perfeição no propósito de me enloidecer.

Minha vida e meus pensamentos estavam voltados para ela. Nada mais no mundo me interessava. Sòmente ela. Havia-me alheiado de tudo. Dos estudos nem é bom falar. Se já não os suportava noutros tempos, muito menos agora. Minha freqüência na escola tinha descido a nível nunca visto.

Só minha bela absorvia-me. A sua figura me dementava e, traindo minha aparente tranqüilidade exterior, mantida, mantida pela minha timidez, o meu peito ardia no paroxismo de uma paixão própria de meu temperamento arrebatado e da idade que, quando mais do que a razão, são os sentimentos que nos guiam. As minhas 24 horas eram-lhe inteiramente dedicadas. Procurava então vê-la tôdas as vêzes que podia. Na reza, na missa, na quermesse, na feira, enfim, onde ela pudesse estar lá estaria eu. Naturalmente, eu procurava dar a êsses encontros o caráter de casualidade.

O meu ardor amoroso não passava disso, porém.. A maldita timidez me impedia de ir além. Às vêzes, me enchia de coragem e me dispunha a abordá-la. Mas, quando chegava o momento sentia meus pés chumbados à terra e a língua sofria uma espécie de paralisia. Era obrigado a me encostar na primeira parede e esperar até que pudesse assumir o comando de meus nervos.

Quanto tempo durou isso eu não posso dizer, pois, eu já havia perdido a noção de tudo e a do tempo principalmente.

Por fim, resolvi confiar a uma amigo o meu estado de espírito e rogar-lhe que, por caridade, me tirasse daquele embaraço.

Hoje, a gente olha tudo aquilo e se espanta com ver como éramos tolos e ridículos. Enfim, a mocidade é tôda igual. De tôdas as épocas e de tôdas as partes.

Chamou-me êsse amigo e confidente para um lugar apropriado e me traçou os planos que eu devia seguir para ter bom resultado.

Começou: — Você, antes de tudo, deve decorar bem esta "chapa" — e me deu um papel escrito — pois eu lhe havia pedido ajuda há já alguns dias.

— Você decora a chapa — disse-me — e quando estiver com ela na ponta da língua é só aplicar êsse processo que é infalível.

O papel, isto é, a "chapa" dizia mais ou menos isto:

"A senhorita me dá licença de duas palavras? (Admitia-se uma resposta favorável da interrogada).

"Desde o primeiro momento que a vi, senti-me atraído pelos seus encantos e penso que a minha pessoa, pelo que me é dado deduzir, não é indiferente à senhorita. Nestas condições, rogo-lhe que me conceda uma entrevista, no dia e na hora que achar mais conveniente."

Em alguns dias apenas decorei a tal "chapa" mas, no momento de pôr o plano em execução, uma coisa qualquer me obscurecia a mente e não me era possível pronunciar uma palavra sequer. Decididamente, por aquêle processo eu não poderia conseguir a tão almejada entrevista.

Disso dei ciência ao meu confidente.

— Neste caso — disse-me — você precisa de um estimulante e nada mais. Quando chegar na hora tome uma coisa qualquer que você terá coragem para dizer isso e mais ainda.

A oportunidade chegou.

Era uma tarde de setembro. Chovera no dia anterior. O sol estava para desaparecer. Os seus últimos raios iluminavam fracamente e punham uma nota de tristeza naquela ruazinha lamacenta. Sentia-se ainda um vento frio do inverno que se despedia.

Nisso eu noto um ajuntamento de gente a olhar para cima.

Nessa parte da rua havia um correr de casas velhas cujos inquilinos, pequenos comerciantes, haviam recebido notificação da Saúde Pública para mudarem-se, pois aquêles prédios não ofereciam condições de segurança.

Era para cima de uma dessas casas que aquela pequena aglomeração estava olhando.

Eu estava ali à espera de minha deusa. Como a distância era pequena, me aproximei para ver do que se tratava.

Um pretinho conseguira fugir pelos fundos do Distrito, que era naquele quarteirão, e galgando o muro ganhara o telhado daquelas casinhas de onde procurava pôr-se a salvo da polícia.

Os comentários eram os mais desencontrados e a princípio ninguém sabia ao certo do que se tratava.

A situação se esclareceu completamente quando um soldado carregando uma comprida escada apareceu e colocando-a no prédio na direção do pretinho se dispunha a subi-la.

Não havia a menor dúvida, tratava-se de recapturar o fugitivo. Nesse ponto a aglomeração na pequena rua já era enorme. Os motoristas e cocheiros impedidos pela multidão de prosseguir seu caminho abandonavam suas viaturas e reuniam-se aos curiosos para gozar o espetáculo.

Foi nesse momento que notei, como numa visão, a minha amada se aproximava com seu andar flexuoso, num vestido branco que lhe dava a beleza de um lírio. O peito se me abrasou. Tinha chegado, enfim, o momento de pôr em prática a tática aconselhada pelo meu amigo. Entrei num botequim e pedi cachaça. Afastei o cálice pequeno que o homem pôs na minha frente e ordenei: "Dose dupla".

Tomei-a de um trago e aguardei o efeito. Depois da sensação de calor no estômago, senti-me como que mais leve, quase querendo flutuar. Meu tórax se dilatou e ganhou uma amplitude inesperada. Um grande otimismo se apoderou de mim. Contemplei aquela multidão e achei-a reles e pusilânime.

Neste ponto os acontecimentos tinham tomado um aspecto imprevisto. Pois, quando o soldado estava no meio da escada o fugitivo, segurando na parte de cima, ameaçou jogar a escada, e mais quem nela estivesse, por terra. O soldado, tomado de pânico, desceu-a apressadamente e pôs-se a olhar para o pretinho, meio apatetado.

O povo, como era natural, estava empolgado e satisfeito, pois nunca havia esperado um espetáculo tão eletrizante, e o que é mais, inteiramente de graça.

Depois de apelar para a Providência, para que me amparasse em tão doloroso transe, resolvi impressionar a minha amada com um gesto de heroismo.

Afastei a multidão e encaminhei-me resolutamente para a escada, disposto a subi-la. Quando estava no meio o pretinho repetiu a ameaça que fizera ao soldado. Por diversas vêzes na vida a minha coragem tem sido posta à prova e, para ser franco, o resultado não tem sido muito lisonjeiro para mim, mas aquilo, longe de me amedrontar, me irritou tanto que fui tomado de verdadeiro ódio. Ódio inconcebível e absurdo, pois eu nada tinha a ver com o fugitivo que, de mais a mais, era apenas um adolescente e que só podia me inspirar simpatia.

Êle, vendo a minha disposição e temendo tornar a sua situação ainda mais grave, pousou a escada na parede e pôs-se a correr doidamente por sôbre o telhado. Nada me deteve. Subi ràpidamente a escada e comecei numa perseguição feroz ao infeliz. O álcool me dera um destemor inesperado.

A cobertura dos prédios era tôda de telhas, que chamam de canal, já muito velhas e com uma boa quantidade delas partidas por ter o madeiramento cedido pela deteriorização. Não obstante a precariedade do "solo" o estimulante me dera tal audácia que me parecia estar andando sôbre lajes. Notei que meu perseguido caminhava apressada mas cautelosamente, sendo que, em certos lugares, punha-se de gatinhas para andar.

Faltavam apenas alguns metros para agarrar o infeliz e, até hoje tenho na lembrança a expressão de súplica e desespêro que êle me fêz para que não o prendesse.

Nisto, senti que era tragado pelo chão. Ouvi como que uma porção de vasilhas de barro quebrarem, barulho de madeiras partidas e por fim a queda e um ruído estranho "dentro" desta perna.

Dizendo isso, segurou por um momento a perna direita e prosseguiu:

— Olhei em redor. Estava dentro de um compartimento escuro e úmido, cujo solo era de terra batida. Quis levantar-me mas notei que meu pé direito não se firmava. Quatro homens me carregaram. Pelo trajeto eu ia pensando no enternecimento que "lhe" ia causar, nas lágrimas que iriam rolar por aquelas faces, o orgulho que ela havia de sentir quando ouvisse os comentários e os elogios à minha intrepidez enfrentando corajosamente a morte para capturar um "celerado" e entregá-lo a um justo castigo.

....

Hoje, depois de longos anos, é doce recordar aquêles dias que passei no hospital Era um prédio grande, formando um quadrilátero, tendo no centro um pátio de tamanho regular. O meu quarto dava para o leste e por muito tempo pude assistir ao nascer do sol. Via, pouco a pouco irem-

(Cont. na pág. 41)

BILHETE DE PARIS

PARIS, dezembro (Por Jean A. Keim) — Depois das férias, desde o princípio de outubro, a vida artística recomeçou em Paris. Os pintores começam a expor e os fotógrafos, agora admitidos na grande família das Artes, os imitam. No velho palácio da Biblioteca Nacional está aberto o quinto Salão Nacional de Fotografia, consagrando uma vitória alcançada após uma luta de mais de um século.

Quando, no dia 19 de agôstó de 1839, o grande sábio Arago tornou público o processo secreto de Daguerre, comprado ao seu autor pelo govêrno francês e que "a França, com orgulho, cedia liberalmente ao mundo inteiro", falou sob a dupla égide da Academia das Ciências e da Academia das Belas-Artes. Mas, à medida que os métodos se foram aperfeiçoando, os pintores, que encaravam a fotografia com derrisão, começaram a se inquietar com a possibilidade de uma concorrência e não poupavam os seus sarcasmos. O próprio Baudelaire, que deu provas de um gôsto muito seguro nos seus julgamentos, chegou a dizer: "Em matéria de pintura e de estatuária o credo atual da gente de prol, sobretudo na França, é êste: creio na natureza e só creio nela; assim, a indústria que nos desse um resultado idêntico à natureza seria a arte absoluta. Um deus vingador atendeu os desejos dessa multidão: Daguerre foi o seu Messias". "O Charivari", jornal satírico da época, escreveu: " O que o daguerreoti o executa para o desenho, pondo a pintura, não ao alcance de tôdas as bôlsas, mas ao alcance de tôdas as mãos, o realejo o executa para a música".

Com o tempo, as obras fotográficas acabaram impondo-se. Certamente, para muitos, a fotografia não era ainda uma arte; porque davam o nome de fotógrafo a qualquer pessoa que, com a ajuda de seu aparelho, conseguisse impressionar a película com uma imagem visível, como se fôssem escritores todos os que conhecem ortografia ou pintores todos os que sabem manejar um pincel. Para os pintores, aliás, a distinção é muitas vêzes difícil e os erros de julgamento dão quase sempre aos salões de pintura um aspecto de inconstância e de mediocridade. Semelhantes erros não são também desconhecidos nos Salões de fotografia.

O verdadeiro artista se reconhece pela escolha do seu assunto, pela maneira com que o tratou, pelo seu estilo. Soube dominar a forma e subjugar perfeitamente uma técnica difícil para poder exprimir livremente a sua personalidade. As fotografias dêsses poucos artistas têm tanto valor como os quadros dos mestres. Já os colecionadores andam procurando os "clichés" antigos, de caráter antiquado, verdadeiros primitivos da arte fotográfica. Louis Cheronnet, a quem o Salão consagra uma vitrina como homenagem póstuma, havia recolhido no seu "Pequeno Museu da Curiosidade Fotográfica", velhas imagens que nos fazem às vêzes sorrir, não são destituídas de uma certa beleza.

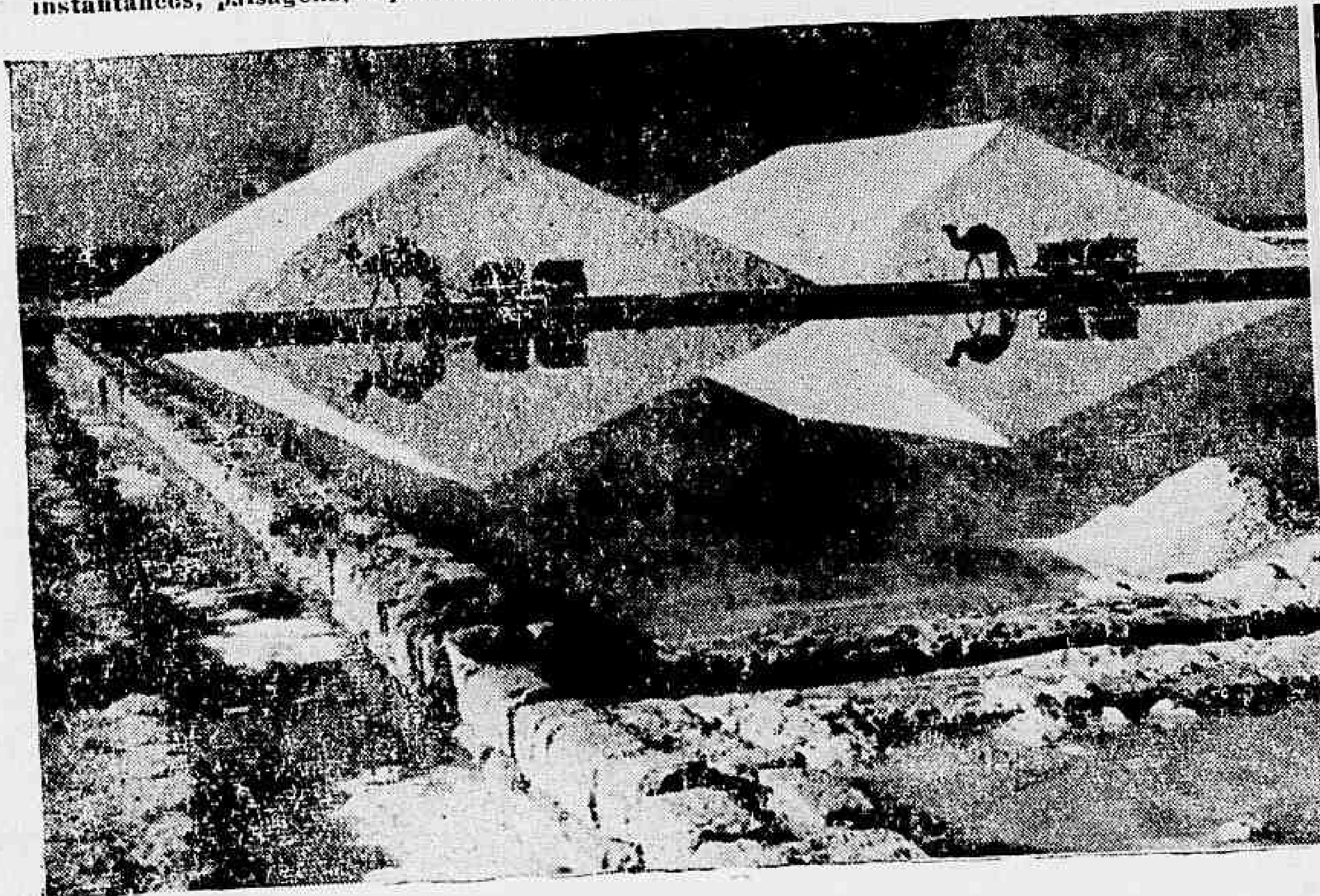


«Envol», um dos trabalhos classificados no 5º Salão Nacional de Fotografia, subordinado à legenda «Expresssão e Movimento», e considerado, no gênero, de alto merecimento artístico.

O 5.º Salão Nacional da Fotografia foi aberto sob o signo da "Expressão e do Movimento". A expressão é evidentemente uma tendência cara ao fotógrafo; artista, êle tenta decifrar o mundo com os meios à sua disposição e registrar o momento, que contém tôda uma seqüência de tempo, ou porque êle descobre uma segunda característica, ou porque êle chegue por uma escolha judiciosa a uma exposição instantânea. O movimento só pode ser apanhado na sua marcha e deve ser sugerido pela sua própria imobilidade. O domínio a explorar é imenso e o seu deslindamento, apenas começado, é infinito. As fotos

(Cont. na pág. 45)

Duas outras magníficas produções expostas no referido salão parisiense e classificadas com menções honrosas. Essa classificação é feita por grupos, de acôrdo com os assuntos: animais instantâneos, paisagens, espetáculos, a água, fisionomias, a rua, nús, movimentos, etc. O verdadeiro artista é reconhecido pela escôlha do assunto, pelo estilo e maneira por que o cuidou





Variados









NOVAS sugestões são sempre apreciáveis para o guarda-roupa, em qualquer estação. Aqui estão algumas das mais recentes criações em modelos de verão. Modêlo em sêda pesada, debruado com tecido escuro. Saia justa e corpo de mangas japonêsas. Gola e mangas em piqué branco. Vestido simples, saia transpassada, o peito e a aba do bolso apresentam um trabalho de acolchoado. Elegante vestido com decote drapeado. Saia justa abotoada na frente, com bolsos embutidos. Modêlo para noite, com ampla saia, em tafetá de dois tons.

AS HORAS NOTURNAS

A noite está fria e silenciosa. Há estrêlas no céu, sombra no parque abandonado. As estrêlas palpitam, inquietas, na distância. A sombra se reflete na água parada dos tanques — a noite está silenciosa, entre sombras e cintilações.

★

No silêncio da noite, ouço a tua voz macia e grave. Recordo as tuas palavras... E' verdade que te recordo em tôdas as horas de minha vida, que vives comigo todos os instantes que passam, é verdade, é verdade... Hoje, porém, agora, nesta noite erma e silenciosa, eu te sinto junto de mim, e tão intensamente, que é como se te visse e te ouvisse... Ainda agora neste momento, senti a tua presença, foi como se ouvisse o teu passo... Ainda agora, foi como se sentisse o teu gesto — tua mão, leve, leve... Ainda agora foi como se te visse sorrir, como se sentisse o teu perfume, teu calor, como se visse tuas palavras, murmuradas na tua voz musical, macia e grave — as palavras inesquecíveis que são belas e gratas porque vêm na tua voz e além da tua alma.

★

A noite está silenciosa — e relembro tôdas as horas noturnas, as horas harmoniosas de nosso sonho, horas de doçura e de serenidade...

A noite está fria e silenciosa... Longe, na noite, palpitam as estrêlas, promessas distantes que vêm do mistério da noite e pairam sôbre o mundo das sombras que se estendem aos nossos pés... Recordo as horas maravilhosas, as lindas horas inefáveis, as horas eternas que o tempo não levou, que sentimos em nós, na alma, nos olhos, nas mãos — nas mãos que se apertaram e nunca mais se hão de separar... Recordo as horas gratíssimas, as horas suaves — as horas de eternidade...

★

A noite está fria e silenciosa... E sinto a tua presença na doce carícia da hora noturna... E sôbre a sombra que adormece o parque abandonado, vem do mistério da noite, a distante, inquieta palpitação das estrêlas... — **LYSE.**





Quadriculados

OS tecidos xadrês, com suas alegres combinações de côres, exprimem perfeitamente a claridade dos dias de verão. 1 — Original modêlo de alças em sêda quadriculada. Capinha em fazenda lisa, formando um recorte quadrado na frente. 2 — Original modêlo juvenil em tafetá escocês. Corpo transpassado e abotoado, decote em V, saia de panos. 3 — Vestido para tarde em algodão quadriculado. Corpo abotoado dos lados, indo os botões até aos bolsos. Mangas japonêsas dando a idéia de uma capinha. 4 — Vestido para noite em organza, debruado com fazenda lisa. Corpo sem alças, saia bem ampla, aberta do lado.









ALGODÃO

OS tecidos de algodão são muito procurados para os vestidos de verão, por serem frescos e apresentarem grande comodidade. Corpo de mangas japonesas, enfeitado com bordado, saia de pregas soltas. Vestido juvenil com saia franzida e corpo justo, de mangas japonêsas. Coleção de modelos simples, em algodão, todos ligeiros e frescos.

★



Blusas Modernas



Estas blusas de sêda, destinam-se a ser usada com os «tailleurs» ou saias de verão.

★

Original blusa japonêsa, com as mangas franzidas colocadas sob as cavas primitivas. A frente e as mangas são trabalhadas em pequenas pregas horizontais.



Modêlo sem gola em sêda, com a frente trabalhada em machos.

★

Interessante modêlo, trabalhado em nervuras, formando recortes.



Estes dois modelos adornados com fio de ouro, podem ser confeccionados em lã ou tecidos grossos.





MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



BANCO DO COMÉRCIO S.A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:
Rua do Ouvidor, 93-95
Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.



Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.



LYTOPHAN

WEEK-END NA

MAIONESE SEM AZEITE

Agora que o azeite autêntico de oliva está caro, maionese sem azeite é uma sugestão de grande utilidade. O sabor é exatamente igual ao da maionese com azeite.

Tome 4 colheres de vinagre, uma colher de farinha de trigo, e leve ao banho-maria, fazendo uma espécie de grude. Retire do banho-maria junte uma pitada de açúcar, 1 xícara de leite, 1 gema, 1 colher de manteiga, 1 pitada de mostarda e sal à vontade. Leva-se outra vez ao banho-maria fazendo um creme. Depois de frio, junte uma clara batida em neve e misture tudo. Querendo diminuir a espessura e fazê-la mais sôlta, retire a manteiga.

MACARRÃO DE FERRINHO

Meio quilo de farinha de trigo, 3 a 4 ovos, amasse tudo muito bem e se estiver difícil de ligar junte mais um ôvo. Depois de muito bem amassado, corte a massa em rolinhos finos de mais ou menos um palmo. Enrole (como faria com o rôlo de macarrão) êsses rolinhos num ferrinho semelhante a uma agulha de tricot n. 3. Êles ficam como uns canudinhos abertos. A massa deve ser um tanto ou quanto sêca para não grudar no ferrinho.

BIFES ENROLADOS

Corte bifes compridos e finos de colchão mole. Prepare uma mistura feita com um pouco de queijo parmezão ralado, um pouco de salsa picada, uma pimenti- toucinho salgado, um pouco de nha picada, um ôvo cozido picado, uma pitada de pimenta do reino, umas folhinhas de mangericão e umas azeitonas verdes picadas. Coloque sôbre os bifes um pouco dessa mistura, amarre com uma linha e frite-os em gordura, juntando cebola e tomate.

PUDIM GELADO DE MORANGOS COM LEITE

Junte 250 gr de açúcar, meio litro de leite e leve ao fogo o açúcar com metade dêsse leite e uma fôlha de gelatina. Deixe desmanchar, tire do fogo e abafe para conservar o calor. Junte à outra metade do leite 250 gr de morangos. Esmague-os bem, passe pela peneira, amassando-os ainda. O líquido resultando deve ser misturado à gelatina derretida. Mexa muito bem, coloque em fôrma de louça, barro ou vidro, molhada em água fria. Deixe gelar.

OMELETE DE COUVE-FIOR

Cozinhe 1 couve-flor em água e sal, e parta aos pedacinhos. Leve ao fogo uma frigideira com 1 colher de manteiga e 100 gr de toucinho inglês aos pedacinhos, e deixe fritar. Bata 12 ovos e deite sôbre o toucinho, mexa um pouco, depois deite no meio os pedacinhos de couve-flor, polvilhe com queijo ralado, e dobre depressa a omelete, fora do fogo. Deite num prato, polvilhe com queijo, leve ao fogo por 2 minutos es irva. Será melhor fazer em 2 frigideiras ou em 2 vêzes.

CREME DE LENTILHAS

Deite 250 gr de lentilhas numa panela, cubra com água fria, e leve a cozinhar um pouco; depois adicione 1 cebola, 1 ramo de cheiro e sal, e deixe em fogo brando até se desmancharem. Passe na peneira, junte ao caldo coado, leve a ferver, junte um pouco de manteiga. Sirva à parte pedacinhos de pão fritos na manteiga.

FILET À CHIPOLAT

Tome um bom pêso de filet de vaca, limpe, apare e deite numa caçarola com a cebola picada, cheiro, pedacinhos de toucinho e sal. Molhe com caldo e leve a ferver por 10 minutos. Retire do fogo, tape a caçarola e leve ao fogo por hora e meia. Tome umas 18 cebolas do tamanho de nozes, 18 pedaços de cenoura e 18 nabos cortados do tamanho de nozes, e uns 15 champignons, tudo cozido em água e sal, escorrido e passado em duas colheres de manteiga tostada com 1 de chá de açúcar. Côe o môlho do filet, junte aos legumes e adicione 1 cálice de vinho Madeira ou Pôrto. Arrume as fatias da carne no meio do prato e as verduras com môlho ao redor.

VAGENS EM FEIXES

Tire as fibras das vagens, ponha de môlho em água fresca. Leve a ferver numa panela com água, sal e colher de açúcar — para ficarem verdes. Jogue as vagens escorridas, dentro e deixe ferver até ficarem moles. Escorra e deixe esfriar. Bata 3 claras em neve, junte as gemas, sal e farinha de trigo aos poucos até ficar como suspiro, e incorpore 1 colher-de-chá de azeite fino. Tome as vagens (como pequeninos feixes) e deite na pasta Retire com uma colher e vá deitando na banha quente e frite de ambos os lados, sem deixar tostar muito. Arrume os feixes de vagens ao redor da carne ou sirva à parte.

PÃEZINHOS RECHEADOS

Tome 12 pãezinhos redondos, tire a códea bem fina, corte 1 fatia de ½ cm em cima, e por aí vá retirando o miolo com cuidado, a fim de não furar as paredes. Devem ficar como púcaros. Faça um picadinho de carne de vaca, ou de porco ou de galinha, junte umas 100 gr de presunto, 3 cenouras cozidas e 3 ovos duros, tudo picadinho. Com êste recheio, encha os pãezinhos, cubra com as fatias retiradas e arrume numa frigideira untada com 1 camada de 1 cm de manteiga. Encha um bule com leite e vá regando os pães até que fiquem embebidos, sem se desfazer. Pincele com dois ovos batidos, polvilhe de queijo, ponha como uma avelã de manteiga sôbre cada um, e leve ao forno apenas para dourar, sem deixar secar. Retire com cautela, arrume num prato e enfie 2 galhinhos de agrião de cada lado das tampas. Pode servir simples ou com môlho de tomate, ligado com 2 colheres de queijo ralado.

ROSQUETES DO RIO GRANDE

450 gr de farinha, 3 colheres de manteiga, 3 de banha, 6 ovos e 1 colher-de-chá de sal. Misture tudo e vá amassando com leite até a massa ficar lisa e fácil de enrolar, sove bem e enrole da grossura de 1 dedo. Faça argolas e jogue em água a ferver, deixe levantar a fervura de novo e deite a escorrer numa peneira. Arrume num tabuleiro e leve a assar no forno quente. Prontos, deite-os num alguidar. Com 3 xícaras de açúcar, faça uma

NA COZINHA

calda em ponto de açucarar. Jogue dentro um punhado de açúcar, misture e derrame sôbre os rosquetes. Revolva um pouco e deixe secar bem.

BIFES EM FLOR

Corte 12 bifes bem finos e redondos, de 16 cm de diâmetro e tempere de sal. Corte 12 rodelas de presunto e 12 de língua Paissandu, de 12 cm de diâmetro. Reserve 12 fôlhas, sem talos, de azedinha, e 12 meios ovos duros partidos sôbre a largura. Passe as aparas da carne na máquina, tempere e reserve. Tome 1 bife, deite no meio a azedinha, sôbre esta 1 rodela de presunto, depois 1 de língua, 1 montinho de carne moída, e calque bem no centro ½ ôvo com a ponta para baixo. Com uma agulha e linha grossa franza a carne ao redor, puxe a linha e amarre em cima, para que fique como uma laranja. Faça assim 12 bolas. Refogue numa caçarola pedacinhos de toucinho, de presunto e de 1 cebola. Ponha em cima os bifes com o franzido para baixo. Junte cheiro, 1 xícara de água, tape e deixe em fogo brando até amolecer. Retire a carne, peneire o môlho, ligue com ½ colher de manteiga tostada em ½ de farinha, dilua com caldo se fôr preciso, e junte 1 cálice de Pôrto. Retire as linhas dos bifes, coloque a parte franzida para baixo, e com faca afiada dê em cima 1 corte em cruz, quase até em baixo. A carne se abre como uma flor. Arrume como um "bouquet", sôbre vagens, sem que apareça, só para altear o centro. Faça ao redor uma grinalda de agrião.

BISCOITOS DE ÁGUA

3 kg de farinha de trigo, 1 tablete de fermento, 1 copo de leite, 460 gr de gordura, 4 ovos, ervadoce e sal. Desmancha-se o fermento numa xícara de água e acrescenta-se 1 kg de farinha até conseguir-se a consistência desejada. Deixa-se levedar, acrescenta-se então o resto da farinha, a gordura, o leite, os ovos e demais ingredientes. Sova-se bem, fazem-se os biscoitinhos à vontade e leva-se ao forno. São muito bons para fazer-se na estância. Na falta de fermento, pode-se empregar fermento comum.

COQUILLE DE GALINHA

Depois de cozida a galinha, separa-se bem a carne dos ossos, corta-se bem miudinha, refoga-se com um pouco de manteiga e temperos. Para êste prato, podem-se aproveitar os restos de galinha na hora de servir, cortam-se dois ovos cozidos, misturam-se bem com a galinha, arruma-se em conchinhas apropriadas ou em tigelinhas e cobre-se com um creme, feito na proporção de 1 xícara de leite, para umac olher de maizena ou de farinha de trigo, meia colher de manteiga, uma gema e uma pitada de noz-moscada. Se a galinha fôr inteira, aumenta-se a receita. Enfeita-se à vontade.

SONHOS DE AMÊNDOAS

125 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 125 gr de amêndoas picadas, 5 ovos, 600 gr de farinha de trigo, 1/2 colherinha de canela, 4 colherinhas de fermento em pó, um pouco de leite.

Misturam-se a manteiga, açúcar, as amêndoas, os ovos, a farinha, a canela, o fermento e o leite e faz-se uma massa leve e lisa. Estende-se, cortam-se bolacinhas ovais que se fritam em gordura quente. Polvilha-se com açúcar e canela.

CREME MOKA

1/4 de litro de café forte, 1 colher-de-café de manteiga e 1 de farinha de trigo, 1 colher de sopa de açúcar, baunilha, a manteiga e 1 de farinha de trigo, 1 colher de sopa de açúcar, baunilha, 1 ôvo, 1 gema.

Mistura-se em uma caçarola o açúcar, a farinha, a baunilha, a manteiga e os ovos.

Junta-se o café quente, leva-se ao fogo e deixa-se ferver, mexendo-se constantemente. Despeja-se numa vasilha e deixa-se esfriar.

PRATOS DE PÊSSEGOS

5 a 6 pêssegos grandes, maduros, 5 a 6 fatias de ananaz em compota, 1 xícara de uvas, 1 copo de vinho branco e açúcar à vontade.

Ferve-se o açúcar com 1/4 de litro de água durante 3 a 4 minutos. Depois de bem frio, despeja-se sôbre os pêssegos descascados, cortados em quartos, sem os caroços, e deixa-se descansar uns 30 a 40 minutos para ficarem bem passados.

Espalham-se por cima as uvas polvilhadas com açúcar, despeja-se sôbre elas o vinho e a calda das frutas e deixa-se 1 hora na geladeira antes de ser servido.

FEIJOADA BAIANA

Lave bem lavado o feijão mulatinho e deixe de môlho algumas horas antes de preparar o prato. Leve ao fogo com água e junte um pedaço de carne de peito de vaca, linguiça e porco, toucinho, orelha bem preparada, lavada, sem os pêlos, etc. Charque com pouca gordura e sal. Não se esqueça que alguns ingredientes são algados. Leve ao fogo e deixe ferver durante 3 horas. Abafe a panela, retire do fogo e guarde em lugar fresco até o dia seguinte, quando a panela é levada ao fogo não muio forte, onde fica até a hora do almôço. Pouco antes de servir, acrescente louro. Os baianos gostam de servir êsse prato separando as carnes e o calo do feijão. O grão é reduzido a um creme recebendo novamente o caldo e a carne à parte numa travessa. A feijoada é servida com môlho vivo ou então cebola em rodelas, sal, dente-de-alho bem socado. Ésses ingredientes devem ser bem macerados, juntando-se lhes suco de limão. Os temperos devem ficar disolvidos no suco de limão.

MEIAS-LUAS DE BELGRADO

250 gr de açúcar, 2 ovos, 1 colher de sopa de água, 250 gr de avelãs ralgdas (ou 250 gr de amêndoas, amassadas com a película), 250 gr de farinha de trigo, sal, noz-moscada, canela e cravo em pó.

Misturam-se o açúcar, os ovos, a água, os temperos, as avelãs (ou amêndoas) e junta-se depois a farinha.

Quando a massa houver descansado meia hora, estende-se na grossura de 1 cm, cortam-se meias-luas e levam-se a assar em forno moderado. São muito gostosos depois de 3 ou 4 dias e conservam-se muito bem em latas fechadas.

"Sabem por que Kolynos embeleza"?



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por Universidades norte-americanas e europeias, demonstraram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Vocês gostariam de ter dores de dente, mau hálito, um sorriso desagradavel... ou dentes cariados?*



2. *Pensem nisso... Há milhões de bacterias que produzem os ácidos causadores das dolorosas cáries.*

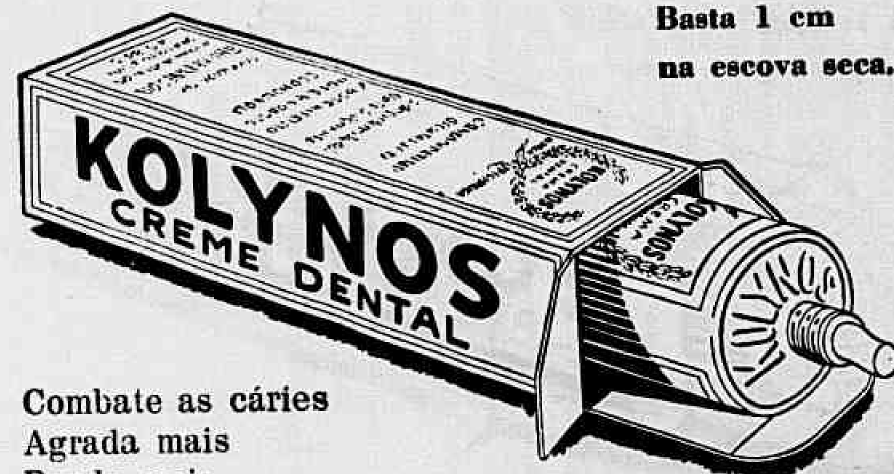


3. *Não sabiam?... Pois, aproveitem a lição!... Defendam seus dentes e a saúde, usando Kolynos depois das refeições, como eu faço.*



4. *E não esqueçam que o creme dental Kolynos também embeleza... porque torna radiante o seu sorriso, perfuma o hálito, clareia os dentes e os faz brilhar como pérolas.*

Basta 1 cm na escova seca.



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria

K-403-P

OCORRÊNCIAS MAIS FREQUENTES NO ALACTAMENTO AO SEIO

Dr. SABOIA RIBEIRO

VERIFICA-SE, em alguns casos, na criação do bebê ao seio materno, que a criancinha não está ou parece não se estar dando bem com o alimento, o que tanto pode ser defeito da criança, como do modo como está sendo conduzida a amamentação, ou outras causas mais sutis.

Às vêzes, são crianças aparentemente normais e sadias que não querem por nada pegar no peito, ou que ficam a brincar com a mamila, mas sem sugar.

Noutras, a criança progride no pêso, em condições perfeitamente satisfatórias, mas apresenta a prisão de ventre. Isso acontece, principalmente, quando o leite materno é muito forte, contendo uma alta percentagem de gordura, porém pouco açúcar, de modo que os movimentos do intestino não são convenientemente estimulados, o que é devido, sobretudo, ao açúcar do leite nas condições normais.

Quando a criança dá em brincar com o seio, contudo não suga o peito, várias hipóteses podem ser formuladas, mas é certo que alguma coisa de sério se passa com ela.

Umas vêzes é uma anomalia no jôgo dos reflexos que fazem o processo normal da sucção; expressão de um certo retardamento, outras, uma como falta de jeito, ou falta de atenção, "preguiça doentia"; e em casos outros, nojo ou horror ao seio materno por causas verdadeiramente biológicas, ou até anatômicas da glândula.

Tanto é assim, que a criança, neste último caso, não mama o seio materno, mas aceita, com prazer, o de outra mulher, na qual o leite flui fácil e sem esfôrço.

O aparecimento das regras, durante a amamentação, traz algumas vêzes essa repugnância, do que existem muitas observações.

Mas, num certo número de casos, na amamentação ao seio, aparece é a diarréia.

Aqui é preciso observar bem as coisas para que não seja incriminado o leite.

Podemos dizer que, às mais das vêzes, a causa da diarréia no alactamento ao seio é devido alguma infecção que acometeu a criança, muitas vêzes, esta, a gripe.

A neuropatia da criança se mostra, às vêzes, por uma grande excitabilidade do intestino, de maneira que se atribui ao alimento o que é apenas uma reação anormal da criança.

Excluida a hipótese da infecção, que se acompanha de febre, e da neuropatia, pensar-se-á na possibilidade da *diarréia de fome*, devido à escassez do leite.

Como apurar bem se a causa é esta? Bastará pesar a criança antes e depois de cada mamada, da duração de 20 minutos, sendo 10 minutos em cada seio.

O melhor é repetir as pesadas em três mamadas e tirar a média.

A criança deve mamar o décimo de seu próprio pêso; quando isto não se verifica, a diarréia é irritativa, de fome.

Aliás, a criança que está passando fome acusa a sua insatisfação pelo chôro, não podendo esperar em sossêgo entre uma mamada e outra, chorando com fome, inquieta, sugando os dedinhos. O pêso, evidentemente, está em atraso.

Uma das causas que mais influem para que se estabeleça a escassez do leite é a falta de horário certo na amamentação.

Deve-se, assim, estabelecer o horário desde a primeira semana.

Quando a criança tem o seu horário estabelecido, podemos observar que ela suga o seio com vontade, procedendo a um esvaziamento completo da glândula, o que é condição importante para que ela segregue nova porção de leite suficiente às suas necessidades em cada mamada.

Ao contrário, se ela suga sem horário certo, o faz muitas vêzes sem o estimulo da fome, a que é devida a sucção enérgica que esvazia por completo a glândula, como já dissemos.

Há uma forma de diarréia, no alactamento ao seio, não mucosa como a de fome de que nos ocupamos, mas discreta e em que as fezes se mostram verdolengas e cheias de grumos brancos, encaroçadas por assim dizer.

Também nesse caso o alactamento ao seio não prova bem e a criação do bebê se faz melhor por um regime especial à base da chamada mistura butiro-farinácea.

Existe uma tendência manifesta nesses bebês de fezes verdolengas e grumosas à exsudação constituindo uma classe à parte, a dos *diatésicos exsudativos*.

"São verdadeiras fábricas de catarro". Crosta láctea, seborréia, assaduras, eczemas, catarro do nariz, garganta e ouvido, bronquite, certas formas de catarros intestinais compõem o quadro dessas crianças.

Prepara-se a mistura butiro-farinácea com leite correspondendo a 1/10 do pêso da criança e dobrando a quantidade com água, isto quando a criança pesa até 4.500 gramas. Acima, 1/100 de leite e água até completar 900 gramas.

Faz-se, à parte, um mingau com manteiga, farinha e açúcar, na proporção de uma colher-de-chá de manteiga e duas de farinha e açúcar para cada 200 gramas de leite diluído.

Seja, por exemplo, uma criança com três quilos de pêso:

300 gramas de leite (1/10 do pêso)
300 gramas de água
3 colheres-de-chá de manteiga
6 de farinha e 6 de açúcar.

Leva-se a manteiga em uma panela ao fogo brando, mexendo sempre, até que haja espuma e fique ligeiramente corada; juntar-lhe, aos poucos, a farinha até o todo ficar bem homogêneo, e então reunir às 300 gramas de água fervida morna e ao leite, sendo preferivel adoçar no momento de dar cada mamadeira.

A quantidade acima é a de um dia e por isso deve ser dividida por 6 (até 6 meses) ou 5 mamadeiras (mais tarde).

Se a criança pesar 6 quilos (6.000 gramas):

600 gramas de leite
300 de água (600 : 900).
9 de manteiga (chá).
18 de farinha e açúcar.

Tudo dividido por 5 mamadeiras de 180 gramas.

Como se vê, a diarréia de fome no curso do aleitamento materno é antes devido a um êrro de técnica por falta de um horário estabelecido para a amamentação, trazendo a escassez do leite.

O que há aconselhar, então, é disciplinar as mamadas, em primeiro lugar, mandando dá-las em horas certas. Um bom método consiste, não em suprimir o peito, mas estabelecer um regime misto, em que uma vez é dado o peito e, outra, o alimento artificial. Exemplo:

7 horas: peito — 10 horas: leitelho —
13 horas: peito — 16 horas: leitelho —
19 horas: peito — 21 horas: leitelho.

Assim, muitas vêzes, se consegue recuperar uma boa secreção do peito, de modo

ALMANAQUE
1951
31.º ANO
Eu sei tudo

O LIVRO DAS MULTIDÕES

à venda

O "ALMANAQUE EU SEI TUDO", o livro das multidões, está á venda em tôda parte, no Distrito Federal e no interior. Preço: Cr. $20,00. Compre, antes que se esgote, o maravilhoso livro dos mil assuntos. Edição da Companhia Editora Americana - Rua V. de Maranguape, 15 - Rio.

que a criança não se vê privada do leite materno, sempre tão necessário nos primeiros meses.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

M. A. (Nesta) — Deixe-se de receios com a criação de seu filhinho ao ar, luz e sol. Seu quarto deve ser quanto possivel amplo e bem arejado. Nada de janelas fechadas. Lembre-se disto: "não há maior moléstia para o teu filhinho do que a falta de ar e o abafamento, que lhe diminuem tôdas as resistências e o enfraquecem.

L. F. (Grajaú) — Observe a mesma coisa recomendada a M. A., acima. Além disso, no quarto do bebê nada de tapêtes e cortinas, absolutamente proibidos. E' errado, também, pendurar peças de roupas, toalhas e roupões pelas paredes, pois servem de abrigo a môscas e mosquitos, micróbios, bacilos, poeiras trazidas da rua que daí vão ter ao bebê quando agitadas ao menor movimento.

E. S. (Nesta) — A prisão de ventre no bebê amamentado ao seio pode ser devida ao leite escasso. Aconselho pesar o menino de 10 em 10 dias e se o pêso dêle estiver parado a causa pode ser esta — escassez do leite. Neste caso deve dar uma ração supletiva após cada mamada, que para a idade de seu menino pode ser com o leitelho mais farinha: 1 colher de sopa de leitelho, 1 de chá de creme de arroz e de açúcar, água fervida 100 gramas; desmanche o creme de arroz em metade da água, leve ao fogo brando 5 minutos, e depois reúna tudo na mamadeira, agitando fortemente.

Após a mamada dê 50 gramas e vá aumentando.

MARIA BAMBÁ

(Cont. da pág. 23)

Ao deixar a rua da casa do padre, ouviu um gemido de carro-de-boi, mas, a principio, não tomou conhecimento do mesmo. O barulho, porém, fêz-se mais insistente e Juca Pedreira teve uma idéia, que logo se aclarou: Maria Bambá.

Sentiu um temor pueril e seu ímpeto foi bater as pernas, como o sacristão. Uma tremedeira inevitável começou a lhe bulir com os nervos. Todavia, como se julgasse muito valente e quisesse ficar em paz consigo mesmo e com as linguas da vila, apeiou, tirou o revólver do cinturão e, cautelosamente, espiou da esquina. Seus olhos viram demais; Maria Bambá desceu do carro, dirigindo-se, empertigada, para o seu assento na tôrre da igreja.

Juca teve um pensamento heróico: "Ora essa, tiro as minhas dúvidas! Se amanhã eu ainda fôr gente, conto pro pessoal."

Sentiu um pouco de ânimo. No dia seguinte o sol nasceria, o largo da igreja estaria nu e empoeirado como sempre. Deu um passo trôpego à frente, empunhando a arma.

Maria Bambá não se mexeu. Êle estêve petrificado, por uns bons quinze minutos, respirando em golfadas. Ouviu, então, uma voz, tão perto do ouvido, que só poderia ter sido levada pelo vento:

— As margaridas já cresceram, Godofredo?

Seria a imaginação tapiando-o? Não, era uma voz doce, a de Maria Bambá.

— O pé de magnólias da varanda cheirava, nas noites de outubro, as flores desabrochavam como criancinhas. E' o amor que chega. Meu coração latejava ao ver Godofredo. Os vagalumes cambaleavam no jardim, a gente quase desmaiava com a aragem da lua. "Que é isto, Godofredo?". E' a enchente. "Hálito gostoso que êle tem! E' tão bom morrer na enchente! Trá, lá, lá, lá...

Maria Bambá monologava, certamente. Tinha a voz tão suave, que Juca se acalmou e achou para dizer:

— Se é alma penada, que descanse em paz!

Maria Bambá pareceu ter sido aferroada e virou-se. Era tão fluida como a luz da noite, quase se misturava a ela. Juca pensou: "Chegou a hora! Creio em Deus padre..."

Ao contrário do que esperava, encontrou uns olhos mansos e amedrontados. O fazendeiro percebeu esta fraqueza, e recuperou o tom de voz com que dava ordem aos seus colonos:

— Te esconjuro, bicho!

Se Maria Bambá fôsse de carne e osso, teria corado com essas palavras. Juca escutou uma desculpa gaguejada:

— E'... é que gente que sonha muito não morre.

— Mas vem perturbar o povo.

— Godofredo chega a casa e... eu só queria, mesmo, era encostar o rosto no dêle e ficar quieta.

— Encostar o rosto prá quê?

— E' amor.

— Isso é jeito de amar?

— Não é o único jeito?

— Deixa de dizer besteiras, descansa em paz! E, ainda chega fazendo barulho, num carro-de-boi ringidor!

Maria Bambá olhou-o, ferida e, como se estivesse prestes a fazer beicinho:

— E' carruagem.

— Que carruagem, que nada! Carro-de-boi que nem se agüenta nos eixos.

— Tem rodas de prata.

— Mentira.

— Tem, mesmo. Tem — esforçou-se a assombração.

Juca não costumava ser contrariado. Perdeu a calma e vociferou:

— Vá para o inferno, peste de alma desgraçada!

Maria Bambá só não derramou lágrimas de humilhação, porque espectro não pode chorar. Limitou-se a ajuntar, apressadamente, o longo vestido branco, que boiava na noite, e recuou, amedrontada.

Juca ouviu o ringido do carro-de-boi e sentiu um cheiro estranho, de magnólias.

— Uff! Até que enfim! Essa não volta mais.

De fato, Maria Bambá, por ser tímida, afastou-se de Mata da Corda para sempre, embora quisesse explicar a Juca Pedreira que há duas espécie de vida.

UM CASO DE AMOR

(Cont. da pág. 32)

se desenhando os retângulos formados pelas janelas, as silhuetas dos objetos irem-se destacando pouco a pouco, como na revelação de uma fotografia até tomarem as formas definitivas e reais. À noite, a nossa enfermaria era iluminada pela luz muito débil de uma lâmpada suspensa no centro do aposento. O silêncio era raramente interrompido por um talher derrubado na hora das refeições ou pelos gemidos de algum doente mais grave. Da minha cama podia ver os passarinhos pousarem nos ramos dos ciprestes que rodeavam o hospital. Nos dias de chuva, vinha de fora um delicioso cheiro de mato molhado. Era agradável ver os cordéis se balançarem e as cortinas se estufarem com o vento. Do meu lado estava um velho muito magro, de olhar parado e expressão tranqüila. As visitas do médico iam-se espaçando com o tempo e por fim êle aparecia uma vez

Época

Uma estrada de rosas... sempre desejada...

...mas que todos podem percorrer, experimentando a sensacional e nova coleção Phebo: *pó de arroz, talco e sabonete, em originais embalagens de madeira, próprias também para presente.*

Eleja o perfume Rosa de Phebo como seu favorito e passe a sua vida *sobre uma estrada de rosas.*

★ *Nova embalagem do pó de arroz PHEBO, em côres sortidas. Um lindo presente.*

Criações
PHEBO

PARÁ
PERFUMARIAS PHEBO

DESODORIZE O SUOR SEM PREJUDICAR A SAÚDE



ANADORAN tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.

ANADORAN SEREIA
o desodorante perfeito

Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda.
República Perú, 326 - Rio

Sino

Usem
Papel Higiênico
PLANETA-NIAGARA

Em sua casa
Dê vida a seus cabelos
Conserve-os fortes, brilhantes, sedosos e sem caspa, com
SHAMPOO MYSTIK
Evite cabelos brancos, sem pintar, com
TÔNICO YILDIZIENNE
Mme Campos
Assembléia, 115 - 1.º Rio
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA
Em nossos salões

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

"Que surprêsa desagradável"

quando se encontra no armário uma roupa roida pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas nem cheiro.

Use a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

QUER SER ESCRITOR
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

na semana acompanhado de alguns estudantes. Falava-lhes algumas palavras. Ouvia dizerem: perônee, tibia, soldadura e alguns têrmos que não me foi possivel guardar de tão arrevezados que eram.

Depois de dois meses me deram alta e voltei para casa. Passei outro tanto de tempo com a perna engessada, sentado numa cadeira de balanço, sonhando com o dia que pudesse ver a minha amada. Receber o seu sorriso carinhoso e, sobretudo, a sua pergunta sôbre como aconteceu aquêle acidente. Isso seria entrada para nosso namôro. Assim, passava dias infindáveis naquela imobilidade compulsória e cismando, sempre cismando. Os dias passavam. Era o tempo das chuvas. Imóvel, na minha cadeira, eu via as águas cairem e escorrerem pelas vidraças como um sudário de mágoas a envolver a minha alma numa melancolia ao mesmo tempo pungente e deliciosa...

....

A minha timidez era tão grande que, apesar da paixão que me consumia, eu a cercava de tal segrêdo que ninguém a suspeitava. A única pessoa que tinha conhecimento dela era meu amigo e confidente.

Agora, êle estudava numa Faculdade da capital do pais e eu só podia vê-lo nas férias. Eu convalescia ainda quando êle chegou. Depois de muito conversar ganhei coragem para enfrentar o assunto e perguntei-lhe pela pequena.

— Olha — disse-me êle — é melhor você dar êsse caso por terminado. Ela mudou-se há uns meses para o interior.

Fiquei chocado com aquela resposta de meu amigo e perguntei-lhe:

— Mas, ela não sabe o que me aconteceu?

— Sabe sim — me respondeu êle, um tanto contrariado por ter de tratar daquele assunto.

— E o que disse? — insisti.

— Disse apenas isto: que sòmente um idiota igual a você podia ter feito uma asneira daquela.

A VISITA DOS IMPERADORES

MÁRIO SETTE

I

— Quem é?
— E' de paz, d. Filomena.
— Oh! minha cara Senhora! E' preciso bater?! Sente-se aqui no marquezão.
— Sei que está muito cheia de costura, mas, tenha paciência, trouxe-lhe êste «grosdenaple» para me fazer um vestido de cerimônia... E com um bocadinho de pressa...
— Já advinho ser para a chegada dos Imperadores...
— E então!... Meu marido está numa das comissões de recepção.
— Mas, minha prezada d. Balbina, por causa dessa visita dos Imperadores, há dias quase que não durmo. Chovem-me as encomendas!... Umas, tenho recusado, outras, entretanto. não posso... é-me impossível dar conta.
— Eu estou nêste último rol, não é? Sua freguêsa de muitos anos!!. Avalio suas dificuldades, avalio-as, sim. E não é sòmente a Sra., d. Filomena! Bertoldo, meu marido, conseguiu que o alfaiate Arruda aceitasse fazer sua casaca por ser também um velho freguês. Quem sabe manejar uma agulha, hoje em dia, não está parado.
— As costureiras estão tratadas à vela de libra...
— As costureiras sòmente? Até os funileiros para fazerem lampeões e candeias de azeite. A cidade vai ficar um brilho de luzes!
— Porém, afinal, fica com minha fazenda?...
— E posso negar!... A espôsa do Senador! Escolha o figurino e vamos tirar as medidas...
— Agradecida. Estou às suas ordens.
— Fique aqui defronte do espelho.

II

— Seu Compadre, que feliz encontro o nosso! Ia hoje ao seu escritório, lá em Fora de Portas.
— E que me ordena?
— Ordenar? Qual! Pedir... Aquêle seu escravo Galdino emprestado por uns três ou quatro dias.
— Galdino, caiador?
— Êle mesmo. Precisava mandar limpar com urgência a fachada de meus armazens do Páteo do Colégio. Os imperadores vão desembarcar por ali... Não viu o Edital da Câmara Municipal intimando a todos a caiarem as testadas de suas casas?
— Vi e já me pintaram o sobrado onde moro. E' uma azáfama de pintores e caiadores como nunca se viu no Recife.
— Acho graça nesse frenesi da Municipalidade em querer a cidade limpa e bonita, agora, quando ela vivia cheia de buracos, de capim, de bichos soltos...
— Bichos soltos?... Inda ontem nas minhas bandas pegaram três vacas, seis bacorinhos, um jumento... Galinhas e paturés nem se fala... Tudo para inglês vêr...
— Inglês? não! D. Pedro II... Mas, em verdade, a cidade vai ficar um brinco, um esplendor. Estão levantando arcos, colunas, pirâmides, pavilhões... Já viu a Praça do Atêrro da Boa Vista? Que beleza!
— E as luminárias serão deslumbrantes. Com o gás barcônico em vez das tijelinhas de azeite de carrapato, hein? Só se fala na visita dos Imperadores e todos se preparam para as festas.

III

— Se a gente não andar depressa, Marocas, não vê os Imperadores passarem na rua do Colégio. O vapor Apa já amanheceu na Lamarão e SS. Majestades vão desembarcar no Cais do Colégio.
— Menina, apresse-se... Que remanchona!!
— E' meu pé doente, Madrinha.
— Também teimou em comprar aquêle borzeguin apertado! Agora, agüente o repuxo. Eu é que não me privo de vêr os Imperadores.
— Êles têm coroa, madrinha?
— Que coroa!... Você pensa que andam na rua feito reis de maracatu!
— Aqui neste canto da maré, estaremos bem. Vê-se a ponta do Forte do Mato. E parece que vem ali. O povo está arrojando-se para o cais.
— E' mesmo. Deixa-me botar minha luneta...
— Olhe. A galeota, tôda enfeitada, apareceu. Chi! Que mundo de botes atrás!
— Até as jangadas com bandeirinhas, Osório!
— Eu já estou vendo o Imperador... De barbas louras, alto... Levantou-se. Está agradecendo os vivas...
— Que barulhão, meu Deus!... Os sinos, as salvas, os foguetes, a gritaria do povo.
— Que contenteza!...
— Desembarcaram na rampa... Tomaram benção ao Bispo... A Irmandade do Espírito Santo trouxe o pálio...
— Madrinha, veja as meninas das escolas tôdas de faixas verde-amarelo...
— Trazem flôres à Imperatriz e cantam o Hino...
— Agora, vão entregar a chave de ouro da cidade ao Imperador. O Presidente da Cáamara faz um discurso:

> «Senhor! A Câmara Municipal da cidade do Recife, intérprete dos sentimentos de amor e lealdade que animam a todos os seus habitantes para com a Sagrada Pessoa do Magnânimo Filho do Fundador do Império, vem cheia de respeitoso júbilo apresentar a Vossa Magestade Imperial o seu fiel preito e homenagem, depositando nas augustas mãos de V. M. a chave da cidade invicta que fôra noutro tempo o teatro de nobres feitos d'armas e que, hoje, num reinado de paz e de admirável prosperidade, é como uma formosa página de heróicas recordações que V.M. I. surgindo do oceano se digna vir ler no próprio terreno...»

— Minha gente, D. Pedro II também vai fazer um discurso.
— Silêncio! Silêncio!

> «E' com o maior prazer que recebo as congratulações que me dirige a Câmara Municipal do Recife, por ocasião da minha chegada a esta importante província de heróicas recordações, e cujos habitantes por seu amor ao trabalho e espírito de concórdia, que felizmente reúne seus esforços, tanto já a fazem e farão cada vez mais prosperar».

VIVA O IMPERADOR !
VIVA A IMPERATRIZ DO BRAILS !

— Dizem que D. Pedro II ao chegar disse: Pernambuco é o céu aberto!
— E não fêz favor, seu Marcolino!
— Sois muito bairrista, d. Quiteria!
— Louvado Deus. Terra só a minha. Nem Paris!
— Agora, os Imperadores vão ouvir o Te-Deum na Igreja do Espírito Santo.

....

O cortejo sai da Igreja. E' melhor vermos da rua do Colégio. Êles tomam para o Campo das Princesas...
— Que lindeza êsses sobrados todos de colchas nas varandas e cheias de moças!... Atiram flores...
— E papèizinhos verde-amarelo.
— São versos. Apanhei um.
— Meu primo que é poeta também escreveu uma poesia.
— As músicas estão tocando... Vêm perto... Na frente os oficiais de grande gala... O pesoal lorde, depois... Cada casaca chic!
— Os Imperadores estão debaixo do pálio. Vejo-os perfeitamente.
— Êle é um figurão!... Alto, garboso!...
— Ela é baixinha... Não tem boniteza, mas muito simpática. Sorri para todos.
— E é muito caridosa. Na Côrte anda distribuindo esmolas.
— Que nuvem de pétalas de rosas!...
— Cuidado, agora, com o rojão do povo que vem atrás dos batalhões.

(Cont. na pág. 45)

VIAGENS AÉREAS



NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS

COBRINDO O INTERIOR DO BRASIL, SERVINDO A MAIS DE 50 CIDADES NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS — MATO GROSSO — GOIÁS — BAHIA — SÃO PAULO, COM LIGAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO.

Oferece perfeito serviço de

PASSAGEIROS · CARGA · ENCOMENDAS · VALORES · REEMBOLSOS · FRETAMENTOS

RIO DE JANEIRO Passagens: - R. St. Luzia 685-A, fones: 32-7399 e 32-6119 Cargas: Av. Beira-Mar, 514 — Fones 42-9850 e 32-9455.

SÃO PAULO — Rua Conselheiro Crispiniano, 28 Fone 6-3264

BELO HORIZONTE — Passagens: Av. Amazonas, 511 — Fone 2-0818 — Cargas: Rua Goitacazes, 29-loja — Fone 2-0368.

SALVADOR — Rua Santos Dumont, 21 - Fone: 2 - 384 — Praça Municipal, 1 — Fone 4-210.



Em branco

No falta no guarda-roupa feminino de verão um vestido branco, seja de noite ou passeio, pois esta é a côr preferido para a estação quente, havendo quem a adote permanentemente durante esta época do ano.

1 — Vestido de baile em organza. Saia formada por cinto babados que vão alargando pouco a pouco. Corpo sem alças com o decote adornado de renda.

2 — Vestido esporte em jersey; saia pregueada.

3 — Vestido sem mangas, abotoado na frente. Corpo pregueado e saia franzida.



48 HORAS NA ESTÂNCIA...

(Cont. da pág. 31)

— Pretende levá-lo para o Rio, Presidente?

E, o sr. Getúlio, num sorriso calmo:

— Não. O Sultão ficará por aqui mesmo.

★

De volta a Uruguaiana, agora fazendo o percurso de automóvel, nossa atenção converge para as estacas da estrada poeirenta. Tudo ali é planície, arvoredo não existe, o gado estende-se, preguiçoso, pelo pasto a perder de vista. E, no tôpo de cada estaca, vemos alguma coisa estranha. Que será? Pedimos ao "chauffeur" para fazer uma rápida parada:

— São corujas, moço.

— Corujas ao meio-dia? À luz do sol? A descoberto, nesses paus toscos?

— Pois são corujas, sim, moço. Coruja não tem onde se esconder durante o dia — agüenta o sol com vontade...

Deixamos as corujas para trás. E o "chauffeur", voltando ao volante, num sorriso aberto, escancarado:

— Então, gostou de ver o homem?

— Realmente. E você?

— Se gostei! E' o que sempre digo lá em casa... O homem "está inteiro" — e vem aí com vontade...

E frisou firme o acelerador.

BILHETE DE PARIS

(Cont. da pág. 33)

da exposição são classificadas em grupos, conforme os assuntos: animais, instantâneos, paisagens, espetáculos, a água, fisionomias, a rua, nus, movimentos. As mais belas realizações parecem ser aquelas fisionomias profundas, apanhadas no momento propício, sob uma iluminação estudada pelo fotógrafo, que consegue pôr a nu o seu assunto. E' interessante acentuar, aliás, que as fisionomias dos pintores são infinitamente mais expressivas do que as dos escritores, quer se trate do sólido Georges Braque, de Thérèse Leprat, do sutil e poderoso Raoul Dufy, de Paul Koruna e, sobretudo, do alucinante Marc Chagall, de Izis Bidermanas.

Brassai continua sendo um dos mestres dessa arte, que alguns ainda consideram menor: o seu ator no camarim, triste, acabrunhado, entretanto, pronto para entrar em cena e recomeçar uma verdadeira nova vida, renova, na sua expressão trágica, um símbolo muitas vêzes utilizado pelos escritores e pelos pintores, mas, talvez, nunca fixado com tamanho vigor. Perto dêsse romantismo em claro-escuro, um estudo de Johan nos transporta para o estilo clássico, não sem nos fazer pensar em certas miniaturas calmas de Fouquet.

Foi reservada uma sala para as fotografias em côres, no papel ou no filme. Os estudos de Johan, são interessantes e as reproduções realizadas pelos serviços fotográficos da Biblioteca Nacional são excelentes, manuscritos antigos, esmaltes ou detalhes de tapeçarias. Mas, se os resultados parecem ser, tècnicamente, encorajadores, sob o ponto de vista artístico, estão longe de atingir à mestria conquistada no branco-e-prêto.

Porque o fotógrafo conseguiu, hoje, exprimir-se completamente em branco-e-prêto. Através dos estilos, as escolas já vão aparecendo, agrupando-se por afinidades e cujas tendências deverão um dia, ser discernidas. A foto colorida não saiu ainda do estado da pesquisa; neste domínio, a técnica impõe ainda as suas regras ao criador, que não pôde dominá-las e continua sendo seu escravo. Mas, é certo que os artistas chegarão, um dia, a se exprimir diretamente em côr; então, os derradeiros desprezadores da fotografia serão reduzidos ao silêncio. Diante do branco-e-prêto, êles consideram, ainda muitas vêzes, que as fotografias são apenas obras de uma arte menor, como se os desenhos de Clouet e as litografias de Daumier não estivessem emparelhados com os quadros de côr nos museus do mundo inteiro.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

A VISITA DOS ...

(Cont. da pág. 42)

— Nunca pensei ver os reis... Se morresse hoje, morreria contente.

....

IV

— Vossa Magestade, tem gostado de Pernambuco?

— Imensamente, Senhora Viscondessa. O Recife é uma cidade que lembra mesmo Veneza... Temos passeado tanto!...

— V. Magestade certmaente há de estar fatigada.

— Ah! não! Quando o espírito se sente contente, o corpo quase não se apercebe do esfôrço. Já fomos, no trem, até ao Cabo. Visitamos um engenho de açucar...

— Muito curioso, não achou Magestade?

— Curioso e poético. Deu-me vontade de ficar ali alguns dias naquela varanda da casa-grande. E que hospitalidade!... Mas a cidade, também, é um encanto. As luminárias... o rio...

— Hoje V.M. aproveitou para um requeno repouso.

— E para ter a satisfação de conversar um pouco com as senhoras. Têm sido tão gentis!

— E quem não se sentir feliz de homenagear uma Imperatriz com V.M.?

— Não é sòmente a homenagem, Viscondessa. Os pernambucanos me hão demonstrado afeto, carinho. Conquistaram-me o coração.

— S.M., o Imperador, também parece haver gostado de Pernambuco?

— Nem tenha dúvida, minha Senhora. E êle não tem parado. Hoje foi aos Montes Guararapes. Outro dia corremos Olinda tôda. Vimos as igrejas, os pontos pitorescos, os mosteiros. O Imperador quis conhecer tudo e mandou copiar uma porção de inscrições e datas.

— Bem o sabemos. Hospitais... colégios... Nas escolas ergue os alunos. Nos orfanatos prova a comida. E o Recife felizmente pode apresentar a S.M. algum progresso. A água encanada, as obras dos esgotos, trem, a luz o gás...

— Senhora Viscondessa, quer dar-nos o prazer de ouví-la outra vez ao piano?

— Com muita honra, Magestade.

....

V

— Mas esta igreja da Conceição dos Militares é uma maravilha, é uma preciosidade.

— Magestade, há quem a considere o mais belo templo do Recife. Se bem que a de S. Pedro dos Clérigos seja um admirável barroco.

— Realmente, sr. Conde. A fachada de S. Pedro, só por si, vale um extasiamento. Há uma tal harmonia arquitetônica naquelas duas torres!... E as tribunas...

— Aqui temos a capela-mor que é uma renda de talha.

— E o painel de fôrro. Interessou-me imensamente, não menos, êste grande quadro da batalha dos Guararapes debaixo do côro. Desejo que copiem todos os seus dizeres.

— Serão cumpridas as ordens de V. Magestade.

— Agora, vamos ao Corpo-Santo. Soube ter havido ali a primitiva ermida dos pescadores do Povo dos Arrecifes.

— V. Magestade aproveitará para apreciar melhor os Arcos de Santo Antônio e da Conceição.

....

VI

E o povo às noites enchia as ruas para ver as luminárias e as ornamentações do Largo do Arsenal, da Praça da Lingueta, das Cinco Pontas, do Atêrro da Boa Vista. Que maravilha!... Os Imperadores apareciam. E explodiam os vivas.

Passavam a pé os soberanos. Crianças beijavam-lhe as mãos e lhes ofereciam flores. O Imperador pegou no pálio da Procissão de Corpus-Cristi. No dia 2 de dezembro, data natalícia, deu beija-mão em Palácio.

Que delírio de festas! Um mês inteirinho.

....

VII

— Doente do pé?

— Estou que não posso calçar a botina seu compadre. Pudera não. Há 15 dias que não se para!

— Andou vendo as luminárias com o Imperador?

— Luminárias sòmente? Que bom seria! Sua Magestade, é, perdoe-me a irreverência, um azougue... De madrugada está acordada e pronto. Toca-se para a rua. Vai-se aos Montes Guararapes, a Santo Antão visitar o Monte das Tabocas, a Itamaracá onde há um velho forte holandês, corre-se Olinda inteira, viaja-se para Goiana, para a Escada...

— Êle quer ver tudo.

— Ver sòmente? Indaga, copia, prova a comida das cadeias e dos orfanatos. Nas escolas faz perguntas aos alunos. Manda resolver contas. Examina os cursivos.

— Sem falar no que visita na cidade?... O gás, os esgotos, a água do encanamento, o teatro novo, o hospital, o pôrto, as pontes... Estou que não me aguento. Mas...

— Sente-se patriòticamente satisfeito, não é?

— Sem dúvida. E não é tudo... Tenho esperança de... de ser um dos deputados gerais na próxima eleição.

....

VIII

— Êste baile é mesmo o fêcho de ouro das festas dos Imperadores.

— Realmente. Um sonho das Mil e Uma Noites. Ornamentaram êstes salões, que vão ser do Grande Hospital, de fazer gôsto. Mãos de fadas.

— Que tapêtes, que porcelanas, que flores!...

— E a mesa, no 2º andar, está uma maravilha de cristais e de iguarias.

— Nunca pensei assistir a um espetáculo dêsses em Pernambuco.

— Os Imperadores já chegaram... Estão ali naquele camarim de honra.

— Com o Presidente da Província, o Ministro do Império, o Visconde de Camaragite...

— Aquêles militares são os Chefes de Divisão Lisbôa e o Barroso...

— Viu? Tôdas as senhoras de balão. Disseram que iriam ser proibidos neste baile...

— Histórias... A Imperatriz está também com uma saia armada.

— E estão acabadas as festas... hein? Os Imperadores embarcam amanhã. Que pena!

— Vão deixar saudades...

— Preparam-se para dançar... O Imperador tirou a Viscondessa...

— Tem êle fama de pé de ouro.

— A Imperatriz dançará com o Ministro do Império.

— O Conselheiro vai convidar você, Balbina, para dançar...

— A mim?... Tantas outras damas fidalgas no salão.

— Quer dar-me a subida honra de ser meu par... futura Baronesa?

— Eu, Baronesa, Sr. Conselheiro? Está equivocado...

— Não. Quero, com amigo, ganhar as alvíçaras da boa e justa nova. Soube de fonte segura que o nome do meu amigo Bertoldo está na lista dos próximos baronatos.

— Meus parabens, Balbina.

— Agradecida. Não devo descrer tanto a palavra do sr. Conselheiro me mereçe.

— Então, permita dançar com a jovem Baronesa...

— Ufa! «Apa» zarpou de madrugada.

— Ouvi as salvas. Foram-se os Imperadores.

— Agora, meto-me nestes chinelos e neste chambre, meu caro, e, por uma semana não saio de casa.

SUA PRIMEIRA CONQUISTA















NO PRÓXIMO NÚMERO: **OS SUPLICIOS DO AMOR**















Tudo isto aconteceu

PILHERIA DE LADRÃO



HÁ pessoas que nascem com o espírito de dar dor de cabeça à polícia. Seja isso uma inspiração hereditária, influência do meio ou fôrça da necessidade, o fato é que os "amigos do alheio" e os "matadores" têm lá suas praxes até engraçadas.

O caso ocorrido agora entre Viena, capital da Áustria e o Rio de Janeiro, capital do Brasil, é ilustrativo. O Sr. Friedrich Wuehl conhecido criminoso e contrabandista europeu, filho das margens do Danúbio Azul, vinha sendo, desde muito, procurado pela polícia vienense.

A grande especialidade de Wuehl era o automóvel. Não como fabricante ou técnico, mas como ladrão dêsses carros. Quanto mais caro e mais elegante o "Cadillac" de rabo de peixe ou de palha, mais habilidade aplicava o gatuno internacional.

Também era exímio contrabandista, carreando cigarros da Hungria para a Áustria, com grande facilidade profissional. A polícia andava louca atrás dêle; mas, infelizmente, como que êsse gatuno elegante e hábil se tornava invisível, como em certos filmes norte-americanos.

Agora, acaba de acontecer êste episódio desnorteador: estava a polícia de Florisdorf, subúrbio de Viena, em seus afazeres corriqueiros, quando o correio entrega à chefia um envelope procedente do Rio de Janeiro. Abriram-no e retiraram lá de dentro um lindo postal da Guanabara com esta dedicatória amável: "Do Rio de Janeiro, a mais bela cidade do mundo, envio a Florisdorf, e, em particular, à Chefia de Polícia, minhas mais calorosas saudações" (Assinado) Friedrich Wuehl".

Está a coberto de qualquer repressão policial o amável ladrão, pois não há tratado de extradição entre o Brasil e o seu país...

LEÃO DE SALÃO



ELA, ÊLE E O LEÃO! Eis a família mais curiosa dêste mundo. Vivem os três em Salt Lake City, capital de Utah, Estados Unidos. Êle é o dr. J. E. Frank, que, há ano e meio cria êste leãozinho amável e domesticado, espécie de filho adotivo. Batizou-o com o pomposo título de Major Sheridan. À noite, o leão dorme no mesmo leito do casal e ocupa, como em qualquer família, o lugar do centro, ladeado pelos papás. Quando levado pelo instinto, começa a mexer-se ou a rosnar uma língua que os dois não compreendem, Mrs. Frank o adverte maneirosamente: «Sossega leão!»



← Depois do almôço os papás levam o garotinho já bastante cabeludo a dar uns passeios pelos arredores da cidade. O dr. Frank vai guiando e o Major Sheridan sempre atento ao volante, como se estivesse estudando motorismo. De quando em quando olha para o pescoço do tutor e lambe a beiçorra, como vemos nitidamente nesta foto. Na certa está admirando a paisagem e se recordando, através de séculos de hereditariedade, que os seus ancestrais gostavam de um pescocinho assim bem roliço... O dr. Frank diz que o leão é um animal muito inteligente e que o seu filho adotivo gosta de olhar os campos...

Durante o dia, quando o casal sai à rua para compras ou visitas a amigos íntimos, o «major Sheridan» os acompanha e dá até espetáculos, divertindo os outros e metendo mêdo às crianças. Eis o herói aqui a tomar seu leite no restaurante de um clube elegante e que, com certeza, jamais imaginou o seu presidente, que um leão viesse a ser um dos seus assíduos clientes. E aqui está um desmentido aos estudiosos da evolução das espécies: leão só come carne enquanto não lhe dão leite, mingaus e chocolate... Uns malandros!

Antes da ceia, o leão vai ao bar servir-se de um aperitivo para abrir o apetite. Que come êle por dia? Dois quilos de carne e duas sopas de pão, além de leite e suco de laranja. Dentro em breve será promovido a coronel...



UM NARIZ PELO AMOR



NÃO há enamorado que não seja ciumento. Especialmente se ela é bonita e volúvel, ou se êle é um Apolo com os dinheiros de Creso. O Amor é um animal misterioso e cheio de caprichos. E' a sede do Ciume, embora os dois, quando se sublimam, convertam-se num só sentimento: o da Renúncia, da Dedicação, do Afeto puro, sem manchas.

Infelizmente o Amor é sempre ciumento e enciumador. Até entre os animais a que chamamos erradamente de "irracionais" o Amor gera ciumes. Já viu o leitor como vivem e sentem os pombos? Acerque-se de um pombal e preste atenção. Um senhor Pombo se enche de ciumes ferozes, otelicamente negros, quando um outro vizinho se aproxima da **cara-metade**. Fica todo empombado, disposto a reagir a ferro e a fogo contra o audacioso que projetou cortejar-lhe a inocente e dedicada espôsa.

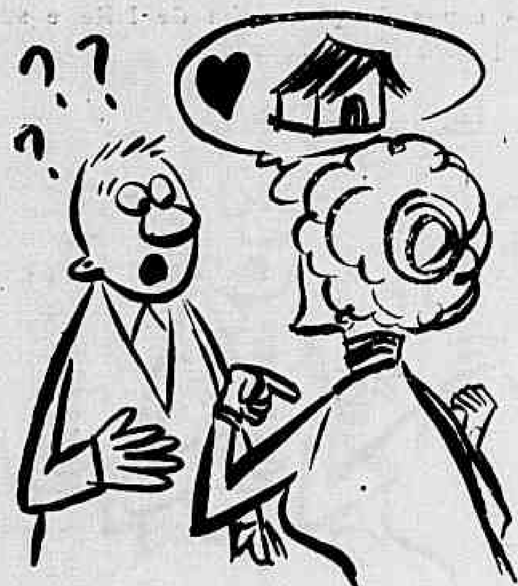
Há cães que não admitem que se faça aos seus donos a menor carícia. Rosnam e são capazes de atacar. E há animais, como os macacos, os elefantes, etc., que são dotados de ciume mórbido, igualzinho ao dos homens. (Quando dizemos homens, estamos falando da espécie humana, portanto, incluindo as mulheres).

Tudo isso que fica aí nesse exórdio é apenas para apresentar ao leitor o Sr. Aldo Monreale, um italiano de Formia, com 21 anos de idade, noivo de uma linda "ragazza" de 17 primaveras, chamada Maria Cisaramagna. Quando o noivo estêve fora, a serviço em Roma, ela aceitou a côrte de alguns rapazes para passeios. Logo que o rapaz chegou e soube da perfídia, foi até sua casa e bateu. Maria apareceu tôda risonho; mas logo o sorriso se converteu em lágrimas, pois o ciumento noivo lhe cortou o nariz com uma **bruta** faca de açougueiro! E agora ela **chora** mais pela mutilação do apêndice nasal do que pela retirada estratégica do violento enamorado...

ÊSTES HOMENS QUE TROCAM BEIJOS

não estão apaixonados, não senhor. E' apenas um ritual de amizade entre êles de acôrdo com sua religião e cortesía social. E sabem quem é o da esquerda? O famoso Príncipe Ali Khan, marido da hoje Princesa Rita Hayworth. O outro, de sobretudo, é o seu tio Magliano, que veio a Milão a fim de cumprimentar Ali Khan e perguntar pela ex-estrêla e os filhos. Ali comprou (quem comprou foi Ali) um automóvel do último modêlo italiano para presentear Rita e depois se foi para Turim, comprando muitas outras cousas, inclusive gravatas. E que gravatas!

ENTRE UM PALÁCIO E UMA CHOUPANA



SE a vaidade feminina é um dos motivos categóricos de sua existência, há exemplos de grande beleza moral por parte de mulheres que, racionalmente, deviam cultivar essa mesma vaidade.

E' conhecido aquêle exemplo de Cornélia, a mãe dos Gracos. Visitada por damas da alta sociedade romana, as visitas exibiam jóias caríssimas, de grande beleza artística. Perguntando a Cornélia se podia ir buscar as suas para que elas também as admirassem, a grande dama lhes respondeu: *pois não*. Saiu e, de volta, apresentou-lhes os filhos, com estas palavras: "Eis aqui as minhas jóias".

O mundo inteiro repetiu, continua a repetir e repetirá por todos os séculos o belíssimo exemplo de simplicidade e amor maternal. Mas, isso não influiu, absolutamente, no espírito vaidoso e requintadamente faceiro das mulheres. Mesmo entre as tribos selvagens de qualquer ilha do Pacífico ou de nossas florestas a oeste do meridiano de Tordésilhas, é a mulher um conjunto de deliciosas vaidades, um livro misterioso, cheio de surprêsas interessantes, que dão motivo a filosofar e a páginas admiráveis entre os senhores moralistas e exemplares preenchimento de talões de cheques. Às vêzes até sem fundo...

A 22 de dezembro último se passou um episódio que relembra o desprendimento da mãe dos Gracos. Foi com a senhora do General Eisenhower, o mais famoso dos soldados das Nações Unidas e que agora chefia todos os exércitos aliados da Europa. Havendo uma senhora de alto funcionário em Washington, em conversa com ela, dito que Mr. Eisenhower iria agora morar no Castelo de Fontainebleu ou no Palácio de Versalhes, ela, com a maior sinceridade, respondeu: "Eu não tenho necessidade de um castelo; para mim bastam um coração e uma choupana..."

REFRÊSCO DE RATO MORTO



ESTA sucedeu em Oklahoma, nos Estados Unidos. Foi o fato mais sensacional já ocorrido no "Forum" daquela cidade. Um bombeiro da localidade (soldado do Corpo de Bombeiro e não bombeiro de desobstruir canos), sentindo calor, foi a um botequim e pediu certo refrêsco.

Estava a deliciar-se com o líquido, quando notou que na garrafinha havia um corpo estranho. Depois de esforços para retirá-lo de dentro, teve um sobressalto: era um ratinho... Bebera o refrêsco com o cadáver de "Mickey Mouse" inteirinho.

Não teve dúvidas: entregou o caso a um advogado e moveu ação contra a emprêsa fabricante da beberagem. Adoecera sèriamente e estava de tal maneira repugnado, que nem mais podia alimentar-se.

O processo seguiu os trâmites legais, sendo os fabricantes representados pelo advogado respectivo que nomeou o sr. Somer Marsh, como perito. Êsse cidadão era apenas professor de bacteriologia da Faculdade de Medicina da cidade, pessoa de absoluta confiança das partes.

Chamados a plenário, estando o "Forum" cheio de curiosos, começaram os debates. O bombeiro continuava a dizer que o ratinho morto lhe causara sérios distúrbios orgânicos; exigia uma indenização de oito mil dólares como pagamento a despesas médicas a que fôra forçado, depois que tomara o refrêsco com o camondongo como tempêro.

Mas o perito, o bacteriologista, acabou com a questão, asseverando que o ratinho nenhum mal podia fazer ao organismo, uma vez que cada garrafinha do líquido era protegida por certa quantidade de ácido que protegia o corpo humano. O advogado do autor pediu então que o profesor bebesse o refrêsco com um rato morto. E o homem bebeu mesmo...

ESTA MULHER DE ASPECTO ROMÂNTICO

é a já famosa escritora italiana Luciana Paverelli. Ela está atualmente em Roma, onde possui casa muito bem montada. Durante suas horas de lazer, escreve romances e outras obras literárias. E' casada com o oficial inglês Philip Ashley Carter, atualmente dedicado a uma Agência de Turismo em Londres. Carter estava servindo na Guarda Escocêsa. Como ambos se entendem perfeitamente, êle passa tempo em Londres na venda de turismos, enquanto ela fica em Roma escrevendo romances sem amor. Na outra foto, Peverelli aos dois anos. Aos sete, já escrevia comédias...







ÊSTE É O DENTISTA WILHELM THOENE de Frankfort, na Alemanha, que acaba de descobrir um novo medicamento para extração de dentes sem a menor dor, podendo mesmo arrancar nove dentes de uma vez, sem molestar o cliente. Deu êle ao seu invento o nome de «W.T. Polymorpha», e o está usando com absoluto êxito. Também os médicos-parteiros se interessam pelo processo e os vão usar em partos sem a menor dôr. O anestésico é absoluto e de efeito admirável. Como vemos, quanto mais idosa, mais covarde esta humanidade, que não quer ter mais dôr de cabeça com tratamento de dentes, e teima em contrariar um dos versículos do Gênesis...

ABRA O ÔLHO, MUÇULMANO

O mundo tem vivido a guerrear-se por motivos religiosos e políticos. Precisa agora enveredar pela seara da Paz permanente. Quem briga é porque não achou ainda o seu ideal. Se todos vivessem para o trabalho profícuo, generoso e desinteressado de acumulação de riquezas, egoisticamente, não haveria guerras neste mundo. Se houvesse também um só sentimento religioso entre os indivíduos humanos, a paz seria então uma verdade.

Mas, os homens são mesmo uns cabeças



de carneiro-prêto. Teimosos e incontentáveis. Cada grupo acha que está defendendo a verdade, que, embora seja uma só, multiplica-se de cabeça a cabeça. Diante de Pilatos, Jesus declarou que "Êle era a Verdade". Ao interpelá-lo Pilatos "o que era a verdade", Cristo deu-lhe as costas e se foi.

Não disse o Redentor que Êle era a Verdade? Que tinha ainda Pilatos que lhe perguntar "o que era a verdade"? Por isso Jesus deu-lhe a única resposta compatível com a lógica e a própria verdade: deixou-o a falar sòzinho.

Os muçulmanos têm uma crença diferente da dos cristãos e, por isso mesmo, muitas mortes, muitas guerras, muita briga tem havido entre êles, de parte a parte. As Cruzadas, durante cêrca de quatrocentos anos, foram motivo de morticínios de lado a lado. Libertar o túmulo do Salvador das mãos dos infiéis, era o objetivo visado.

Depois da morte de Jesus e da implantação dos Evangelhos, o mundo respirou. Mas, os muçulmanos não abriram os olhos. Agora, porém, um muçulmano cego, indo a Efeso, onde morreu a mãe de Jesus, recuperou sùbitamente a vista. Um milagre da Virgem, que é como quem diz: "Abre os olhos, muçulmano!"

A VELHA "GREAT WESTERN"

EM 1857, segundo dizem os srs. cronistas, inauguraram os inglêses a Companhia de Estrada de Ferro "Great Western", partindo do Recife e avançando pelo interior de vários Estados do Nordeste.

Inicialmente, abrangia apenas duas províncias: a de Pernambuco e a de Alagoas, mas o programa era esplendoroso e prometia levar os trilhos da "Great Western of Brazil Railway" a todos os Estados do Nordeste e Norte do Brasil.

Com muito esfôrço, ia, de quando em quando, a emprêsa aumentando sua quilometragem. Saindo da linha tronco, vários ramais beneficiando zonas populosas de Pernambuco e Alagoas. Um belo dia inauguraram o chamado Ramal de Viçosa, nesse último Estado.

Viçosa é uma velha cidade alagoana, ladeirosa e encravada em zona de transição entre a mata e o agreste. Solo fértil, povo laborioso, tudo fazia crer que a cidade



chegasse a rivalizar, um dia, com a própria capital. Mas, nada disso aconteceu. Viçosa ficou naquela estagnação conhecida e a Estrada de Ferro pouco aproveitou com o ramal.

Contudo, para os habitantes do sertão de Quabrângulo para cima, o "trem de ferro" constituia uma das muitas maravilhas do mundo. E começou a correr o boato: a estrada vai continuar até Colégio, no Rio S. Francisco, passando por Quebrângulo, Palmeira dos Índios, Arapiraca, etc.

Foi um alvorôço. Isso, lá pelos começos do século. A Estrada de Ferro, porém, depois de muita luta, chegou a Palmeira dos Índios e, agora, a Pôrto Real do Colégio. Meio século para andar cento e poucos quilômetros...

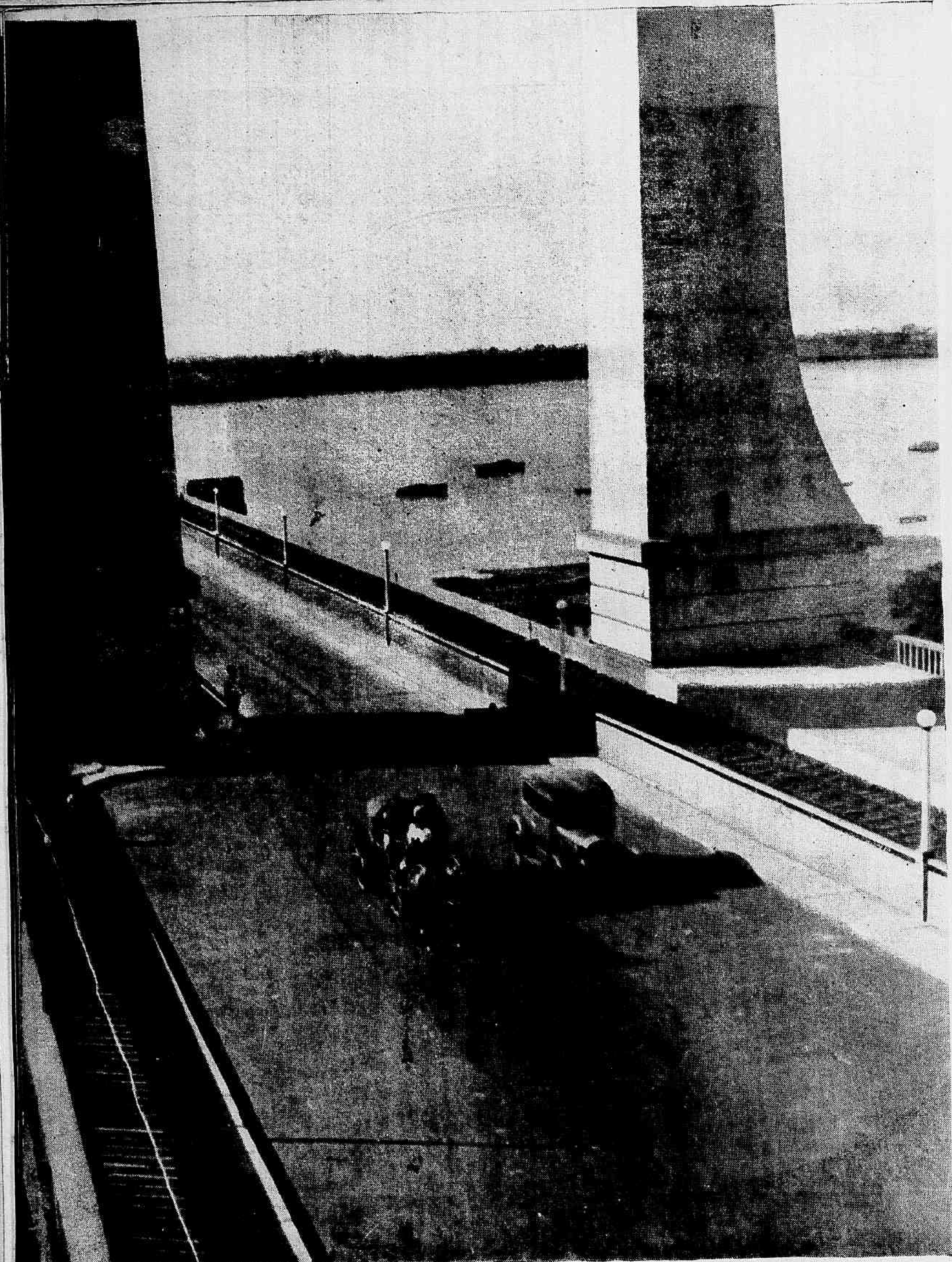
E, agora, os inglêses passaram o "abacaxi" para o nosso govêrno. Mais uma ferrovia a exigir créditos para cobrir "deficits"...



ÊSTE CIDADÃO DE AR SEVERO e metido em vestimenta desconhecida é um hipotético habitante de Marte, e veio até Nova York pilotando um dos tão falados «Discos Voadores». O «marciano» foi fardado pela revista científica «Galaxy Magazine», que está publicando uma série de artigos muito curiosos sôbre os habitantes de outros mundos de nosso sistema planetário, e, para maior divulgação do assunto, vestiu êsses homens-propaganda como vemos na foto. Acham os cientistas que, dentro de algum tempo talvez não mui remoto, estejamos em contacto com os habitantes de outros planetas. Os negociantes de imóveis estão exultando!



CURIOSA POMBA DE PAZ que apareceu num tapume em certa rua de Paris, parodiando o desenho de Picasso. Diz a legenda: «A Pomba que faz Bum!» Reparem no desenho: tem a forma de uma pomba com o raminho de oliveira ao bico; mas, em verdade, é um tanque de guerra camuflado! Veja-se o debrum, preste-se atenção à forma da cabeça e do bico, um verdadeiro canhão! Isto foi pregado como uma replica de anti-comunistas parisienses aos adeptos de Moscou, que estão realizando vários Congressos de Paz, conferências de Paz, passeatas de Paz, por todo o mundo. E a Pomba que faz BUM! é a que também dispara...



Um pé no Brasil, outro na Argentina

ESTA é a Ponte Internacional, ligando a cidade brasileira de Uruguaiana (Rio Grande do Sul) à argentina de Los Libres. Sua inauguração data de outubro de 1945, e na verdade a famosa ponte tem a sua história. Por ela transitam mais de cinco mil pessoas nos dias comuns, das seis às dezoito horas, enquanto os veículos de tôdas as espécies — autos, carros de tração animal, ônibus, lotações, camionetes, "jeeps", etc. — fazem a comunicação entre os dois povos vizinhos, sob a vigilância das autoridades policiais e alfandegárias. Muito se tem falado da indústria do contrabando praticada através da ponte, e apesar daquele rigor de policiamento, por indivíduos de ambos os sexos, useiros e vezeiros em transportar ocultamente tôda sorte de mercadorias, em ambos os sentidos. Abordando o momentoso assunto, daremos no próximo número, uma completa reportagem feita por Celestino Silveira na visita recentemente empreendida à região fronteiriça. Curiosos flagrantes fotográficos foram obtidos pelo nosso companheiro, tendo para consegui-los, de se colocar em pontos estratégicos. Êsse que se vê acima, foi tomado do terraço do pavilhão em que, no lado de Uruguaiana, estão instaladas as dependências da polícia imigratória. O panorama que se pode ver do lado oposto do rio Uruguai, é de Paso de Los Libres. Há muitas revelações interessantes a transmitir ao leitor, obtidas nesse ponto de observação, sem que os "interessados" pudessem tomar conhecimento da presença de um repórter. (Foto C. S.)

CORREIO DA REVISTA

P. P. (Ribeirão Prêto) — O amigo tem imaginação; mas o seu português não ajudou. Por isso, não foi aprovado o conto "Os apuros do Cometa".

O. N. (Rio) — Muito curto o seu trabalho "Casa Branca da Bôca do Mato".

Waldemiro J. de Sousa (Rio) — Ficou muito curtinho o conto "A mulher ou o céu". Quanto ao outro, "O pacto maldito", vai ser julgado.

N. C. de A. (Distrito Federal) — O seu "Remorso" não pôde ser aproveitado.

M. A. M. (Rio) — O conto "O Retrato" não foi aprovado. A autora se perde em amplificações inúteis, tornando fastidiosa a narrativa. O comêço, então... Literatura é, antes de tudo, arte. Procure limpar seu estilo, dessas superfluidades condenadas em literatura. E muito agradecidos pelos votos de Boas-Festas.

O. B. C. (Guaratinguetá, S. Paulo) — Não houve jeito de aceitarmos o "E êle voltou". Há muita pieguice na história.

Elci Alves dos Santos (Quartel do 20.º B. I. — Goiás) — Não temos o enderêço da publicação referida em sua carta.

R. de A. (Rio) — Não passou o seu conto "Engano Fatal".

Pedro M. dos Santos (Belo Horizonte) — "A última lágrima" perdeu a oportunidade. De futuro, queira mandar essas produções especializadas, com uns dois meses de antecedência.

N. V. (Petrópolis) — Não foi aprovado o seu conto. O português não ajudou, como se pode ver pelo próprio título: "As três *Irmães* de Caridade". O plural de *irmã* é *irmãs*, não *irmães*.

J. F. Ribeiro (Rio) — "Natal de Mendigo" também ficou prejudicado.

L. de F. (Rio) — "Três Minutos" não pôde passar.

Léo de Alencar (Belo Horizonte) — Muito curto o seu "Verão".

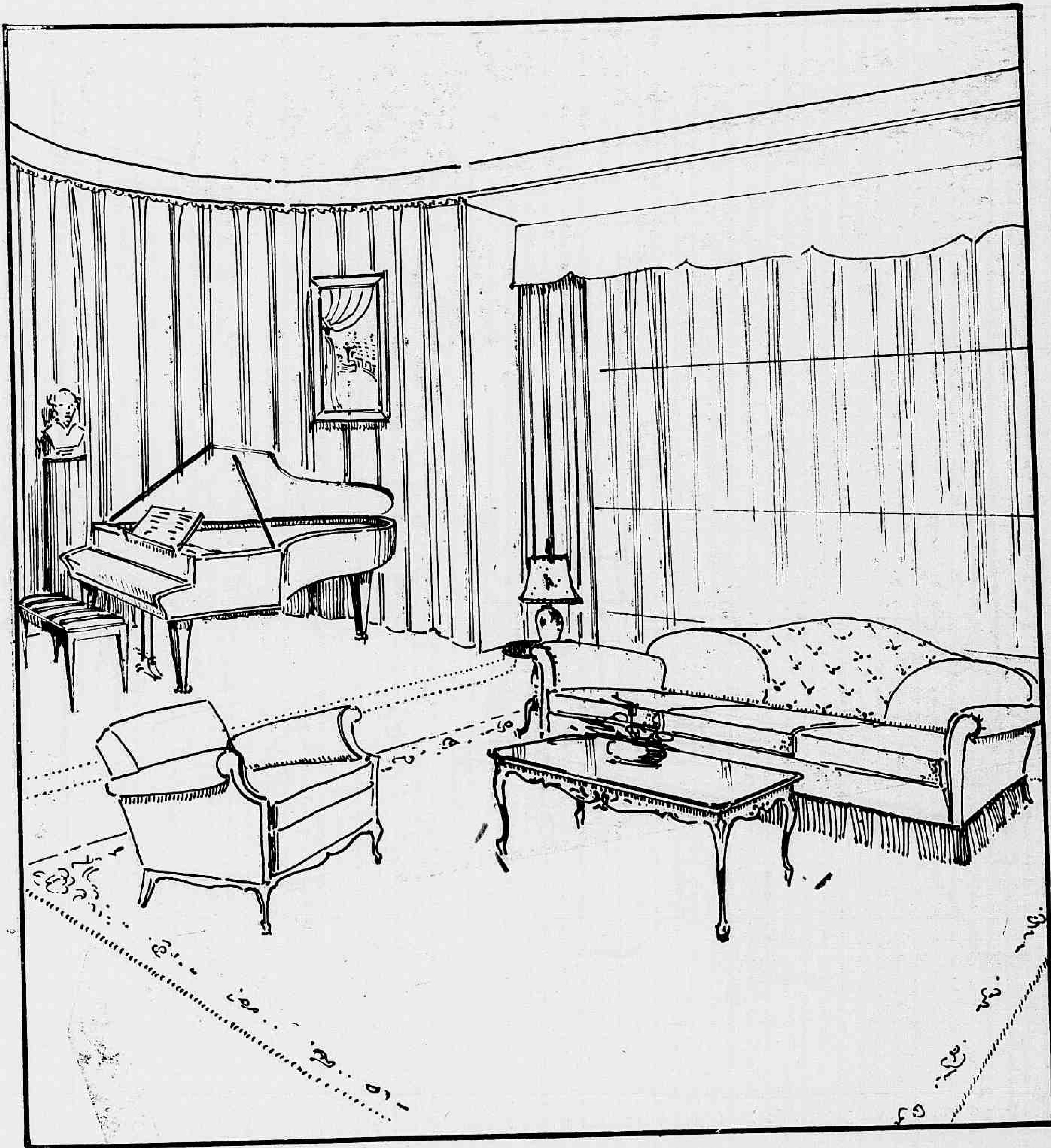
BOAS-FESTAS

Agradecemos e retribuimos mais as seguintes mensagens de Boas-Festas recebidas: Oscar Flues & Cia. — Antônio Mazzoni — Agência de Revistas S. José, Timbaúba, Pernambuco — Livraria Escolar, Palmares, Pernambuco — Bartolomeu de Oliveira, João Pessoa, Paraiba — Tintas Vitória — S. A. Luna, João Pessoa, Paraiba — Casal de Rey & Cia. Ltda., S. Paulo — Serviço Francês de Informação e Imprensa da Embaixada de França — Estevam Carraro, Erechim, Rio G. do Sul — Fernando Antônio Humberto Monte, Fortaleza, Ceará — General Electric S. A. — Anizalôr Milléo — Francisco Riccio — Eugênio Morato, B. Horizonte, Minas — Livraria Fernandes, Joinvile, Sta. Catarina — Alvino Andrade (Pitangueiras, S. Paulo) — Alexander Petersen & Cia. (Hamburgo) — Editorial Guanumby (S. Paulo) — Editôra Press Service, Inc. — National Paper & Type Company — Cia. Quimica Rhodia Brasileira — Legação da Suiça no Brasil — George G. Cohean — Cia. T. Janer — Federação Atlética de Estudantes.

Respostas ao teste

1—O papo das aves
2—Limbo
3—Lipograma
4—Marouço
5—Castro Lopes
6—Mirmecófago
7—Mirmidão
8—Indivíduo que costuma andar à noite
9—Elegante, conquistador
10—Bailéus
11—Azêmola
12—Ave-Marias
13—O que detém as hemorragias
14—Frugívora
15—Faldistório
16—Fanático
17—Sensação de bem-estra
18—Flos-Sanatório
19—Arte de pescar
20—Seis mil

MÓVEIS * TAPÊTES * CORTINAS



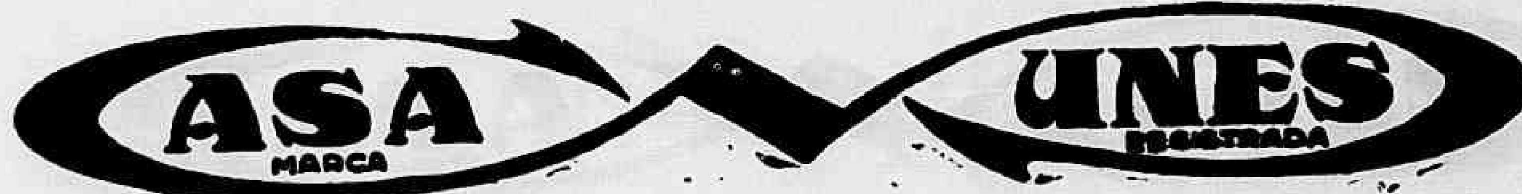
Projeto e execução da CASA NUNES

PASSADEIRAS PARA FORRAÇAO

LISAS E COM FLORES — EM TÔDAS AS LARGURAS

GRUPOS ESTOFADOS

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PARA ENTREGA IMEDIATA



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H-88.066